ENSAIO SOBRE A *PANDEMÊNCIA*
QUANDO PERSONAGENS E MICRÓBIOS DA FICÇÃO-CIENTÍFICA SAEM DO FILME E INVADEM O PLANETA – UM ACOMPANHAMENTO CRITICO DE ENUNCIADOS SOBRE A COVID-19 EM MEIOS DE COMUNICAÇÃO LEIGOS E TÉCNICOS

Luis David Castiel[1]

PARTE 1

Abstract:

- Este ensaio faz uma reflexão ético-filosófica sobre os efeitos das contingências emergenciais da pandemia de COVID-19. Ele procura compreender, atribuir significados e criticar enunciados de meios de comunicação acadêmicos e leigos diante de eventos da pandemia de COVID-19, especialmente no Brasil. Vivemos momentos especialmente dramáticos em função da sinergia da grave doença que acomete o país e o planeta e de um governo que se destaca por sua gigantesca incapacidade de lidar com a calamidade. No momento desta escritura estamos na segunda quinzena de abril de 2020 – ano para não mais se esquecer. Neste instante, somos atropelados por fatos que não cessam de nos assombrar cotidianamente. Vive-se cada dia sob o terrível império desta pandemia. Assim sendo, este texto se caracteriza por ser elaborado em meio ao desolamento social provocado pelos esforços de controle e atenção à saúde dos afetados, apesar do patético quadro político, sobretudo no que se refere ao complexo contexto político atual e das profundas dificuldades econômicas do país.

- Este ensayo hace una reflexión ético-filosófica acerca de los efectos de las contingencias de emergencia de la pandemia COVID-19. Trata de entender, atribuir significados y criticar las referencias a la pandemia, especialmente en Brasil. Hay momentos especialmente dramáticos debido a la sinergia de la grave enfermedad que afecta al país y al planeta y a un gobierno que destaca por su gigantesca incapacidad para hacer frente a la calamidad. En el momento de este pasaje de las Escrituras estamos en la segunda mitad de abril de 2020– año que no hay que olvidar. En este momento, nos golpean hechos que nunca dejan de atormentarnos a diario. Uno vive todos los días bajo el terrible imperio de esta pandemia. Así, este texto se caracteriza por estar elaborado en medio del contexto social causado por los esfuerzos de control y atención a la salud de los afectados, a pesar del complejo marco político actual e de las profundas dificultades económicas del país.

- This essay intends to carry out an ethical and philosophical reflection about the effects of the emergency contingencies of the COVID-19 pandemic. It tries to understand, attribute meanings and criticize referrals to the pandemic, especially in

[1] Médico sanitarista, Doutor em saúde pública pela ENSP- FIOCRUZ, pós-doutorado pela Universidade de Alicante, Espanha

Brazil. There are especially dramatic moments due to the synergy of the serious disease that affects the country and the planet and a government that stands out for its gigantic unwillingness and inability to deal with this calamity. While this text is being written we are in the second half of April 2020. Right now, we are hit by facts that never cease to haunt us on a daily basis. One lives every day under the terrible empire of this pandemic. Thus, this text is characterized by being, of course, stunned, because it is being elaborated in the midst of the social misfortune caused by the efforts of control and attention 'the health of those affected, despite the present complex political framework and the serious economic difficulties of the country.

Palavras Chave: COVID-19, Pandemia, Riscos sanitários, Medidas de proteção através de distanciamento social, Epidemiologia de doenças transmissíveis

Keywords: COVID-19, Pandemic, Health Risks, Protective Measures through Social Distancing, Epidemiology of Communicable Diseases

Palabras clave: COVID-19, Pandemia, Riesgos para la salud, Medidas de protección a través del distanciamiento social, Epidemiología de las enfermedades transmisibles

Introdução

Desde logo, para justificar o título acima, importa assinalar que houve uma intercessão relevante entre as dimensões aí referidas. Talvez não haja sentido em explicar a palavra-valise (*portmanteau*) "pandemência" que dá início ao título. Pretende apenas sintetizar causas e efeitos provocados no modo de vida geral das pessoas em escala planetária. Decerto mais significativa a apropriação da estrutura "Ensaio sobre..." inspirada em José Saramago em sua obra distópica clássica "Ensaio sobre a cegueira". Além disso, o título ainda faz alusão ao roteiro do conhecido filme de Woody Allen que transita pelo fantástico "A rosa púrpura do Cairo" de 1985, quando os personagens de um filme saem da tela e entram na vida dita real.

Pois bem, sucede, no momento desta escritura que estamos na segunda quinzena de abril de 2020 – um ano para não mais se esquecer. Neste instante, somos atropelados por fatos que não cessam de nos assombrar cotidianamente. Estamos vivendo sob o terrível império desta pandemia.

Assim sendo, este texto se caracteriza por ser, decerto, aturdido, pois está sendo elaborado em meio ao desolamento social provocado pelas medidas de distanciamento. E sendo afetado por informações diuturnas que se assemelham aos comentários de repórteres diante das festas de comemorações de vitória da escola de samba no desfile de Carnaval: "não tem hora para acabar".

Pois bem, os coronavírus constituem uma família de centenas de vírus que podem causar febre, problemas respiratórios e, às vezes, sintomas gastrointestinais também. O novo coronavírus de 2019 é um dos sete membros desta família conhecidos por infectar humanos, e o terceiro nas últimas três décadas a saltar de animais para humanos[2]. (https://www.wired.com/story/what-is-a-coronavirus/, consultado em 20/03/2020).

Tem-se a impressão que estamos diante de uma praga bíblica uma vez que está ocorrendo um pandemônio[3] sanitário em vários aspectos que se desdobram inapelavelmente em efeitos políticos, econômicos e sociais de cada nação deste mundo.

Dimensões simbólicas relacionadas à pandemia

Há aspectos alegóricos que marcam algumas dimensões desta situação calamitosa. Como é sabido, os coronavírus são compostos de uma tira de RNA, e esse

.[2] Não parece apropriado, nem moralmente razoável considerar algo de pitoresco numa pandemia. Mas, mesmo não sendo, pode-se especular que se vive num aparente processo de mudança das maneiras de designar doenças. Cada vez mais parece existir agravos que são batizados seguindo critérios relacionados a alguns nomes codificados em língua inglesa como no caso do SARS (*Severe Acute Respiratory Syndrome*), do MERS (*Middle East Respiratory Syndrome*), do COVID-9 (*Coronavirus Disease 2019*). Curiosamente, isto não sucedeu no caso do TDAH (ADHD em inglês - *Attention Deficit Hyperactivity Disorder*).

[3] A expressão "pandemônio" foi criada pelo autor inglês John Milton (1608-1674) no seu clássico poema épico "Paraíso perdido". O trecho no qual aparece a expressão: "o palácio de Satanás se ergue, subitamente construído das profundezas: os participantes infernais lá se sentam no conselho" (https://www.britannica.com/biography/John-Milton, consultado em 19/03/2020). Impossível evitar a analogia com a reunião do presidente e oito ministros em 18/03/2020, todos envergando máscaras de proteção. Aliás, inesquecível o momento em que o Presidente, ao recolocar a máscara que havia retirado, inadvertidamente (?) cobre seus olhos com ela, reproduzindo o ditado popular em relação ao "pior cego ser aquele..."

material genético é cercado por uma membrana cravejada de pequenas proteínas *spike* - como “espinhos”. Sob microscópio, essas proteínas ficam em um anel ao redor do topo do vírus, dando-lhe o nome — "corona" - latim para "coroa". Quando o vírus penetra no corpo, essas proteínas de espinhos se ligam às células hospedeiras, e o vírus injeta esse RNA no núcleo da célula, seqüestrando as máquinas de replicação da célula para reproduzir mais vírus. A infecção se segue. (https://www.wired.com/story/what-is-a-coronavirus/, consultado em 20/03/2020)

Ora, há, pelo menos, duas coincidências aí: por um lado, uma referência inevitável às coroas feitas com jóias que distinguem reis e rainhas e seus históricos poderes aristocráticos, sobretudo na era feudal. Mais ainda: a referência ao salvador nas religiões cristãs que foi obrigado a usar uma coroa de espinhos em sua crucificação.

Ou seja, haveria uma referência de poder e outra de subjugação e martírio. Se cabe, ambas perspectivas podem ser aplicadas ao COVID-19 quanto a seus efeitos infecciosos e virulentos. Por um lado, seu grande *poder* em termos de disseminação, e por outro, sua capacidade de infligir sofrimento àqueles que perdem entes queridos que pertencem à população de maior risco de morte. Neste caso, sem a possibilidade de ressureição como a de Jesus[4].

Há ainda a questão de se tratar a presença de epidemias de doenças transmissíveis na atualidade como algo passível de ser relacionado com as pestes da antiguidade. Obviamente, não havia conhecimentos suficientes em termos epidemiológicos nem terapêuticos para superar estes acontecimentos calamitosos. Com avanços científicos, pode-se ter recursos em termos do desenvolvimento de tecnologias, medicamentos, vacinas e práticas preventivas para lidar com a disseminação epidêmica de doenças infectocontagiosas.

A ampliação da longevidade em determinados grupos sociais seria apenas um dos indicadores destes avanços. Mas, de que adianta quando se a maior letalidade da COVID-19 é justamente as faixas etárias mais elevadas? As formas de organização política, econômica e social adotadas pelo modo de produção industrial que substituiu o feudalismo ensejaram inegavelmente muitos avanços em diversos setores da vida humana. No entanto, a distribuição destas benesses foi bastante iníqua. E, também, não conseguiu impedir sinais e sintomas que parecem indicar que algo recalcado retornaria. Como se não fosse possível evitar algo de podre no reino do capitalismo.

Pois bem, é curioso abordarmos a etimologia do termo “vírus”, pois sua origem faz referência a sumo, suco, sêmen e, também, peçonha, veneno. O correspondente antepositivo **vir (i/o**), faz menção a virulento e a termos médicos como virose, viricida, etc. em referência à acepção “veneno”. Curiosamente, mesmo levando em conta a inclusão de “sêmen” aqui, não é explicitado que o termo “viril” proviria deste

[4] Mas, deixemos de chorumelas. A rigor, segundo Pepe Escobar, houve uma santa católica que foi consagrada como Santa Corona, tendo sido martirizada pelos romanos. Está enterrada na cidade de Anzu desde o século IX. Ela foi uma cristã morta sob o imperador Marco Aurélio em 165 A.D., e há séculos é uma das santas padroeiras das epidemias e pandemias. (https://vermelho.org.br/2020/03/17/china-travou-guerra-hibrida-com-os-estados-unidos/, consultado em 20/03/2020)

trajeto etimológico. Mas sim de vir(i) que vai gerar virilha, virilidade etc (Houaiss, 2001)

Temos, neste momento, que afirmar que é impossível deixar de interpelar a dimensão paradoxal desta "venenosa" pandemia. Até porque, em termos imaginários delirantes, isto é próprio de aterrorizantes enredos distópicos (ver pós escrito).

Cabe esclarecer que não é nossa intenção "politizar" a questão no mal sentido da expressão, especialmente diante das diatribes entre atuais posições ideológicas díspares que não conseguem dialogar. Mas para alguns críticos dos caminhos assumidos pelas formas de organização dos assuntos humanos, tais "desvarios" acima mencionados teriam relação com o capitalismo e seu lado especular negro - expressão obviamente sugerida pela série sobre os efeitos distópicos da tecnologia mais conhecida pelo seu título no idioma inglês – *Black Mirror*.

Saúde versus Economia: aportes filosóficos nos confrontos pela atribuição de significados à pandemia

Importa ressaltar que antes do COVID-19, o neoliberalismo já se constituía com sua própria epidemia causada pelo vírus da precarização. Um mal social que admitiu, muito antes da declaração de estado de alarme, seu próprio regime de emergência para certos grupos considerados socialmente excedentes ou marginalizáveis. Grupos desprotegidos compostos por pobres, desempregados, migrantes, trabalhadores domésticos, famílias de um único país, refugiados, pessoas sem documentos, etc. – as opressões de gênero, classe e raça são fundamentais aqui. (https://lavoragine.net/covid19-virus-era-neoliberal/, consultado em 15/04/20-20)

Neste sentido, vale trazer os comentários de Butler (2020) ao indagar acerca dos efeitos da pandemia quanto as ideias de igualdade, interdependência global e as obrigações de uns com os outros. Os modos como o vírus atua e provoca seus efeitos sobre os grupos humanos mostram nossa correspondente precariedade. Ao mesmo tempo, há de se levar em conta o fracasso de certos países e locais em se prepararem de forma efetiva com a devida antecipação. A utilização de medidas relativas ao fechamento de fronteiras não deixa de ser sugestiva de posturas xenófobas.

Acresce a ação de empreendedores sequiosos para obter lucros do sofrimento planetário. Isso mostra a velocidade com a qual se mantém a desigualdade radical – que inclui nacionalismo, supremacia branca, violência contra as mulheres e contra as populações *queer* e *trans.* E, sem qualquer surpresa, a máquina capitalista produtora de desequilíbrios desenvolve formas de sustentar seus poderes no interior de setores afetados pela pandemia. (https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/20/judith-butler-sobre-o-covid-19-o-capitalismo-tem-seus-limites/, consultado em 21/03/2020).

Neste caso, aparece a posição de desfaçatez ultraliberal especialmente em países como o Brasil ao indagar acerca da necessária atuação e responsabilidade do Estado em enfrentar a pandemia. Pergunta-se, então: o grau de minimalismo do Estado é compatível para enfrentar esta gigantesca calamidade, com recursos que transitam por uma precarização progressiva do SUS como estrutura pública de

atenção para aqueles que não têm acesso aos serviços privados? A resposta é simples: em grande parte, a dificuldade em dar uma resposta ao vírus é o preço que o planeta neoliberalizado estaria pagando por décadas investindo pouco nos sistemas públicos de saúde em grande parte do mundo.

E ainda há controvérsias sobre a melhor forma de lidar com este estado de coisas. Por exemplo, a matéria da *Folha de São Paulo* sobre a divergência de epidemiologistas anglo-saxônicos sobre as medidas mais indicadas para evitar a disseminação da COVID 19 no Brasil. Desde logo, assumiu-se a dificuldade entre um padrão de mitigação, permissivo e um outro de supressão, restritivo.

Na primeira escolha, a ideia seria de procurar diminuir o avanço da doença, sem necessariamente detê-la, para resguardar os sistemas de saúde diante da pressão dos casos que chegam demandando o uso de respiração artificial. Nesta perspectiva, a ideia é identificar e colocar em quarentena os já infectados, fazendo a mesma coisa com as pessoas que tiveram contato com eles. Usa-se ainda o chamado "distanciamento social" – evitar ao máximo o contato interpessoal com o resto da população.

No segundo enfoque, supressivo, o objetivo é manter o número de novos casos num nível constantemente reduzido. Trata-se de sustentar o distanciamento social de quase toda a população, a quarentena de todos os casos identificados, juntamente com seus familiares e, conforme as circunstâncias, o fechamento de instituições, como escolas e universidades.

Em estudos mediante simulações em modelos matemáticos de ambas estratégias para os contextos do Reino Unido e dos EUA, pesquisadores calcularam que o cenário de mitigação seria capaz de reduzir em dois terços a demanda pelo sistema de saúde e cortar pela metade o número de mortes, ainda que atingindo centenas de milhares de indivíduos.

Na supressão, o complicador seria o tempo muito longo para que medidas eficazes de saúde pública, como vacinas, estejam disponíveis (talvez cerca de 18 meses). Em caso contrário, a quantidade de novos casos voltaria a elevar-se rapidamente logo que restrições fossem afrouxadas. Seria possível pensar numa sequência de medidas híbridas de acordo com a evolução da disseminação da doença, mas aumenta a incerteza em relação a efeitos a longo prazo. Ainda em outra análise, a evolução da pandemia já teria deixado claro que, sem ações radicais, tanto os casos graves quanto as mortes vão crescer exponencialmente.

Diante de avaliações especulativas baseadas na avaliação de indícios, a argumentação de um pesquisador brasileiro da USP postula peremptoriamente que se enfoque diretamente os "fatos" ("a realidade") que "mostram" que somente os países que impuseram distanciamento social e testaram maciçamente sua população, tiveram sucesso no combate à pandemia. Para nossa discussão, chama a atenção aqui a invocação do argumento do acesso à realidade dos fatos para justificar a escolha da abordagem mais apropriada ao Brasil. (ttps://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/epidemiologistas-divergem-sobre-eficacia-de-medidas-drasticas-contra-o-virus.shtml, consultado em 22/03/2020)

De qualquer forma, as medidas de proteção à pandemia do coronavírus no Brasil, a esta altura dos eventos (segunda quinzena de março de 2020) já definiu a necessidade imperiosa de confinamento social ou quarentena da população. Em função disto, o geógrafo e sociólogo Demétrio Magnoli, colunista da Folha de São Paulo, edição de 21/03/2020 enfatiza sinteticamente um dos paradoxos desta medida: o dilema entre considerar a doença sob o ponto de vista epidemiológico/naturalista ou sociológico/normativista quanto às questões de enfoques que ainda são sintomaticamente polemizados entre hostes ideológicas do campo sanitário. Como enuncia Magnoli:*"Os esclarecidos fazem bem em decorar os mandamentos da epidemiologia—mas incorrem em erro de classe ao jogar fora os manuais básicos da sociologia. Não declaremos uma guerra cujas vítimas serão os outros—os sem patrimônio, cartão de crédito e investimentos financeiros*." (https://www1.folha.uol.com.br/colunas/demetriomagnoli/2020/03/nos-esclarecidos-precisamos-pensar-fora-da-bolha-da-alta-classe-media.shtml?origin=folha, consultado em 21/03/2020)

Houve clamores por parte das vozes conservadoras chamando invariavelmente a atenção sobre os danos à economia. Para o jornalista do *New York Times* Thomas L Friedman, (https://braziljournal.com/coronavirus-medicos-defendem-abordagem-cirurgica-em-vez-de-*lockdown*-indefinido, consultado em 23/03/2019) os políticos estariam sendo obrigados a tomar enormes decisões de vida ou morte, enquanto atravessam uma neblina com informação imperfeita e todo mundo no banco de trás gritando com eles – exagerada analogia alegórica...

Tal posição é inspirada na declaração de John Ioannides, epidemiologista e codiretor do Centro de Inovação e Meta-Pesquisa da Universidade de Stanford. Ou seja, há outra posição que indica que antes de adotar a abordagem de supressão, seria preciso considerar a imensa falta de informações básicas sobre a Covid-19 e o vírus que a causa. O argumento: o desconhecimento em relação a quantas pessoas estão infectadas. Pois, em geral, só uma fração pequena dos doentes com sintomas graves, estaria fazendo os testes que comprovam a presença do vírus. Assim sendo, seria impossível estimar o risco real do problema.

Ainda é feito um comentário sobre o desemprego estar se *alastrando tão rápido* como o vírus e fazer com que a economia estivesse sendo prejudicada de tal forma que poderia *comprometer a próxima geração*. E levantam a hipótese desta *cura ser pior que a doença*... É simples perceber o espetáculo retórico por meio de hipérboles e metáforas discutíveis como elementos que "descreveriam" a realidade da situação.

(https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/epidemiologistas-divergem-sobre-eficacia-de-medidas-drasticas-contra-o-virus.shtml, consultado em 22/03/2020)

No último dia do mês de março de 2020, a taxa global de letalidade devido a COVID-19 era de 4,7%. Este valor é assumidamente de pouca confiabilidade por várias razões, em geral, variando com as condições de vida das pessoas e com a estrutura de atendimento dos serviços de saúde. E, a grosso modo, há uma correlação entre essas dimensões. Além disso, como já mencionado, é difícil aquilatar o número real de infecções. De qualquer forma, há mais 3 fatores que interferem nestas taxas: - o

estágio epidêmico no país, o número de testes diagnósticos aí realizados e o desempenho do sistema de saúde. Ainda é importante levar em conta a quantidade de indivíduos que morreram pelo COVID-19 que viriam a falecer neste período por outras razões.

É importante também considerar o grau de preparação do sistema de saúde em relação à entrada da doença no país. Isto afeta a incidência de óbitos conforme as circunstâncias de sobrecarga dos serviços de atendimento, em especial relativo ao âmbito da disponibilidade de dispositivos de respiração mecânica.

Mais uma vez, o Prof. Ioannidis é citado para rotular os dados como "totalmente não confiáveis". Não foi possível averiguar se é o mesmo conteúdo já referido anteriormente. Ainda assim, mesmo levando em conta alguma tendenciosidade deste escriba, salvo equívoco, parece haver indícios que este epidemiologista comunga de análises passíveis de vieses conservadores.

(https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/verdadeira-taxa-de-letalidade-do-novo-coronavirus-e-misterio.shtml, consultado em 31/03/2020)

Além disso, considera-se que se acabar ficando claro que a taxa de letalidade da doença é similar ou inferior à da gripe e do resfriado comum nas faixas etárias acometidas, o "*lockdown*" seria despropositado. Neste caso, o distanciamento social severo mantido ao longo de vários meses poderá gerar instabilidades econômicas e sociais que matariam bem mais gente, no fim das contas, do que o próprio vírus. Se correr o bicho pega, se ficar o bicho mata. Mas, posteriormente, verificou-se que a pior hipótese acabou sendo a verdadeira.

E mais: expressam que, mesmo admitindo que sanitaristas e epidemiologistas sérios estejam sendo consultados por políticos, o "mundo" deveria ter cuidado com o "pensamento de grupo" e que "até pequenas escolhas erradas podem ter grandes consequências.

Mais metáforas: a questão é como ser mais "cirúrgico" mantendo a letalidade baixa de modo a fazer com que as pessoas voltem a trabalhar o mais cedo possível com segurança. É citado justamente o artigo de John Ioannidis que faz a afirmação potencialmente perniciosa: a de que não se sabe ainda exatamente a taxa de letalidade do novo coronavírus e sugere que possa ser de 1% ou menor.

Friedman ainda cita o Dr. Steven Wolff do Centro Sobre a Sociedade e Saúde da Universidade de Virgínia que afirma que o *lockdown* pode ser necessário para conter a transmissão comunitária, mas pode custar vidas prejudicando a saúde de outras formas. E mais: a renda é uma das fortes variáveis capazes de afetar a saúde e a longevidade, em especial dos pobres. Para ele, uma abordagem vertical trataria de proteger ao isolar os que correm mais risco de morrer ou sofrer danos a longo prazo. Ou seja, idosos e pessoas com doenças crônicas e com baixa imunidade. O resto da população deveria ser tratado com medidas usuais para lidar com gripes.

No interior dessa perspectiva falaciosa, o distanciamento deveria durar duas semanas. Se houver infectados, os sintomas aparecerão neste período. Ainda temos de nos inteirar de alegorias e sofismas como o que "existe luz no fim do túnel", mesmo que o risco não seja zero. Até porque o risco de acontecer algo ruim com qualquer um de nós em qualquer momento de nossas vidas nunca é zero.

Então, assinala-se a partir deste *non sequitur* que paralisar o mundo todo teria implicações financeiras e sociais potencialmente graves, sendo algo absolutamente irracional. Ora, desde logo, já há dados mostrando que esta análise não deve ser feita por um valor global, mas sim, por grupos etários e que há uma flagrante variação nesta perspectiva. Irracional é desconsiderar esta dimensão.

No Brasil, o Presidente da República e seu Ministro da Economia tentaram passar no Congresso medidas restritivas para redução de gastos ao propor que funcionários públicos assalariados tenham suspensão de seus provimentos por 4 meses – proposta recusada pelo Congresso. E ainda houve um pronunciamento de Bolsonaro que, sem qualquer pudor, sustenta a alegação que a prioridade é privilegiar a retomada de atividade econômica, pois se esta for comprometida irá ser mais prejudicial ainda para o povo.

Ao mesmo tempo, mostra sua faceta tenebrosa sem qualquer pudor (como de costume). No dia 22 de março, em plena campanha contra as autoridades de saúde, Bolsonaro arriscou que as mortes por Covid-19 seriam inferiores das 796 vítimas da gripe H1N1 em 2019. Ao mesmo tempo em que sustentava seu mote quanto ao encerramento das medidas de distanciamento social. Em menos de três semanas os mortos pela Covid-19 no Brasil estavam próximos a um milhar, e a curva de contágios continua elevada.

Nosso atroz presidente prefere liderar um grupo de negacionistas que levam o Brasil a rumos calamitosos. Um deles é o deputado médico Osmar Terra que tem a desfaçatez de inventar inverdades para sustentar versões espúrias de evolução da pandemia, a partir de sua suposta experiência "bem-sucedida" com o H1N1.

(https://www1.folha.uol.com.br/colunas/bruno-boghossian/2020/04/bolsonaro-e-profetas-da-negacao-ignoram-as-vitimas-do-coronavirus.shtml?utm_source#, consultado em 10/04/2020)

O periódico *Lancet* do campo da saúde pública ao trazer um editorial denominado "COVID-19: aprendendo com a experiência", publicado em 28 de março de 2020, faz um apanhado geral sobre a evolução da doença no mundo. O *lockdown* que era uma medida considerada por demais restrita, teria se tornado comum. Mesmo assim, muitas nações ainda não estariam seguindo as orientações explícitas para a contenção da pandemia feitas pela Organização Mundial da Saúde – testagem ampliada, quarentena de casos, seguimento de contatos e distanciamento social. Houve respostas lentas de alguns países (como os Estados Unidos da América, o Reino Unido e a Suécia).

Ainda: muitos governos nacionais demoraram a tratar com seriedade a ameaça da pandemia, por exemplo, ao ignorar as recomendações de evitar aglomerações de pessoas. Logo após esta declaração, o texto agrega que o presidente do Brasil foi fortemente criticado por especialistas da saúde que consideram como atitude reacionária pública o que se constituiu como sua débil resposta.

Como diz o jornalista Emil Chade sem mencionar nomes nem proporções: "*A pandemia também traz o pior e melhor da sociedade. Descobrimos a falta de escrúpulos de quem usa tal situação politicamente. E aqueles que, ignorando os cientistas, colocam uma população em risco em nome de um egoísmo que flerta com*

o crime" (https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-03-17/a-crise-que-definira-nossa-geracao.html?ssm=IG_BR_CM, consultado em 26/03/2020).

Esta posição também é refutada em uma *Live* disponibilizada pela economista Monica de Bolle em 26/03/2020 em que ressalta a insustentabilidade histórica de tais afirmações ao falar sobre o contraponto entre saúde e economia: *"(...) muita gente achando que as medidas sanitárias são excessivas, que elas vão levar a um custo econômico enorme (...) e que não vale a pena porque ele também mata. Portanto, essas medidas sanitárias deveriam ser eliminadas. E se não eliminadas, ao menos substancialmente relaxadas num período de tempo mais curto do que tem sido recomendado pelos infectologistas para fazer (...) o achatamento da curva epidemiológica para não sobrecarregar o sistema de saúde. Esse é um debate falacioso (...). Mesmo não havendo uma crise como a atual para comparar, há vários estudos sobre a grande depressão que analisam as taxas de mortalidade devidas a uma recessão muito forte. O que se conclui destes estudos é que, empiricamente, não é verdade que uma recessão, depressão na realidade, mata muito mais gente que numa situação de normalidade. É claro que as pessoas ficam desempregadas e sofrem. E se ficarem muito tempo desempregadas terão um sofrimento enorme em suas vidas. A questão é o que o Presidente Trump vem falando que a cura (achatar a curva) mataria mais que a doença. Mas, os estudos econômicos não sustentam essa tese de forma alguma. Depressão econômica não mata mais em comparação com tempos relativos à normalidade. Na verdade, se mostram alguma coisa é que tempos de enorme expansão econômica, as taxas de mortalidade na população tendem a subir. Então, exatamente o contrário*" (...). (https://www.facebook.com/TheInterceptBr/posts/2633505566937475, consultado em 19/03/2020)

Mas, permanece subjacente a questão da volta de trabalhadores ao contexto laboral, o fato de seus riscos de mortalidade serem menores. Ainda que não se saiba quanto tal aspecto poderia ser passível de aumentar a mortalidade de idosos. Mas, isto não traria maiores danos à atividade econômica, pois idosos, em geral, não mais seriam produtivos.

A tensão entre Economia e Saúde Pública aparece também no *Lancet Public Health* em um comentário crítico do editor Robert Horton (https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(14)60491-8/fulltext, consultado em 06/04/2020). É feita referência que em qualquer livro texto de economia com postulados neoliberais, é perceptível a ênfase dada a mercados e eficiência, preço e utilidade, lucro e concorrência.

Essas categorias atuam como elementos que inexoravelmente definirão modelos que limitarão qualquer expectativa no sentido de um sistema público de saúde satisfatório. Parece haver um desígnio intencional de privatização excludente. Quando entram em cena as ferramentas de gestão que pretendem avaliar custos e benefícios de investimentos e respectivos retornos como diretrizes que orientam decisões algo relevante se perde ou é desfigurado. É impossível não concluir que a economia neoliberal enquadra a maneira como pensamos e agimos. Ela entroniza o livre comércio, a privatização, o governo como estado mínimo e redução dos gastos

públicos em setores sociais e de saúde. Em suma, uma economia marcada por uma filosofia utilitarista não tem outra saída: articular suas premissas aparentemente bem intencionadas, sustentadas por meio de conceitos elevados como *felicidade* e *prazer* apresentados de modo cínico.

A inevitável menção ao cinismo também é feita também pelo percuciente Demetrio Magnoli. Apesar da extensão, vale a pena:

"As medidas econômicas anunciadas pelo governo implicam perdas colossais de emprego e renda, que se distribuem de modo perversamente desigual, descarregando a conta nas costas dos mais fracos. A equação cínica que as orienta tem duas partes incongruentes. A primeira, expressa pela ordem sanitária de fechamento do comércio e serviços, suspende as regras da economia de mercado. A segunda, expressa pelas novas linhas de crédito, baseia-se precisamente nessas regras. É hora de exigir coerência: a conta precisa chegar às varandas abertas para o mar. Economia de emergência nacional, no lugar de economia de mercado, significa: 1) garantir o salário mínimo aos trabalhadores informais; 2) proibir legalmente demissões durante a emergência, que perdurará além do isolamento; 3) assegurar a sobrevivência dos pequenos e médios negócios fechados compulsoriamente por meio de empréstimos garantidos pelo Tesouro, de longo prazo e a juros negativos. O governo não inventa dinheiro. O estouro da dívida pública seria pago com inflação ou austeridade extrema —isto é, pelos pobres. A alternativa encontra-se num imposto emergencial sobre grandes fortunas, bancos e elevados patrimônios financeiros, além da redução temporária de altos salários do funcionalismo público. Humanismo, ok, mas sem vista para o mar. (https://www1.folha.uol.com.br/colunas/demetriomagnoli/2020/03/pandemia-leva-a-guerra-estupida-entre-arautos-da-vida-e-campeoes-da-economia.shtml, consultado em 11/04/2020)

Vale enfatizar que o imperativo de distanciamento coincide com um novo reconhecimento de nossa interdependência global no novo tempo e espaço da pandemia. Por um lado, somos solicitados a nos recolher em unidades familiares, espaços compartilhados de moradia, ou domicílios individuais, privados de contato social e relegados a esferas de relativo distanciamento. Por outro, estamos diante de um vírus que transpõe fronteiras, completamente alheio à ideia arbitrária de território nacional.

Ampliando conteúdos apresentados num podcast: em busca de uma epidemiotopia?

Vale a pena abordar o interessante *podcast* "Ilustríssima Conversa" do Grupo Folha de São Paulo no qual minha colega Dra. Rita Barradas Barata (RBB) deu em 27/03/2020 uma entrevista denominada: "Uma opinião contrária à quarentena geral contra o coronavírus". Ela traz questões indiscutivelmente pertinentes, sobretudo para uso didático com estudantes de Saúde Coletiva sobre a pandemia. Assim sendo, dela transcrevemos excertos escolhidos com as respostas às perguntas formuladas pela produção de programa e seus correspondentes tempos do decorrer da

entrevista. Os trechos sublinhados servem para indicar tópicos pertinentes aos comentários realizados após as respostas. Há indicação entre colchetes do tempo no decorrer da entrevista em minutos e segundos

[07:02]

Pergunta: A gripe espanhola foi uma das principais epidemias do século XX. A senhora comenta que ela começou a perder força no estado (S.P.) após mais ou menos uns dois meses de do início dos primeiros casos. Como se deu esse processo na época?

RBB: No caso da gripe espanhola não houve nada parecido com uma quarentena como esta que está sendo posta em prática agora. O que houve foi uma disseminação muito rápida e numa situação em que a gripe espanhola, se você se lembrar, a gripe espanhola praticamente pega o mundo todo ao final da Primeira Guerra Mundial. Então, uma situação de extrema desorganização em muitos países, principalmente na Europa que foi o centro onde a guerra de fato se travou. Então, populações já estavam muito debilitadas por toda a situação da guerra e depois isto se espalhou pelo mundo todo. E como foi muito rápido, muitas pessoas, às vezes, famílias inteiras eram afetadas e não havia nem tempo, vamos dizer assim, para se tomar medidas muito importantes de distanciamento ou coisas do tipo. Porque era muito rápido o processo. Mas, por outro lado, como você dissemina a infecção por toda a população, chega momento em que a doença vai desaparecer porque não têm mais suscetíveis. As pessoas - uma parte vai adoecer, como aconteceu na gripe espanhola em que praticamente uma em cada cinco pessoas ficou doente vai adoecer. Mas outras certamente tiveram a infecção e se imunizaram. Então chega o momento em que o vírus, como ele somente vive em organismos vivos, ele não vive livre na natureza, se ele não encontrar ninguém para infectar, ele vai desaparecer. Então, o fato de agora a gente estar fazendo a quarentena vai prolongar o período de disseminação de corona inevitavelmente porque enquanto não tiver praticamente todo o mundo imunizado, dado como não tem vacina, a doença vai continuar a ser transmitida. Ela só vai desaparecer na hora em que toda a população estiver imunizada.

[09:12]

(Foi suprimida tanto uma pergunta quanto à demora do desenvolvimento de vacina contra a COVID-19 assim como a resposta pertinente de RBB)

LDC:. A parte sublinhada parte de uma premissa veraz a posteriori para o caso da gripe espanhola. Mas na pandemia pelo coronavírus, há questões específicas: como saber se a infecção por COVID-19 vai redundar em resposta imunitária ou em doença. E no caso de doença, com qual gravidade? Ademais, a doença apresenta letalidade em todas as faixas etárias, mesmo atingindo proporcionalmente os mais idosos, especialmente aqueles com co-morbidades. Mas não deixa de haver

letalidade, ainda que com taxas mais baixas em mais jovens. Inclusive, alguns que se salvam precisam usar respiradores mecânicos. De certa maneira, conforme as circunstâncias, isto pode vir a comprometer o acesso aos mesmos por parte de outros casos graves, eventualmente de distintas faixas etárias. Então, mesmo considerando diferentes magnitudes de risco, se não houver o distanciamento, há sentido dar margem a aumento da incidência e da mortalidade em nome de uma desejável condição de infecção imunitária ainda desconhecida? Parece que temos aí um dilema ético que decerto já ocorre nos hospitais.

[10:51]

Pergunta: A quarentena tenta conter a velocidade da propagação da doença e a evitar que o sistema de saúde fique sobrecarregado com doentes em estado grave. Por outro lado, algumas pessoas defendem uma estratégia oposta: que o melhor seria manter livre circulação e permitir uma contaminação geral para que para que se criasse logo a imunidade na sociedade e nessa visão isso evitaria o distanciamento e a interrupção das atividades econômicas e a recessão econômica. Qual a hipótese a senhora acha mais adequada. O que a senhora acha desse debate?

RBB: Eu, particularmente, acho que o que seria mais eficiente, exatamente por me preocupar em estudar historicamente essas questões: quarentena nunca foi eficiente para interromper transmissão de nenhuma doença. As quarentenas não são usadas desde o século XV. Elas nunca foram eficientes. O que provavelmente funciona melhor é o que a gente está vendo em um dos países afetados. É se identificar quem é o caso provável ou o caso confirmado, isolar essas pessoas e se fazer quarentena com seus comunicantes. O que é um comunicante? É alguém que tem contato frequente, na mesma casa, no mesmo local de trabalho com aquela pessoa que se infectou. Então, é uma atividade mais focada, não é essa ideia de todo o mundo isolado. Porque não é verdade, não dá para ficar todo o mundo isolado por mais que você não queira ficar na sua casa, não vai trabalhar, (...) acaba havendo contato com outras pessoas que podem estar infectadas. Então, o que aparentemente está acontecendo nos países que conseguiram uma situação um pouco mais confortável em termos de disseminação da doença, se a gente olhar a incidência, não os números absolutos, que eles não servem para a gente ter ideia do risco, mas as taxas de incidência, os países que optaram por controlar mais dirigidamente as pessoas suspeitas, suspeitas mesmo. Não como aqui no Brasil em que a gente está usando um critério de suspeito muito amplo. Qualquer gripe, qualquer resfriado poderia se enquadrar num critério de suspeito, mas, se a gente olhar os sinais e sintomas que foram mais frequentes nas pessoas com casos graves e fosse limitar nosso conceito de suspeito a esses, a gente poderia focalizar melhor esse isolamento. Mas, para fazer isto que eu estou dizendo, a gente, a gente precisaria ter tido exames suficientes para identificar quem está infectado e focalizar naqueles grupos de risco. Porque de 30 a 49 anos, os óbitos são raríssimos, e geralmente, acometendo adultos que tem outra doença. E a questão se concentra no

grupo de 50 para cima, mais particularmente, no grupo de 60 para cima. Então, eu acho que essa coisa de pôr a população toda em quarentena, principalmente a população que não tem riscos. Veja que se tiver a infecção, vai ter uma infecção leve, eu não acho que seja a opção correta. Porque você exatamente deixando as pessoas que poderiam se infectar desenvolverem imunidade, sem adoecer ou sem adoecer gravemente, isoladas. Para quê? Então, a única coisa que vai acontecer é que nós vamos levar muito mais tempo para nos livrar dessa epidemia. Além do que com consequências sociais e econômicas muito piores que a própria doença

[14:40]

LDC: É preciso considerar aqui a carga metafórica no uso da ideia de "quarentena" utilizada pelos epidemiologistas de doenças infecciosas do Imperial College. Como foi bastante divulgado, foram eles que desenvolveram modelos para verificar a efetividade comparada de estratégias de mitigação/supressão como modelos de enfrentamento da pandemia. Não tem nada a ver com o procedimento assim conhecido desde o século XV. A rigor, o termo pode ser usado em caso de estabelecimento de um caso de contato de um indivíduo com alguém que tenha tido resultado positivo para o vírus. Dentro do enfoque de supressão, mesmo havendo possibilidade de contaminação, a perspectiva é que esta iniciativa, de forma agregada, seja capaz de diminuir o contágio, de maneira a reduzir a alta taxa de reprodução do SARS-COVID 2. Assim, pretende-se impedir uma alta elevação simultânea de casos. Isto sim é capaz de pressionar os recursos tecnológicos e até de pessoal referentes à atenção médico-hospitalar.

A suposta "população que não tem riscos" de óbito, os tem, ainda que menores se comparados com os riscos de morrer dos idosos com co-morbidades. Mesmo com as dúvidas crescentes quanto à subnotificação de dados de incidência, sobretudo de casos. Há referências à mortalidade da pandemia em diversos países que não parecem corroborar tão categoricamente que são raríssimos os óbitos na faixa 30-49 ou que há população que não tem riscos. E, mesmo aqueles infectados que não manifestam a doença podem contaminar outros que podem assim ser acometidos pela doença.

Além disso, o argumento das consequências econômicas e sociais muito piores que a própria doença evoca as posições de grupos que parecem estar, de fato, mais preocupados com suas próprias finanças do que com a magnitude dos comprometimentos à saúde da população em geral vir a ser mais ou menos prejudicada em qualquer das formas de abordagem. A economista Mônica de Bolle referida neste mesmo capítulo procura demonstrar como isto não teria ocorrido a partir desta situação de uma suposta recessão mundial decorrente desta pandemia poder ser vista como passível de ter equivalência com a depressão americana iniciada no final da década de 1920 (...).

O articulista Hélio Beltrão da Folha de São Paulo, presidente do Instituto Von Mises do Brasil, numa crítica ao governador de São Paulo - João Dória - escreveu : "*O bom gestor (...) sabe que o travamento da atividade econômica em tempos de*

pandemia não deve prescindir de uma sólida base científica. Tal base faltou ao infame paper do Imperial College, adotado como referência por diversos países e cuja adaptação ao Brasil previu 1 milhão de mortes na ausência de um lockdown por meses a fio. Em meio a inúmeros equívocos metodológicos, o paper ignorou os custos envolvidos nas paralisações propostas, uma falha fatal. Em uma analogia, foi adotada a quarentena baseada em um modelo resultante de opinião pessoal, antes dos ensaios clínicos randomizados, a norma de ouro da ciência médica."

(https://www1.folha.uol.com.br/colunas/helio-beltrao/2020/04/o-calculo-politico-do-governador.shtml, consultado em 24/04/2020)

Trata-se de uma crítica despropositada atribuindo inúmeros equívocos metodológicos ao "infame paper" do grupo de epidemiologistas do Imperial College. A rigor, foi desenvolvido um modelo matemático relevante para se lidar com uma situação de emergência pandêmica por um vírus desconhecido. E, portanto, para o qual não existe terapêutica nem vacina. Desta forma, não há como se desenvolver ensaios clínicos randomizados pregressos. A crítica que o modelo era resultante de opinião pessoal é, no mínimo, ingênua. A questão precípua em foco se voltou, em essência, a procurar conter a pandemia, custasse o que custasse. Diante das circunstâncias emergenciais, não caberia ao grupo de Neil Ferguson desenvolver estudos de modelagem complementares sobre "*os custos envolvidos nas paralisações propostas"*.

A expectativa de Beltrão parece ser a de quem está opinando sobre algo que não dispõe de maiores conhecimentos. Como se fosse esperado que a epidemiologia subjacente aos modelos matemáticos fosse capaz de resolver suas possíveis expectativas de aquilatar a dimensão aproximada das perdas humanas para cada nação. E, sobretudo, o tempo de suspensão de atividades econômicas. Mas, essa questão também recai sob a perspectiva mais instrumental da epidemiologia como se ela fosse capaz de ser redentora dos males sanitários - uma *epidemiotopia*.

De certa forma, até pode ser parcialmente, se encaramos as doenças sob o ponto de vista naturalista - que sustenta que a saúde é uma condição que depende apenas de fatos naturais (biológicos ou físicos) devidamente mensuráveis e passíveis de medidas de controle acessíveis. Algo que, por exemplo, diversos países africanos empobrecidos não terão como dispor. E, certamente não será em se tratando das doenças sob o ponto de vista normativista, que sustenta que a saúde é um estado que depende de considerações avaliativas de caráter normativo para além de aspectos desta ordem classificatória. Pois, inclui aspectos econômicos, políticos e sócio-culturais. E nas contingências de uma pandemia, pode haver um destroçamento da circunscrição analítica de enfoques.

Além disso, é preciso dimensionar a possibilidade dos estados de "quarentena" se sustentarem além de um certo período de tempo. Os contextos das formações nacionais em suas caraterísticas sociais, culturais, políticas, econômicas, em termos gerais, e, especificamente, em termos de organização e capacidade de seus sistemas de saúde podem ter distintas capacidades de resposta a um quadro de tamanha gravidade.

A grosso modo, as populações de certos países podem adotar os comportamentos preventivos preconizados de distanciamento social de modo mais "disciplinado" que outros. No caso de um país com aspectos de imensa iniquidade como o Brasil, a margem de se submeter a regimes de quarentena viável deve ocorrer, em grande medida, com grupos socioeconomicamente privilegiados. E, ainda assim, quanto tempo as pessoas e suas configurações de modo de vida conseguem ficar sob este regime?

Além disso, é imperioso que as correspondentes autoridades sanitárias tenham respaldo político, recursos financeiros, humanos, técnicos e autonomia para atuarem de modo efetivo. O exemplo possivelmente mais evidente disto reside na experiência da Alemanha. Fundamental é se ter em conta que em muitos rincões deste mundo, é elevado o grau de precarização de grandes contingentes da população e da capacidade de respostas institucionais - nem especificar a tibieza de governantes de alguns países. Nestas situações, há considerável probabilidade de fracasso das medidas de quarentena, uso de máscaras e, sobretudo, a rapidez com que tanto o sistema de saúde assim como o aparato funerário entram em colapso com seus hediondos resultados. Se for o caso, talvez coubesse uma pesquisa de caráter global relacionando, por exemplo, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) - medida resumida do progresso a longo prazo em três dimensões básicas do desenvolvimento humano: renda, educação e saúde - e dados epidemiológicos padronizados em coeficientes referentes à pandemia.

A forma como a Suécia lidou com a situação recebeu uma matéria da revista *Nature* que merece uma abordagem um pouco mais extensa pois serve como um estudo de caso de questões acima colocadas. Grande parte da Europa impôs severas restrições à vida pública para conter a propagação do coronavírus. A Suécia não entrou em confinamento ou impôs políticas rígidas de distanciamento social. Em vez disso, implementou medidas voluntárias e "baseadas em confiança": aconselhou os idosos a evitar o contato social e recomendou que as pessoas trabalhem em casa, lavem as mãos regularmente e evitem viagens não essenciais. Mas fronteiras e escolas para menores de 16 anos permaneceram abertas — assim como muitas empresas, incluindo restaurantes e bares.

A abordagem teve críticas agudas e apontou para o alto número de mortes por coronavírus em lares de idosos e a taxa global de mortalidade da Suécia, maior do que a de seus vizinhos nórdicos: no total, até 24/04/2020, há 2.152 mortos, 9º maior número na Europa, a mesma colocação quando se considera a taxa de letalidade em relação à população. Eram 20 mortes por 100 mil habitantes, enquanto: 6,8 mortos/100 mil na Dinamarca, 3,6 na Noruega e 3,1 na Finlândia, que adotaram bloqueios. (https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/04/suecia-ameaca-fechar-bares-e-restaurantes-que-nao-reduzirem-lotacao.shtml, consultado em 25/04/2020)

O mentor da estratégia é Anders Tegnell, epidemiologista da Agência de Saúde Pública da Suécia, um órgão independente cujas recomendações especializadas o governo segue.

Segundo a *Nature*, Tegnell mencionou que esta não é uma doença que pode ser interrompida ou erradicada, pelo menos até que uma vacina validada seja

produzida e utilizada. O que cada país está tentando fazer é manter as pessoas separadas, usando medidas disponíveis para implementar essas medidas. As leis suecas sobre doenças transmissíveis baseiam-se principalmente em medidas voluntárias — sobre responsabilidade individual. Diz claramente que o cidadão tem a responsabilidade de não espalhar uma doença. Este é o núcleo da intervenção, uma vez que não há possibilidade legal de fechar cidades na Suécia de acordo com as leis atuais.

É difícil falar sobre a base científica de uma estratégia com esses tipos de doença, pois não sabemos muito sobre ela e se aprende à medida em que se está atuando, dia após dia. Não haveria bases científicas quanto à efetividade de fechamentos, bloqueios, restrições de circulação. Como sociedade, estamos mais em função de cutucar (*nudging*): lembrando constantemente às pessoas a usar medidas, e as ajustando no dia a dia, conforme as circunstâncias. Não há necessidade de fechar tudo completamente porque seria contraproducente. De todas as formas a abordagem tem sido criticada por ser muito relaxada.

De acordo com Tegnell, a agência de saúde pública sueca divulgou uma modelagem detalhada em uma base região por região que chega a conclusões muito menos pessimistas do que outros pesquisadores em termos de internações e óbitos por mil infecções. Houve um aumento, mas até agora não é traumático. Sobre as escolas, elas vão ficar abertos em nível nacional. No meio da epidemia, a ciência mostra que fechar escolas no meio da epidemia não faz sentido.

A crítica quanto ao papel dos portadores assintomáticos pode ser respondida pelas evidências quanto ao fato que a quantidade de disseminação ser provavelmente bastante pequena em comparação com as pessoas que mostram sintomas. Na distribuição normal de assintomáticas da curva normal situam-se à margem. A maioria dos problemas ocorridos não são por causa da doença, mas pelas medidas que em alguns ambientes não foram aplicadas adequadamente: as mortes entre idosos é um grande problema.

(https://www.nature.com/articles/d41586-020-01098-x, consultada em 25/04/2020)

No entanto, em 25 de abril, o ministro do interior Mikael Damberg declarou a jornais suecos que não queria ver restaurantes ao ar livre lotados em Estocolmo. Sucede que havia vários grupos desfrutando o bom tempo primaveril nos cerca de 1.500 restaurantes ao ar livre da capital. Entre outras coisas, os restaurantes são proibidos de permitir reuniões de mais de 50 pessoas no mesmo local e obrigados a garantir que elas não fiquem de pé ou próximas umas das outras. Há restrições à circulação para maiores de 70 anos e doentes e orientação para que as pessoas circulem o mínimo possível e trabalhem de casa, mas sem obrigatoriedade ou punições.

Mas, se as pessoas não se comportarem como devem, o Ministro diz pretender fechar restaurantes. Ou seja, pode-se especular que a população sueca seria capaz de adotar medidas de confinamento, caso assim fosse determinado pelas autoridades sanitárias. Mas, foi decidido que seria conveniente não fazê-lo, mesmo diante de um padrão de disseminação para o qual ainda não havia protocolos consagrados por

evidências devido à inexistência da afecção. Os resultados, por mais que Anders Tegnell procure justificativas mostra que os resultados não foram compatíveis com o padrão dos demais países escandinavos.

(https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/04/suecia-ameaca-fechar-bares-e-restaurantes-que-nao-reduzirem-lotacao.shtml, consultado em 25/04/2020)

[20:19]

RBB: (referindo-se às determinações de distanciamento social por parte das autoridades sanitárias). Eu custo a entender toda essa mobilização. Eu custo a entender sinceramente, nós temos uma série de outros problemas de saúde. Por exemplo, aqui no Brasil, se a gente olhar, as epidemias de Dengue e a própria endemia da Dengue veio para ficar cá no Brasil. Nós estamos tendo cerca de 80 mil óbitos por ano por Dengue. E ninguém está falando nada. Ninguém está interrompendo a vida e ninguém está tomando nenhuma medida drástica. E nós temos um milhão e meio de casos de Dengue por ano. Então, eu não consigo captar, pelo menos não até agora o que exatamente acabou resultando nesse tipo de movida no mundo inteiro, de repente como se a gente estivesse vivendo uma peste. Não é uma peste. É uma gripe com uma letalidade mais alta e afetando principalmente idosos. Mas, fora disso, o resto da população, as pessoas estão com a impressão, as pessoas comuns, as pessoas menos informadas, que basta pegar a doença que você vai morrer. E não é isso, está muito longe de ser isso. E as pessoas não estão entendendo que não é assim. Então, eu não sei não sei te explicar, não consigo até agora, pelo menos a gente não tem estudos suficientes e informação suficiente para entender porque que isto de repente provocou a situação de calamidade e essa decisão por "pára o mundo que eu quero descer". Eu não sei até onde isso vai nos levar. Eu estou ficando cada vez mais preocupada com as consequências econômicas e sociais que isso possa ter. Eu acho que acabam sendo mais graves que a doença em si.(...)

[22:04]

LDC: Sem dúvidas, o pertinente argumento de falta de investimento governamental para outras doenças como as citadas por RBB se constitui numa falha grave – dentre tantas - na provisão de recursos para o nosso sistema público de saúde. Dentre as razões para isso ocorrer, a grosso modo, está o movimento de privilegiar a privatização da atenção à saúde. Mas, isto não se constitui numa razão suficiente para deixar de se preocupar diante da eclosão inesperada de algo calamitoso como a COVID-19. A "movida" mundial pode ser atribuída a esta contingência que se alastra rapidamente pelo planeta e tem poderes letais. Mesmo não sendo etiologicamente uma peste no sentido nosográfico, não é nada despropositado que seja encarado como se fosse uma peste. Inegavelmente, trata-se de uma doença com poderes calamitosos com gerar sofrimentos e até mortes de pessoa próximas e até de si próprio para as pessoas indicadas por RBB. E não é uma

“gripe”, é como uma gripe, pois foi denominada como SARS - *síndrome respiratória aguda grave* cujas manifestações mimetizam uma “gripe”, mas pode ser mais grave, como foi no caso da MERS (Middle East Respiratory Syndrome). O medo da COVID - 19 pode certamente ter componentes midiáticos. Ainda assim, pelo fato de que quem é contagiado pela doença poder transmití--la para pais, avós, filhos, amigos etc. Esta ideia pode ser consideravelmente amedrontadora. O retorno dos argumentos econômicos e sociais denota a preocupação de RBB com a questão. Para isto. Além de comentário anterior a este respeito, cabe acrescentar duas matérias de 31 de março da mesma empresa jornalística responsável pelo *podcast* com RBB. Uma delas, assinada por Érica Fraga diz que a adoção de medidas restritivas e duradouras de distanciamento social durante uma pandemia, como essa causada pelo novo coronavírus, pode ser capaz de gerar uma recuperação econômica mais rápida e robusta após o seu fim. A conclusão está baseada na experiência dos EUA antes e depois da pandemia de gripe espanhola, de janeiro de 1918 a dezembro de 1920, causando, pelo menos, cerca de 50 milhões de mortes no planeta e infectando cerca de um terço da população mundial. Então, de acordo com um estudo novo, localidades norte-americanas que reagiram com maior presteza à pandemia de 1918 apresentaram uma retomada mais vigorosa no ano seguinte. Nome da pesquisa: *Pandemics depress the economy, public health interventions do not: evidence from the 1918 flu*. Os achados indicam que cidades que adotaram como medidas de distanciamento social, dez dias antes da chegada da pandemia obtveram um aumento adicional de 5% no emprego industrial, em 1919, em relação à média analisada. (https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/04/extrema-pobreza-aumenta-e-pode-piorar-com-coronavirus.shtml, consultada em 31/04/2020)

Além disto, a duração do distanciamento também tende a produzir resultados favoráveis: a duração do distanciamento por 50 dias adicionais – em comparação com a média – assegurou uma elevação extra de 6,5% no emprego no setor manufatureiro pós-pandemia. Os autores deste estudo são os economistas Sergio Correia, Stephan Luck e Emil Verner. Os dois primeiros são do Banco Central americano e o terceiro é da Sloan School of Management, do Massachusetts Institute of Techonology. Importante assinalar tratar-se de um estudo preliminar. Se os resultados forem corroborados posteriormente trarão sustentação no sentido de que medidas mais severas de confinamento durante a atual pandemia tendem a produzir efeitos positivos em tanto na Saúde como na Economia. (https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/03/isolamento-social-durante-pandemia-pode-levar-a-recuperacao-economica-mais-rapida-diz-estudo.shtml, consultado em 30/04/2020)

[24:51]

Pergunta: A gente comentou agora a situação na Itália, o país com mais mortes até agora [foi superado poucos dias depois pelos EUA]. O que ocorreu lá para ter um cenário tão drástico do que em outros países?

RBB: O que acontece na Itália. A Itália tem uma população, principalmente no norte da Itália onde a doença está mais presente. Tem uma população idosa bastante importante e diferentemente d outros países europeus, porque, todos eles têm proporcionalmente uma população uma população idosa importante. Na Itália, com esta coisa das famílias mais ampliadas, esse idosos não vivem isolados, como vivem em outras populações. Então, talvez por isso, eles possam ter sido mais acometidos. E a Itália demorou muito para perceber. E eu acho que a vigilância epidemiológica não funcionou adequadamente para eles se darem conta de que não era uma pneumonia qualquer. Porque, veja, nós estamos no auge do inverno na Europa. Então é comum nesta época, os idosos terem pneumonia. Então, eu acho que eles demoraram para se dar conta que era algo diferente, que não era o que eles estavam acostumados a ver em qualquer inverno. Então, eu imagino que isso seja o que o que possa estar explicando o fato de você ter uma incidência muito alta por comparação com qualquer outro país e uma letalidade muito alta. Ou, então, eu acho que é uma combinação de fatores que tem a ver com composição populacional, com a maneira como é que as pessoas idosas vivem e o fato, me parece, da Itália ter demorado para perceber o que estava acontecendo. Certamente, ela está com problemas de assistência médica para esses idosos. Não tem outra justificativa para uma letalidade tão alta. Agora, é mesmo uma população muito idosa. Porque veja, a média de idade dos óbitos é de 78 anos, na Itália. Quem está morrendo é idoso mesmo. A mediana é 80 anos. A metade dos óbitos está acontecendo acima dos 80 anos e a outra metade, abaixo. Então, é uma situação bem peculiar.

[27:11]

LDC: Após uma breve pesquisa na internet, de fato, primeiro de tudo, a Itália é um país de idosos. Segundo o Instituto Nacional de Estatística (Istat), 22,8% dos habitantes do país em 1º de janeiro de 2019 tinham 65 anos de idade ou mais, proporção inferior somente à do Japão, que é de 27,6%, de acordo com dados do Banco Mundial relativos a 2018. Mas o mesmo Japão teve, como noticiado em 20/03/202 apenas 33 mortes entre 943 casos de Sars-CoV-2, com uma taxa de letalidade de 3,5% e um índice de 0,03 óbito para cada 100 mil habitantes. Para o virologista italiano Fabrizio Pregliasco, professor do Departamento de Ciências Biomédicas da Universidade dos Estudos de Milão, um dos motivos para tal diferença é que o país asiático, teria conseguido monitorar os contágios mais eficientemente e conter a velocidade da disseminação. O resultado de uma estratégia de contenção bem sucedida seriam menores números absolutos de casos e óbitos. A Itália, por outro lado, viu a pandemia crescer em velocidade assustadora e sair de três para 40 mil contágios em menos de um mês. Essa disseminação descontrolada nas primeiras semanas atingiu especialmente a população idosa e deixou hospitais à beira do colapso. Sobretudo na região da Lombardia, epicentro da pandemia na Itália, com 20 mil casos. Por sua vez, a alta taxa de letalidade em relação ao total de casos pode ser explicada pela abordagem estatística adotada pela Itália. Numa primeira fase, foram feitos exames sistemáticos para tentar controlar a doença. Depois somente nos casos

que necessitam internação. Isto faria desaparecer uma quantidade de casos que não chegam a ser registrados. Ou seja, certamente o número real de contágios pelo SARS-COV-2 na Itália é consideravelmente maior do que o divulgado diariamente pela Defesa Civil. Isto resultaria numa taxa de letalidade mais baixa. Por outro lado, a cifra de óbitos também pode estar sendo subestimada. Recentemente, o prefeito de Bergamo, Giorgio Gori, disse à agência Reuters que "muitíssimas pessoas" faleceram em casa ou asilos com sintomas compatíveis com a Covid-19 e, por não terem sido testadas, não fizeram parte das estatísticas.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda que todas as pessoas que possam ter contraído o novo coronavírus sejam examinadas, mesmo que estejam assintomáticas. A realidade, no entanto, mostra que cada país e até mesmo cada região adota uma abordagem própria. Na Itália, o Conselho Superior da Saúde, órgão consultivo do Ministério da Saúde, pediu, em 27 de fevereiro, que fossem examinados somente pacientes com sintomas compatíveis com a Covid-19. Essa mesma diretriz foi reafirmada pelo governo em 9 de março, mas, com um sistema sanitário descentralizado, o que se vê na prática são estratégias conflitantes dentro das fronteiras italianas. O Vêneto (3,3% de letalidade) fez 910 testes para cada 100 mil habitantes, o triplo da média do país (303/100 mil hab.). Já a Lombardia, que lidera o número de casos na Itália e apresenta um índice de letalidade de 11%, fez 519 exames para cada 100 mil pessoas. A região está com hospitais próximos ao colapso e, nas últimas semanas, só foi possível testar pacientes que precisaram ser internados. Ao contrário do Vêneto, que defende o modelo sul-coreano de exames em massa, incluindo em assintomáticos. Por sua vez, a Toscana, com 238 testes para cada 100 mil habitantes e 2,5% de letalidade, pretende usar uma abordagem intermediária: exames de sangue em massa para identificar possíveis sinais de contágio em assintomáticos e, em um segundo momento, submeter os casos suspeitos ao teste da presença do coronavírus. (https://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2020-03-20/por-que-o-novo-coronavirus-e-tao-mortal-na-italia.html, consultado em 02/04/2020).

Por sua vez, no início de abril, começaram a se explicitar fortes indícios de que avança em alto grau a subnotificação da doença no Brasil - há suposição de estimativas de um estudo da Universidade Federal de Pelotas sobre a população gaúcha que o número de infectados seria 7 vezes maior (https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/numero-de-casos-de-covid-19-e-sete-vezes-maior-estima-primeiro-grande-estudo-no-brasil.shtml, consultado em 16/04/2020). Números internacionais denotam estranheza não só pelos números, mas também pela variação incompatível nas razões entre casos e óbitos. A falta de kits para testes e a falta de portaria específica para estabelecer quais casos devem ser considerados capazes de não estar produzindo dados fidedignos nestas circunstâncias.

A subnotificação e suas consequências danosas na aplicação de medidas de de isolamento social

Segundo a epidemiologista Ana Cristina Marques Martins e Marcus Vinicius de Azevedo Braga em matéria da Folha de São Paulo, o fenômeno da subnotificação em relação a um determinado diagnóstico que demanda sua certificação através de testagem apurada pouco disponível em meio à alta velocidade na incidência de novos casos e óbitos. A fórmula conhecida para superar estas dificuldades é: busca ativa de suspeitos, regras claras e explícitas de diagnóstico, capacitação, uso de tecnologia da informação e testes confiáveis (https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/04/o-risco-da-subnotificacao.shtml, consultado em 03/04/2020).

A questão da testagem para a doença, de fato, se mostra crucial para avaliar sua progressão. Diante das dificuldades para a aplicação dos testes diagnósticos, é importante saber que, em um estudo brasileiro, numa colaboração entre o Hospital Israelita Albert Einstein e o Labdaps (Laboratório de Big Data e Análise Preditiva em Saúde) da USP, a inteligência artificial conseguiu acertar o diagnóstico de Covid-19 em 78% das vezes.

Os cientistas agora esperam ampliar a pesquisa para direcionar os escassos testes do novo coronavírus para pacientes que tenham maior chance de estarem infectados. Os pesquisadores da parceria alimentaram algoritmos de inteligência artificial com dados de cerca de 164 pacientes com suspeita de Covid-19 e que para detectar o vírus já tinham realizado exames RT-PCR (sigla em inglês para transcrição reversa seguida de reação em cadeia da polimerase - Passo a passo do PCR: transforma RNA do vírus em DNA; DNA é ampliado utilizando fitas de DNA simples; verifica se há sinais do vírus nas amostras; se positivo, é confirmada a suspeita de coronavírus).

As informações dos pacientes, como exames de sangue, foram usadas para treinar o algoritmo a identificar padrões que pudessem apontar a infecção. O resultado é melhor do que os dos testes rápidos que o governo brasileiro recebeu em forma de doação, destinados para médicos, e que têm limitações. O exame tem uma chance de errar em 75% das vezes quando aponta que uma pessoa não está infectada. Para resultado positivo para contaminação, a taxa de acerto do teste rápido sobe para 86%. Os exames RT-PCR são mais precisos, mas por outro lado seu resultado demora mais. Mas, segundo os pesquisadores envolvidos na pesquisa, a ideia não é substituir os testes pelo algoritmo, mas oferecer uma ferramenta aliada para a tomada de decisão no dia a dia da pandemia, principalmente enquanto os resultados dos testes não ficarem prontos.

(https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/em-estudo-brasileiro-inteligencia-artificial-acerta-maioria-dos-diagnosticos-de-coronavirus.shtml, consultado em 12/04/2020)

É fundamental cogitar nas possibilidades de suspensão das medidas de isolamento social em termos prospectivos. Neste sentido, são relevantes as conclusões de um estudo do grupo liderado pelo epidemiologista Marc Lipsitch publicado na revista *Science*. A incidência total da doença de COVID-19 nos próximos

cinco anos dependerá criticamente se ela entra ou não em circulação regular após a onda pandêmica inicial. Isto, por sua vez, depende principalmente da duração da imunidade que a infecção por SARS-CoV-2 transmitirá.

A intensidade e o tempo dos surtos de pandemia e pós-pandemia dependerão da época do ano em que se estabelece a infecção generalizada pelo SARS-CoV-2 e, em menor grau, quanto à magnitude da variação sazonal da transmissibilidade e do nível de imunidade cruzada que existe entre os betacoronavírus.

É preciso dimensionar quanto as estratégias de distanciamento social poderiam reduzir as infecções por SARS-CoV-2 que que sobrecarregam os sistemas de saúde. O distanciamento altamente eficaz poderia reduzir a incidência de SARS-CoV-2 o suficiente para viabilizar uma estratégia baseada no rastreamento de contato e quarentena, como na Coreia do Sul e em Cingapura. Esforços de distanciamento menos eficazes podem resultar em uma epidemia prolongada de pico único, com a extensão do comprometimento das tensões no sistema de saúde e a duração necessária do distanciamento dependendo da correspondente eficácia.

O distanciamento intermitente pode ser necessário até 2022, a menos que a capacidade de cuidados críticos seja aumentada substancialmente ou um tratamento ou vacina se torne disponível. Sem dúvidas, o distanciamento prolongado, mesmo que intermitente, provavelmente terá consequências econômicas, sociais e educacionais profundamente negativas.

Segundo os autores, o objetivo na modelagem dessas políticas não é endossá-las, mas identificar trajetórias prováveis da epidemia sob abordagens alternativas, identificar intervenções complementares, como ampliar a capacidade de UTI e identificar tratamentos para reduzir a demanda de UTI, e estimular ideias inovadoras (55) para ampliar a lista de opções para colocar a pandemia sob controle de longo prazo. Nosso modelo apresenta uma variedade de cenários destinados a antecipar possíveis dinâmicas de transmissão SARS-CoV-2 sob suposições específicas.

Os autores também alegam não terem assumido uma posição sobre a conveniência desses cenários dada a carga econômica que o distanciamento sustentado pode impor, mas notamos a carga potencialmente catastrófica sobre o sistema de saúde que é prevista se o distanciamento é pouco eficaz e/ou não sustentado por tempo suficiente. O modelo terá que ser adaptado às condições locais e atualizado à medida que dados mais precisos se tornarem disponíveis. Estudos sorológicos longitudinais são urgentemente necessários para determinar a extensão e duração da imunidade ao SARS-COV-2, e a vigilância epidemiológica deve ser mantida nos próximos anos para antecipar a possibilidade de ressurgimento[5].

[5] A Organização Mundial de Saúde (OMS) assinala os critérios que países devem analisar antes de suspender o isolamento como forma de combate à Covid-19: a transmissão deve estar controlada; o sistema de saúde deve ser capaz de detectar, testar, isolar e tratar todos os casos, além de traçar todos os contatos; os riscos de surtos devem estar minimizados em locais críticos, como serviços de saúde e asilos; medidas preventivas devem estar sendo adotadas em locais de trabalho, escolas e outros lugares aonde as pessoas devem frequentar; os riscos de importação devem ser administrados; as comunidades devem estar devidamente educadas e engajadas para se ajustarem às novas normas de relaxamento. (https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19--13-april-2020, consultado em 16/04/2020) Resta saber os recursos e o real interesse das autoridades de saúde pública de governos bizarros diante das margens realistas de avaliação consistente destes itens para se chegar a conclusões quanto ao relaxamento efetivo das medidas de isolamento. Segundo a ECDC, para quebrar a cadeia de transmissão é preciso garantir três passos: 1) identificar os contatos dos casos suspeitos e confirmados de Covid-19; 2) colocar os contatos em auto-isolamento, informar

Uma questão crucial que tem sido colocada invariavelmente é o momento de reduzir as medidas de distanciamento social. Paradoxalmente, em países em que a transmissão do coronavírus já se acelerou, suspender medidas de confinamento antes da hora pode inviabilizar o uso de testes como estratégia de combate à pandemia. Isto porque é através do conhecimento da tendência da curva de incidência dos casos que se pode avaliar o grau de transmissibilidade da doença. Isto é imperioso para se ter segurança das decisões de afrouxamento da quarentena e não se fazer a curva fora do ponto – algo capaz de gerar desastres.

Ora, no Brasil, o surto pandêmico poder apresentar variabilidade em seus estágios de aceleração em diferentes cidades e estados. Há também sinais consistentes de incerteza quanto ao grau da provável subnotificação. E não se pode desconsiderar o surto da bolsonárie com considerável potencial necropolítico de gerar danos e perdas sociais.

De acordo com as instituições ECDC (*European Centre for Disease Prevention and Control* - Agência Europeia de Prevenção e Controle de Doenças) e a OCDE (*Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico* - organização que reúne 36 dentre os maiores países do mundo), a testagem exige planejamento e alto investimento em equipamento, reagentes e mão de obra, algo que pode impedir o uso em grande escala em países que já passaram da primeira fase da epidemia, quando os casos ainda são esporádicos.

O número de testes necessários depende da etapa em que cada país se encontra na evolução da epidemia. Independentemente da etapa em que for adotada, a estratégia exige testar quase todas as pessoas que apresentem sintomas semelhantes aos da gripe, localizar todos resultados positivos para garantir que estão em quarentena e rastrear algo entre 70% e 90% de seus contatos, que também devem ser testados.

O médico com doutorado em Filosofia pela USP, ensaísta e articulista midiático Luiz Felipe Pondé tem há bom tempo se dedicado à atividade de tratar em suas falas e escritos de temas da atualidade. Aparentemente se propõe a apresentar um formato acessível de questões consideradas filosóficas e éticas em meios de comunicação de massa. De fato, não se trata de tarefa simplória. Proporcionar um entendimento público da filosofia é capaz de ser algo bastante complexo. Lembra, em alguns momentos, mutatis mutandis, a proposição do denominado campo do "entendimento público da ciência" para a divulgação de temas científicos. Via de regra, há o uso de argumentos mediante uma retórica capaz de construir versões de

sobre medidas de higiene e proteção e ações se desenvolverem sintomas; 3) testar todos os que tiverem sintomas. Países desenvolvidos, como o Reino Unido, não conseguiram cumprir suas metas de ampliação do programa de testes, por vários gargalos como falta de laboratórios, de kits, reagentes e mão de obra treinada. Em países menos desenvolvidos, pode haver obstáculos maiores: restrições orçamentárias, menor capacidade institucional para coordenar a compra de equipamentos e insumos, menos capacidade de processamento em laboratórios, menos gente treinada para coletar amostras, processá-las e analisar os resultados, e problemas logísticos maiores para atingir comunidades remotas.(https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/suspender-confinamento-antes-da-hora-pode-inviabilizar-programa-de-testes-diz-ocde.shtml)

conteúdos que seriam “traduzidos”, eventualmente, “simplificados”, evitando-se, na medida do possível, linguagem e conceitos abstrusos e, também, empregando-se alegorias e metáforas como artefatos explicativos.

Em 20 de abril de 2020 apresentou uma matéria jornalística em que discute um suposto equívoco entre as posições humanistas e utilitaristas diante das contingências da Covid-19. O título “Humanismo, utilitarismo e terrorismo” é menos esclarecedor que o subtítulo ‘*A afirmação “vidas fazem a economia e não o contrário” é conversa para Disneylândia’* (ou seja que não combina com pensamentos elaborados e densos) assinala um enganoso “confronto” retórico entre o enfoque que se preocuparia com a manutenção da vida (“humanismo”) e aquele que seria regido pela “economia”, Aliás, esta possui uma vigorosa vertente dita “utilitarista” – supostamente, a grosso modo, que não seria “humanista” pois estaria mais preocupada com as perdas de capital do que com as perdas humanas.

Com seu usual linguajar cáustico, Pondé explicita que se trata de uma leitura dos significados que estariam sendo empregados nas atribuições de sentido dados às medidas de contenção epidêmica no Brasil”: *“(a) oposição humanismo versus utilitarismo é pura retórica barata, mas é boa para a polarização política. Humanista, no sentido que se usa nesta epidemia, é valorizar a vida acima de tudo. Como cada morte é um absoluto, a ideia do valor absoluto da vida é inquestionável. Mas, quando um oportunista diz isso, ele paralisa seu raciocínio. Utilitarista, também no senso comum da epidemia, é o desumano que pensa na economia e não reconhece o valor absoluto da vida. Errado: o utilitarismo não é desumano*”. (https://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2020/04/a-afirmacao-de-que-vidas-fazem-a-economia-e-nao-o-contrario-e-conversa-para-disneylandia.shtml, consultado em 21/04/2020)

Decerto, um termo como “humanismo” está longe de ter acepções restritas e concordantes na sua história conceitual para serem consideradas em uma reduzida coluna jornalística. Inclusive, porque houve uma proliferação de *ideais humanos* e de humanismos, como o cristão, o socialista, o liberal, o existencialista, o científico, entre outras muitas possibilidades. É pertinente considerar que algumas perspectivas humanistas (Ferrater-Mora, 1986) lidam com a ideia seja como *concepção, seja* como *método*.

Mas a questão a ponderar aqui é a utilização de “desumano”. Neste caso, aparece um grande risco de simplificação argumentativa. Isto é, afastar-se do substantivo “humano” – que enfoca “pessoa” ou “indivíduo” ou sociedade “aberta” x “fechada” e a dimensão dita social do ser humano que configura humanismos distintos e passar para o antônimo do adjetivo “humano” em seu sentido impiedoso. E mais: neste instante, sobrevém um argumento contundente: “(*a) <u>realidade</u> não cabe nessa oposição”*. (https://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2020/04/a-afirmacao-de-que-vidas-fazem-a-economia-e-nao-o-contrario-e-conversa-para-disneylandia.shtml, consultado em 21/04/2020). Então, sobrevém um conceito-ônibus: “realidade”. Assim como “sociedade”, “vida”, são categorias capaz de veicular altos teores de discussões e polêmicas em torno de suas significações.

Além disso, é apresentado um exemplo dito didático acerca do confinamento – representando o "humanismo" – que serviria para manter o sistema de saúde sem saturação, inclusive preservando o corpo médico passível de ficar impedido de atuar, reduzindo a capacidade resolutiva sanitária e as decorrentes perdas humanas.

Segundo Pondé, este raciocínio, "*para qualquer pessoa treinada em ética utilitária, é cristalino*" (https://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2020/04/a-afirmacao-de-que-vidas-fazem-a-economia-e-nao-o-contrario-e-conversa-para-disneylandia.shtml, consultado em 21/04/2020). E esse "humanismo" ao defender a vida enquanto a "vida nua" seria insatisfatório. Mas, é preciso fazer a referência a uma ideia implicitamente redundante de "humanismo humano" como categoria nesta discussão. E, claro, também temos que considerar a afirmação que soa por demais simplista que o "*o utilitarismo é humanista, no sentido filosófico do termo: acreditar na capacidade racional do homem de tomar decisões que reduzam o sofrimento das pessoas*". (https://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2020/04/a-afirmacao-de-que-vidas-fazem-a-economia-e-nao-o-contrario-e-conversa-para-disneylandia.shtml, consultado em 21/04/2020)Aqui se confunde "humanista" com a ideia de racionalidade em termos de razão humanitária. A afirmação que institui tal "racionalidade" como fator utilitário que define o humanismo como redutor do sofrimento humano é muito pouco esclarecedora em seus pressupostos. (https://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2020/04/a-afirmacao-de-que-vidas-fazem-a-economia-e-nao-o-contrario-e-conversa-para-disneylandia.shtml, consultado em 21/04/2020).

Este comentário serve sobretudo para introduzir a relevância de uma abordagem mais elaborada de uma ética utilitarista diante das vicissitudes da COVID-19. Habermas, em entrevista ao Le Monde, ao (https://ateliedehumanidades.com/2020/04/12/fios-do-tempo-precisamos-agir-com-o-saber-explicito-de-nosso-nao-saber-entrevista-com-jurgen-habermas/, consultado em 15/04/2020) se refere ao que é chamado de "triagem" - o perigo representado pela saturação das unidades de terapia intensiva hospitalares, quando pacientes são admitidos em número muito grande para poderem ser tratados adequadamente, o médico é inevitavelmente forçado a tomar uma decisão trágica, porque imoral, em todos os casos.

Assim pode-se violar o princípio da igualdade estrita de tratamento sem considerar o status social, a origem, a idade etc., como a tentação de favorecer, por exemplo, os mais jovens em detrimento dos mais velhos. Nenhum médico pode "comparar" o "valor" de uma vida humana com o de outra ocupando a posição de árbitro de vida e de morte. Mais: o vocabulário do "valor", oriundo da esfera da economia, propõe uma quantificação partir da perspectiva do observador.

Por outro lado, a deontologia médica mostra-se em conformidade com a Constituição e satisfaz o princípio de que não há necessidade de "escolher" uma vida humana em detrimento de outra. Ela dita de fato ao médico, nas situações que apenas permitem decisões trágicas, ser guiado exclusivamente com base em

evidências médicas, sugerindo que o tratamento clínico em questão tem grandes chances de sucesso.

Como mencionado acima, importa também lidar com as questões técnicas e éticas relativas ao momento apropriado para pôr fim às medidas de confinamento, quando podem ser apresentadas as lógicas utilitaristas de cálculo. Quando é necessário arbitrar entre, de um lado, os danos econômicos ou sociais e, de outro lado, as mortes evitáveis, os entes políticos devem resistir a este enfoque. Os direitos fundamentais proíbem que as instituições estatais tomem qualquer decisão que se acomode com a morte de pessoas físicas.

Mas, este não parece ser o caso do desgoverno vigente no Brasil. Pode-se usar critérios utilitaristas para decidir quem vive e quem morre. Em termos esquemáticos, o elemento principal da teoria moral utilitária, o princípio da utilidade, afirma que a ação certa é a que produz a felicidade em termos mais amplos. John Stuart Mill adaptou a teoria de Jeremy Bentham e afirmou que felicidade é prazer e ausência de dor.

No entanto, Mill esclareceu que há prazeres cada vez maiores – seriam os prazeres do intelecto. E os prazeres inferiores seriam os prazeres dos sentidos. O resultado é que, moralmente falando, não é apenas a quantidade de prazer que importa para o utilitarista; mas também a qualidade. Caso apliquemos essa teoria às nossas vidas, poderemos nos tornar, quem sabe, mais altruístas. E muitos dos problemas que enfrentamos poderiam ser aliviados. Isso porque a felicidade de todos teria o mesmo valor. Preconceito e discriminação não teriam lugar, uma vez que cada indivíduo tem o mesmo valor na contagem ao calcular-se a felicidade produzida pelas ações de todos.

Mas, há algumas fragilidades nesta teoria. A principal fraqueza do utilitarismo tem relações com a justiça. Uma objeção padrão ao utilitarismo é que poderia exigir que violássemos os padrões da justiça. Por exemplo, imagine-se como um juiz de uma cidade pequena. Alguém cometeu um crime, e houve alguma agitação social resultando em ferimentos, conflitos violentos, e alguns tumultos. Como juiz, você não sabe se foi este homem quem cometeu o crime. Mas que se mesmo condenar um homem inocente à morte, a cidade será acalmada e a paz restaurada. Se você for libertá-lo, ainda mais agitação entrará em cena, com mais danos chegando à cidade e a seu povo. O utilitarismo parece exigir punir os inocentes em certas circunstâncias, como estas.

Claro que é errado punir uma pessoa inocente, porque isso viola seus direitos e é injusta. Mas para o utilitarista, tudo o que importa é o ganho líquido da felicidade geral -.bem de acordo com certas alegorias que dizem ser impossível se fazer uma omelete sem quebrar os ovos. O utilitarismo exige que se cometa ações injustas em determinadas situações, e por isso é essencialmente falho, como o é o capitalismo).

Algumas coisas nunca devem ser feitas, independentemente das consequências consideradas positivas que podem ocorrer em uma outra escala. Além disso, como se define a felicidade para cada um de modo sustentável em termos coletivos? Basta ver as atuais diatribes políticas entre diferentes óticas de felicidade

social - ou algo que diminua os terrores de infelicidade vigente e como seriam alcançadas.

Ainda assim, a racionalidade moral utilitária predomina em nossos diálogos políticos e morais. As consequências têm seu lugar, e devem ser consideradas, mas também devemos pensar em outros princípios morais, as virtudes relevantes, os direitos humanos e o que nossas escolhas e julgamentos dizem sobre nós. As consequências importam, mas não são tudo o que importa. Moralidade é mais do que as consequências de nossas ações.

(https://www.psychologytoday.com/us/blog/ethics-everyone/201506/whats-wrong-utilitarianism, consultado em 20/04/2020)

Pois bem, como referido anteriormente, há uma questão crucial que costuma se colocar em situações de calamidades como no caso da pandemia de COVID-19. O fato de que demandam ações dos sistemas de saúde que, diante das contingências do uso de respiradores no tratamento hospitalar, não darão conta das possíveis demandas elevadas resultantes da simultaneidade dos casos. Então, quem deve ter a primazia de ser atendido e, possivelmente salvo em primeiro lugar?

Há especialistas em bioética que se dispõem a fornecer critérios para se chegar a uma escolha que se paute por alguma noção orientadora de justiça. Antes das restrições provenientes de limitações referentes sobretudo a leitos e aparelhos de respiração mecânica, no decorrer da pandemia, já existiam protocolos sobre "quem vive e quem morre".

Então, como médicos e hospitais irão decidir quem recebe tratamento potencialmente salva-vidas e quem não? Enfrentando esse dilema recentemente, diante da grande quantidade de casos, os médicos italianos se viram com a necessidade de procurar critérios éticos e foram orientados a considerar uma abordagem que se baseia em princípios utilitários. Em termos leigos, uma abordagem utilitária “maximizaria” a saúde geral direcionando o cuidado para aqueles propensos a se beneficiar mais dela.

Os princípios éticos para o “racionamento” na pandemia de coronavírus justamente por serem utilitários, favorecem aqueles com as melhores perspectivas para a vida mais longa restante. Mas vida mais longa significa o quê? Parece estar aí já definida certos encaminhamentos com maior ou menor probabilidade de sucesso.

Maximizar imparcialmente a “felicidade” (ou atender às preferências dos consumidores, como se as pessoas com poder aquisitivo não fossem induzidas a isto) significa no utilitarismo promover a maior soma de “felicidade” possível para todos aqueles que sofrem de alguma maneira as consequências do que fazem os médicos ao decidirem quem deve receber o respirador salvador, por exemplo. Importante: independentemente de serem pessoas por quem temos afetos ou laços consanguíneos.

Ora, justamente um dos problemas que redundam deste enfoque é o fato do utilitarismo ser uma teoria que defende que o fim de nossas ações é a felicidade/prazer (ou melhor, a sobrevivência). E o correto a este respeito é definido em função das melhores consequências coletivas - que devem ser definidas em função da maximização “imparcial” de quem terá a felicidade de ser escolhido para

não morrer (e das apostas resultantes destas ações). Seria como se o lado humano considerado moral pudesse existir soberano como o critério normativo supremo que deve definir suas ações em detrimento de quaisquer outros aspectos que fazem parte de desejos e pulsões que atuam considerados de menos valia comparativa.

(https://www.nytimes.com/2020/03/24/upshot/coronavirus-rationing-decisions-ethicists.html, consultado em 21/04/2020)

Segundo a diretora-geral da saúde de Portugal, Dra. Graça Freitas, as perguntas mais difíceis que os médicos podem enfrenta numa pandemia é de fato: Quem será salvo? Quem não será? Os economistas da saúde também pensam profundamente sobre a alocação de recursos finitos em saúde nos orçamentos do governo, por exemplo. De forma geral, ´não é incomum que haja vencedores e perdedores nesses cálculos - alguns tratamentos cobertos e outros não - mas nem sempre estes são individualmente identificáveis. Durante uma pandemia, os vencedores e perdedores são claramente identificáveis. E estão diante do médico simultaneamente. Inapelavelmente há um deslocamento da dimensão da decisão ética, com sua carga emocional para o médico. E não há uma maneira perfeita de escolher quem recebe o tratamento que salva vidas. Em momentos como este, a sociedade pode ser mais tolerante com a tomada de decisões utilitárias.

Uma alternativa diante deste dilema seria decidir conforme a gravidade da doença e nunca em relação à idade, por exemplo. Neste caso, entre uma criança com alguma dificuldade para respirar e um idoso com maior comprometimento patológico, o respirador ou qualquer outra medida clínica que se apresente necessária terapeuticamente para o paciente deveria ser atribuída, primeiramente ao idoso.

O protocolo estabelecido segue regras deontológicas da medicina através de princípios éticos que seriam, em tese, aceitos pela maioria da população: tratam-se primeiro os casos mais urgentes e, para o mesmo nível de urgência, aplica-se um critério de precedência - recebe quem chegou primeiro. Mas, diante da urgência de uma pandemia que demanda amplo uso de respiradores, há uma inevitável insuficiência. E continuam a existir as outras patologias que também demandam cuidados de saúde com respiradores. Neste caso, decidir quem é atendido primeiro pode definir quem vive ou quem morre.

Para tentar responder a esta questão é preciso, como mencionado, adotar um quadro normativo ético e a respectiva decisão sempre trará consequências. Existem várias formas para a difícil decisão de alocar um respirador. Como já mencionado, se a alocação é tipicamente feita por gravidade clínica, o segundo critério seria a precedência: Outro critério seria o de atribuir o aparelho a quem pudesse pagar mais. Este critério, conforme os contextos, como seria presumível, seria eticamente reprovável.

Ainda assim, por exemplo, uma criança cuja família possui recursos para uma hospitalização por alguma doença infecto-contagiosa X em serviços privados supostamente de qualidade superior vai ter mais chance de boa recuperação que uma criança com a mesma enfermidade X cuja família vive precariamente num casebre no morro. Seu acesso costuma ser a serviços públicos de saúde que, muitas

vezes, podem não apresentar condições resolutivas no atendimento sobretudo por terem sido sucateados. Pois podem ter sofrido subfinanciamento e demissão de funcionários, como no caso flagrante do Rio de Janeiro durante o governo Crivella. Em suma, conforme cada caso, decisões já estão embutidas nas alternativas usuais de acesso aos respectivos sistemas de saúde.

Em tese, como sociedades ocidentais, a condição financeira não deve nunca ser fator condicionante de acesso a cuidados de saúde. Obviamente, este critério poderia eventualmente ser injusto diante de mais novos e dos mais pobres. Outro critério ainda seria o de utilizar uma espécie de sorteio para definir quem teria acesso ao tratamento. Aqueles que defendem esta posição afirmam que seria a única forma de evitar a discriminação contra ou a favor de um dado grupo. Ainda, um outro método seria pesquisar a probabilidade de sobrevivência ao tratamento (e não o número de anos de vida): o indivíduo com maior probabilidade de sobreviver à intervenção teria prioridade.

Existem outros procedimentos usados, por exemplo, para decidir sobre a segurança de tratamentos ou novos fármacos ou para decidir a distribuição de recursos disponíveis para a saúde conforme diferentes doenças. Um deles é o *quality-adjusted life year* (QALY), ou anos de vida ajustado pela qualidade. Seu objetivo é estabelecer quantitativamente uma métrica que combine duração e qualidade de vida. Por exemplo: se um indivíduo viver durante um ano com saúde perfeita, então terá 1 QALY. Neste caso, vejamos: uma criança de 12 anos e um idoso de 65 anos. Se ambos receberem o tratamento, então se pode assumir que ambos conseguirão sobreviver com plena saúde. Para a coorte da criança de 12 anos, a esperança média de vida seria, por hipótese será de 81 anos, de acordo com o sexo, enquanto que para a coorte do idoso de 65 anos a esperança média de vida seria ao redor de 72 anos. Assim: a criança teria 81 – 12 = 69 QALYs, enquanto que o idoso teria 7 QALYs. No caso, o tratamento seria dado à criança.

Se no exemplo acima é fácil de determinar o número de QALYs, nem sempre é assim. Como quantificar o bem-estar associado a uma perda auditiva, por exemplo? Será que a qualidade de vida diminuiu de 100% para 50%? Ou para 20%? O valor dependerá consideravelmente de juízos pessoais. E mesmo numa perspectiva individual, os indivíduos terão certamente dificuldade em converter um evento destes numa escala contábil. Pode-se fazer aproximações com base em inquéritos, mas, ainda assim tais estudos tendem a ser pouco robustos.

Um outro indicador alternativo é o *disability adjusted life years* (DALY), que tenta quantificar o mesmo que o indicador anterior, mas numa perspectiva oposta: isto é, ao invés de tentar quantificar quantos anos de qualidade de vida serão ganhos, tenta quantificar os anos perdidos devido a morbidade (doença), mortalidade ou ambos. No exemplo anterior, o cálculo dos DALYs teria a mesma componente da expectativa média de vida, ou seja, incorporaria a diferença da idade atual para a expectativa média de vida. Isto é, no caso da criança haveria uma perda de 69 DALYs e uma perda de 7 DALYs no caso do idoso (estamos a assumindo que não há taxa de desconto nem ajustamento à idade). Olhando para a sociedade como um todo, a

alocação dos recursos em saúde tem como objetivo minimizar os DALYs, ou seja, a carga de doença, visando justamente aqueles que têm mais a perder.

Tanto os DALYs como os QALYs são, na sua essência, métodos utilitaristas, mas não privilegiam necessariamente a maximização do bem-estar do maior número de indivíduos, mas sim a maximização do bem-estar agregado. Ou seja, é bem possível que sejam salvos 3 indivíduos saudáveis ao invés de 10, se estes dez tiverem várias comorbidades e uma expectativa média de vida muita baixa. Adicionalmente, o seu uso torna-se impraticável em situações de emergência, pois é impossível apurar, caso a caso, o número de DALYs ou QALYs de cada indivíduo, especialmente quando estes têm comorbidades.

Se para os ocidentais poderá parecer natural salvar primeiro as crianças, esta decisão poderá variar conforme a cultura. O MIT desenvolveu uma "Máquina Moral" para estudar que tipo de referencial ético normativo deveria ser implementado em veículos autónomos – sem motoristas. Este dispositivo consiste em tomar decisões perante situações com que o veículo autónomo poderá se deparar. Por exemplo, se estiver sob risco de ter um acidente, deverá privilegiar os próprios passageiros ou os de outros veículos/transeuntes? Se o veículo estiver a ir contra um sinal fechado e não houver forma de o evitar, deverá tentar desviar-se de alvos como crianças, em detrimento dos restantes, ou não deverá fazer nada? A questão é: que critérios deve seguir o programador para desenvolver os algoritmos que deverão orientar as decisões. E mais: quem deverá ser acionado judicialmente pelos acidentes. Numa leitura simplista, a as responsabilidades devem pertencer ao proprietário que devem poder escolher os logaritmos de seus veículos

Em países ocidentais, os resultados são mais ou menos os esperados (por ocidentais). Os indivíduos mais vezes salvos, por quem respondeu ao teste, foram carrinhos de bebés e crianças do sexo feminino, e os mais sacrificados foram os idosos, especialmente os do sexo masculino. Animais também são preteridos aos humanos, tendo a maioria dos indivíduos decidido sacrificá-los em alternativa a humanos. Estas decisões, contudo, variam de país para país.

Se na maior parte dos países europeus predomina a preferência por salvar mais gente, em países como o Japão ou Coreia do Sul, esse não é, de fato, uma preferência relevante na tomada de decisão. Da mesma forma, nos países ocidentais há uma preferência por salvar os mais novos, enquanto que nos países orientais, como é o caso do Japão, Coreia do Sul, China ou Taiwan, esse não é um critério relevante[6].

[6] Segundo a RESOLUÇÃO CFM Nº 2.1 56/2016 Art. 6º A priorização de admissão na unidade de tratamento intensivo (UTI) deve respeitar os seguintes critérios:
§ 1º – Prioridade 1: Pacientes que necessitam de intervenções de suporte à vida, com alta probabilidade de recuperação e sem nenhuma limitação de suporte terapêutico.
§ 2º – Prioridade 2: Pacientes que necessitam de monitorização intensiva, pelo alto risco de precisarem de intervenção imediata, e sem nenhuma limitação de suporte terapêutico.
§ 3º – Prioridade 3: Pacientes que necessitam de intervenções de suporte à vida, com baixa probabilidade de recuperação ou com limitação de intervenção terapêutica.
§ 4º – Prioridade 4: Pacientes que necessitam de monitorização intensiva, pelo
alto risco de precisarem de intervenção imediata, mas com limitação de intervenção terapêutica.
§ 5º – Prioridade 5: Pacientes com doença em fase de terminalidade, ou moribundos, sem possibilidade de recuperação. Em geral, esses pacientes não são apropriados para admissão na UTI (exceto se forem potenciais

Seja qual for o método usado para decidir quem vive ou quem morre nesta pandemia, é duro assumir que, além da alta dramaticidade em relação ao COVID-19 para pacientes e as equipes que os trata. Há muitas precariedades, inclusive com elevação do risco de adoecimento dos cuidadores, que também precisam considerar a incidência desses terríveis dilemas éticos. (https://observador.pt/especiais/quem-vive-e-quem-morre-dilemas-eticos-no-surto-da-covid-19/, consultado em 05/04/2020)

Em relação às diretrizes do Conselho Federal de Medicina, Daniel Wei Liang Wang e Marcos de Lucca-Silveira (https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/04/como-na-italia-falta-de-uti-nos-fara-escolher-entre-quem-vive-e-quem-morre.shtml/consultada em 05/04/2020) consideram que a falta de vagas de UTI produz três efeitos: os doentes baixados tendem a estar em estados mais comprometidos, menos indivíduos são admitidos para monitoração e as altas são antecipadas. Isto é, a carência de vagas torna mais rígidos os critérios de admissão e flexíveis os de alta.

Ademais, em situações críticas, além de aspectos referentes à saúde do paciente, também deveriam ser considerados benefícios sociais indiretos em diretrizes que transparecem sua feição utilitarista. O exemplo dado: quanto a quem se deveria dar preferência: uma mãe com filhos pequenos, uma médica intensivista ou uma cientista estudando uma vacina contra o coronavírus?

Não obstante pareça lógico, convém evitar levar em conta benefícios sociais nessas situações. É por demais complexo aquilatar a contribuição social de um determinado indivíduo. Critérios sociais são capazes de permitir a incidência de preconceitos. Ainda assim, pode-se considerar como exceção os profissionais de saúde. Isso pode ser justificado pela demanda em situações de crise. É possível se pensar em outras exceções, mas exigem muitos cuidados e justificativas.

PANDEMÊNCIA- – PARTE 2

Quando a realidade imita a ficção

Continuemos com outro aspecto acerca da gravidade da COVID-19 estar definida por sua capacidade de sufocação ao comprometer o funcionamento do sistema respiratório permite algumas ilações. A palavra grega “pneuma” “(*πνεῦμα*, Lat. *spiritus*)) está conectada etimologicamente com πνφω , respire ou sopre, e tem

doadores de órgãos). No entanto, seu ingresso pode ser justificado em caráter excepcional, considerando as peculiaridades do caso e condicionado ao critério do médico intensivista.
Art. 7º Os pacientes classificados como Prioridade 2 ou 4, conforme descrito nos
parágrafos 2º e 4º do art. 6º, devem prioritariamente ser admitidos em unidades de cuidados intermediários (semi-intensivas).
Art. 8º Os pacientes classificados como Prioridade 5, conforme descrito no parágrafo 5º do art. 6º, devem prioritariamente ser admitidos em unidades de cuidados paliativos.
Art. 9º As decisões sobre admissão e alta em unidade de tratamento intensivo (UTI) devem ser feitas de forma explícita, sem discriminação por questões de religião, etnia, sexo, nacionalidade, cor, orientação sexual, idade, condição social, opinião política, deficiência, ou quaisquer outras formas de discriminação.
(https://sistemas.cfm.org.br/normas/visualizar/resolucoes/BR/2016/2156, consultada em 05/04/2020)

um significado básico de "ar em movimento", ou "respiração" como algo necessário à vida. Na tragédia grega é usado o "sopro da vida" e é o "Espírito" do Novo Testamento. No início do pensamento grego, *pneuma* é muitas vezes conectada com a alma; em Aristóteles, o termo também é usado de ventos sísmicos que estão presos dentro da terra porque não dizer de Gaia.... Seu significado preciso, então, deve ser sempre determinado em seu contexto.

(https://oxfordre.com/classics/view/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-5145, consultado em 25/04/2020)

A intenção aqui é ressaltar aspectos simbólicos de caráter histórico que sejam capazes de proporcionar elementos para se fazer tentativas de produzir amarrações de sentido diante de algo que traz perplexidade.

Há uma alegoria proposta por Guilherme Wisnik, em matéria da Folha de São Paulo de 13/04/2020, intitulada "Predadores de nós mesmos" que resume a situação da pandemência sinteticamente assim: "*Ao contrário do que imaginavam os profetas do fim da história, o mundo é dominado por sentimentos de paranoia e angústia. Imersos em nevoeiro, na era em que esgotamos os recursos do planeta, fabricamos a pandemia de nossa própria vulnerabilidade, sem poder culpar um 'outro'*". (https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/04/com-coronavirus-mundo-vive-em-nevoeiro-diz-guilherme-wisnik.shtml, consultado em 13/04/2020)

Mais adiante, retoma esta metáfora do "nevoeiro" referindo-se às fumaças de que atingiram Nova York no atentado do WTC, às "nuvens" digitalizadas onde são gravados nossos dados e os "enxames" de capital financeiro que se movimentam aceleradamente pelo mundo. E, ainda, a alegoria é mais uma vez mencionada na referência ao vírus como uma entidade invisível e onipresente, isto é, um mensageiro do nevoeiro.

Então: "*O nevoeiro, afinal de contas, não é nem bom nem mau em si mesmo. Aliás, ele talvez represente, de certa forma, a grande chance histórica que temos de viver em um mundo mais complexo do que aquele do "nós contra os outros", que imperava obsessivamente nos tempos da Guerra Fria*" (https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/04/com-coronavirus-mundo-vive-em-nevoeiro-diz-guilherme-wisnik.shtml, consultado em 13/04/2020).

Ora, em um mundo movido de modo pletórico por formas de transporte motorizadas, um nevoeiro pode ser um entrave para o deslocamento em veículos automotivos mormente terrestres e, sobretudo, aéreos. Além de trazer eventuais desconfortos, conforme as contingências e suscetibilidades de cada um. Mas, isto, de fato, não importa, uma vez que a metáfora não deixa de ter pertinências. Como a que Wisnik faz ao relacionar figuras como Steve Bannon, Boris Johnson, Donald Trump, Jair Bolsonaro e tantos outros saídos do nevoeiro como representantes de agressivas posições regressivas.

Há um filme baseado em conto de Stephen King de 2007 chamado "The Mist" ("O Nevoeiro" em português) no qual um grupo de pessoas ficam presas em um supermercado, depois de um misterioso nevoeiro chegar à cidade. Não demora muito para que criaturas misteriosas apareçam da névoa e ameacem a vida das pessoas. Também há uma série mais recente com a mesma inspiração em seu roteiro.

Aqui, gostaria de sinalizar uma variante da expressão “nevoeiro”, comum em estados do sul do país: a “cerração”. Uma das razões para este comentário é o fato da forma dicionarizada do vocábulo fazer as seguintes menções: a origem provém do antepositivo *cerr* que se refere a fechar, encerrar. Por sua vez, cerração significa em meteorologia ”nevoeiro espesso, denso, neblina”. Por extensão: “(...) escuridão, treva (...), “cerração do peito: respiração custosa, ofegante, dificuldade de respirar, sufocação. (Houaiss, 2001)

Ora, temos aí alguns tropos relevantes: a metáfora das trevas que também possui poder retórico numa tentativa de trazer o sentido de dificuldades de visualizar a saída desta situação, sem luz diante da escuridão (nem se trata de túnel...), e, sobretudo por trazer uma acepção referente à crucial sintomática provocada pelo coronavírus: a dificuldade de respirar - que justamente demanda como fator crítico para manter possibilidades de cura o acesso aos aparelhos de respiração artificial. Cabe agora abordar um peculiar aspecto linguístico. É interessante o uso que a epidemiologia que estuda a pandemia faz de expressões com uma carga de tropos para nomear dois conceitos essenciais para a contenção do coronavírus – curiosamente ambos com significados vinculados à pecuária: confinamento e imunidade de rebanho.

Por sua vez, as acepções de *confinar* que apresentam nexos com o foco em questão são: balizar, abranger ou circunscrever; delimitar, reduzir ou limitar. A etimologia indica o Latim *confīne+ar.* A palavra *confins* faz parte desta configuração etimológica. (https://www.lexico.pt/confinar/, consultado em 30/03/2020)

[Advertência: o trecho a seguir não é indicado para pessoas que criticam, em geral, com pertinência, atividades pecuárias como local de maus tratos com animais]

O confinamento como técnica de criação e engorda de bovinos utiliza o manejo e alimentação de animais por meio de cochos com dieta balanceada e água, com o objetivo de obter animais com melhores condições produtivas para o abate. A principal premissa reside no provimento de elementos nutricionais específicos para o crescimento do animal, juntamente com fornecimento de condições ditas ideais para a engorda. Pretende-se assim que perda de peso e desgaste muscular sejam reduzidos.

A técnica se apresenta como opção tanto para criadores envolvidos tanto em todas as etapas da produção, desde o nascimento até o abate, como somente para a fase final da engorda. Nesse caso visando a otimização do acabamento de carcaça (sic). O acompanhamento é essencial para que as necessidades dos animais sejam atendidas: tipos de ração, medidas sanitárias, vacinas e até mesmo acompanhamento veterinário e se o ganho de peso está saindo como o esperado.

(https://www.coimma.com.br/blog/post/confinamento-o-que-e-vantagens-e-desvantagens, consultado em 30/03/2020)

Por sua vez, o que vem a ser em epidemiologia a “imunidade de rebanho”? Quando a população é resistente a um germe, sua propagação pára naturalmente porque não há pessoas suficientes para transmiti-lo. Assim, o "rebanho" é imune, embora muitos indivíduos dentro dele ainda não assim estejam. É terrível encarar a perspectiva de bilhões de pessoas infectadas pelo coronavírus, cuja taxa estimada de

fatalidade por infecção em torno de 1% (texto de 30/03/2020). Mas, isso também é incerto, a taxa de fatalidade dos casos levados ao hospital é maior. De qualquer forma, vimos evidências para o surgimento da imunidade do rebanho em outros surtos recentes por doenças virais com similaridades ao COVID-19.

Se o vírus SARS-COVID-2 continuar se espalhando, eventualmente muitas pessoas terão sido infectadas e (se sobreviverem) se tornam imunes que o surto se esvairá por conta própria à medida que o germe achar cada vez mais difícil encontrar um hospedeiro suscetível. Este fenômeno é a imunidade de rebanho. A disseminação ampla e contínua do coronavírus é exatamente um resultado que os especialistas estão modelando em seus piores cenários. Eles dizem que, dado o que sabem sobre o vírus, pode acabar infectando cerca de 60% da população mundial, dentro de um ano.

Mas, partir para imunidade de rebanho imediatamente seria uma estratégia desastrosa, de acordo com os modelos matemáticos mais recentes. Isto porque muitas pessoas ficarão gravemente doentes — e um aumento repentino de pessoas doentes que precisam de cuidados hospitalares ou de UTI sobrecarregará os hospitais.

Então, como a imunidade do rebanho pode parar um vírus? As vacinas criam imunidade de rebanho também, quando administradas amplamente ou às vezes quando administradas em um "anel" em torno de um novo caso de infecção rara.

Cabe levar em conta que o coronavírus é um novo microorganismo, então não parece que alguém seja imune a ele. Seria isso que o permite se espalhar e ter efeitos tão severos em algumas pessoas. Para que a imunidade do rebanho tenha resultado, as pessoas devem se tornar resistentes depois de infectadas. Isto ocorre com muitos germes: pessoas que estão infectadas e se recuperam tornam-se resistentes a contrair essa doença novamente, porque seu sistema imunológico é carregado de anticorpos capazes de derrotá-la.

É esclarecedor saber que o ponto em que alcançamos a imunidade do rebanho está matematicamente relacionado com a propensão do germe a se espalhar, expresso como seu número de reprodução, ou R0. O R0 para o coronavírus é entre 2 e 2,5, estimam os cientistas, o que significa que cada pessoa infectada passa para cerca de duas outras pessoas, sem medidas para conter o contágio.

Para imaginar como funciona a imunidade do rebanho, pense nos casos de coronavírus se multiplicando em uma população suscetível desta forma: 1, 2, 4, 8, 16, e assim por diante. Mas se metade das pessoas são imunes, metade dessas infecções nunca acontecerão, e assim a velocidade de propagação é efetivamente cortada em duas. Então, de acordo com o *Science Media Centre*, o surto ferve assim em vez disso: 1, 1, 1, 1... O surto é apagado quando a taxa de infecção é menor que 1.

A taxa de propagação do germe atual é maior do que a da gripe comum, mas semelhante à das novas gripes emergentes que ocasionalmente varreram o globo antes. "Isso é semelhante à gripe pandêmica de 1918, e implica que o fim desta epidemia exigirá que quase 50% da população seja imune, seja de uma vacina, que não está no horizonte imediato, ou de infecção natural.

Da mesma forma, se o coronavírus se espalhar mais facilmente do que os especialistas pensam, mais pessoas precisarão obtê-lo antes que a imunidade do rebanho seja alcançada. Para um R0 de 3, por exemplo, 66% da população tem que ser imune antes do efeito começar, de acordo com o modelo mais simples. Seja 50% ou 60% ou 80%, esses números implicam bilhões de infectados e milhões de mortos em todo o mundo, embora quanto mais lentamente a pandemia se desenrolar, maior a chance de novos tratamentos ou vacinas ajudarem.

Os mais novos modelos epidemiológicos desenvolvidos no Reino Unido agora recomendam a "supressão" agressiva do vírus. As táticas básicas que estão sendo instadas seriam isolar pessoas doentes, tentar reduzir os contatos sociais em 75% e fechar escolas. Essas medidas economicamente caras podem continuar por muitos meses.

(https://www.technologyreview.com/s/615375/what-is-herd-immunity-and-can-it-stop-the-coronavirus/, consultado em 30/03/2020)

Pois bem, é difícil saber as reais razões do emprego de *confinamento* e *imunidade de rebanho* sem um estudo *ad hoc*. E, certamente, isto não possui nenhum interesse pragmático diante dos elevados custos causados pela pandemia, em geral e dos investimentos em medidas para contê-la. Mas, isto não impede um mero exercício especulativo neste sentido. E, desde logo, descartar com veemência qualquer vínculo com a expressão “a vaca foi para o brejo”...

Como é de costume, governantes ou coisas parecidas possuem uma grande inclinação retórica para abusar de figuras de linguagem que se prestam a reforçar seus desígnios políticos. No caso do governo brasileiro já são conhecidas as terríveis metáforas do Ministro da Economia, Paulo Guedes para vender seus peixes de qualidade duvidosa. [7]

Não poderia faltar um grande emprego da ideia de guerra ao COVID-19. Logicamente, ter uma grave pandemia presente nas nossas vidas significa encetar uma guerra? Até certo ponto, há similaridades. Pois, justifica-se a instalação de um regime de proteção que altera em grande escala o cotidiano das pessoas, de modo geral. Como se fossem aquelas contingências que ocorrem em condições de conflitos bélicos que ameaçam a integridade dos indivíduos que devem se proteger

[7] Desde quando assumiu o posto, o ministro Paulo Guedes (Economia) faz um uso constante de expressões metafóricas exageradas. Por exemplo: “O Brasil é uma baleia ferida que foi arpoada várias vezes, foi sangrando e parou de se mover. Precisamos retirar os arpões”. Depois da divulgação de indicadores positivos de atividade econômica e do emprego, Guedes passou a afirmar que, agora, a baleia começa a se mover. Em outra fala, faz referência a pessoas que, ao longo dos anos, tomaram posse do Estado, se beneficiaram com recursos públicos, incentivos tributários ou distorções em fundos públicos. “Piratas privados, burocratas corruptos e criaturas do pântano político se associaram contra o povo brasileiro”. Ao defender a reforma da Previdência, ilustrava o esgotamento do sistema de aposentadorias do país assim: “Seu filho entra no mesmo voo condenado, indo para alto-mar sem combustível. O seu paraquedas você segura, e ele vai para o inferno. É isso o que essa geração quer fazer?.” “Nossos filhos e netos, por falta de coragem nossa, estão condenados a continuar nesse mesmo avião, que vai cair por falta de combustível.” Ainda sobre a Previdência, dizia que o sistema tinha “bombas-relógio”, como a demografia, já que o número de idosos no país é cada vez maior e eles precisam ser bancados pelos jovens em idade ativa, que não acompanham esse crescimento na mesma proporção. Os encargos trabalhistas, em sua opinião, são “armas de destruição em massa de empregos”. Sem comentários. (https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/12/metaforas-de-guedes-criaram-novo-dicionario-economico.shtml, consultado em 08/04/2020)

adequadamente. E há, também, geração de reações comuns a indivíduos que sentem medo, pânico e congêneres. Quem pode ser afetado pela COVID-19 tem medo.

Mas, não se pode descartar que esta é uma questão capaz de envolver a escolha de tropos convenientemente ambíguos. Talvez haja algo similar que permite estabelecer leituras de "realidade" que sustentam determinadas posições políticas em detrimento de outras através de distintos formatos "hermenêuticos".

Determinadas manobras políticas de força (usualmente militar) com ruptura do regime constitucional devem ser literalmente denominadas pelo termo "golpe". Ou, diante de circunstâncias, digamos maquiavélicas, sem ruptura da estrutura regida juridicamente pela Constituição como se fosse "golpe". Neste caso, há uma expressão de língua inglesa "*lawfare*" que procura designar um uso abusivo de leis jurídicas que serve a desígnios políticos. E há leis que se instauram sob a tutela de assembleias com representantes que defendem interesses particulares. Assim como supremos magistrados que desenvolvem interpretações de leis que podem se orientar da mesma forma. Até porque foram indicados por governantes não isentos.

No caso de "guerra às drogas", "guerra à pobreza", "guerra ao terrorismo", "guerra às entidades diabólicas", "guerra à AIDS" entre outras "frentes de batalha", é bastante provável que os usos metaforizados pretendam propor encaminhamentos que favoreçam a interesses camuflados ou mesmo, preconceitos. E, neste sentido, entre outras dimensões manipulativas, as vias consideradas democráticas eventualmente são distorcidas e passam a sofrer "desvios de funções" com governantes populistas especialmente daninhos.

Mas, há aspectos que devem ser levados em consideração, como acentua Guimarães (https://www1.folha.uol.com.br/colunas/lucia-guimaraes/2020/04/metafora-da-guerra-nao-faz-bem-a-saude-publica-ou-a-democracia.shtml, consultado em 08/04/2020). Não se trata realmente de enfrentamentos entre grupos humanos ou de nações, mas de algo que também, bem ou mal, emprega um tropo: luta pela sobrevivência. **(**https://www1.folha.uol.com.br/colunas/lucia-guimaraes/2020/04/metafora-da-guerra-nao-faz-bem-a-saude-publica-ou-a-democracia.shtml**,** consultado em 08/04/2020)

Em suma, além da metáfora bélica nos deparamos encontramos ante mais duas poderosas metáforas sobre a pandemia do SARS-CoV-2: as de segregação e da racionalidade de mercado. Sendo um vírus com uma alta velocidade de transmissibilidade e, portanto, expansão rápida, capacidade letal facilmente comprovada, certos dispositivos disciplinares modelados matematicamente foram rapidamente postos em prática.

Há perigo de que tal instrumentalização do vírus através das alegorias mencionadas são capazes de fortalecer a força de Estados com nacionalismos, racismo, xenofobia, precariedade econômica, desigualdade social e racionalidade do capitalismo (com estapafúrdias exceções). Assim, pode-se construir blocos híbridos de espaços confinados para experimentação bionecropsicopolítica.

Esta ênfase em tropos sobre doenças que incidem com gravidade no planeta, é porque uma das lições mais brutais que aprendemos com a pandemia da AIDS é que essas metáforas também têm o poder de matar.

Então, não deve parecer absurdo cogitar em alguma manifestação retórica que aparece como sintoma e é capaz de, coincidentemente, chamar a atenção para ações humanas açodadas faz algum tempo. Isto apareceria especialmente em função dos fluxos cada vez mais acelerados do capitalismo financeiro e sua produção de iniquidades e do fracasso das esquerdas em seus projetos políticos. Ademais, o malestar na democracia ocupada por governos populistas de direita e suas formas belicosas de "governar" faz lembrar a distopia dos anos vindouros encenada pela série britânica *Years and Years*... Ou até por um apocalipse (nano)zumbi...

A rigor, ao analisar os roteiros de alguns filmes hollywoodianos de ficção científica que lidam com a ideia de fim do mundo, Žižek assinala que nenhum desses dão conta do aspecto não apocalíptico da pandemia de coronavírus. Não há nenhum indício um apocalipse no sentido de destruição total do nosso mundo.

Claramente há um evento cataclísmico com mortandade considerável com números de infectados e mortos aumentando com variações ao redor do mundo. E não sabemos a duração da pandemia em termos de uma perspectiva de término de sua ação letal. Talvez fosse o caso de encarar a possibilidade de que vamos permanecer em um mundo viral ameaçado por epidemias oriundas de perturbações ambientais que viabilizem o contato entre humanos e vírus mutantes. Nada no garante mesmo quando uma vacina contra o vírus for desenvolvida, continuemos vivendo sob o regime de catástrofes letais.

O único debate relevante parece ser sobre como gradualmente aliviar as medidas de isolamento. Será que reformas consistentes invertendo a direção predominante das políticas adotadas nas últimas quatro décadas serão, em algum nível, alteradas. Será que Estados irão assumir um lugar menos "mínimo" na economia e encarar os serviços públicos como investimentos em vez de despesas em atividades vistas, via de regra, como inevitavelmente ineficientes se comparadas ao mantra da primazia de empreendimentos privados? A redistribuição da renda mais uma vez estará em questão assim como os privilégios dos mais ricos. Haverá de se adotar políticas consideradas "estapafúrdias" como a renda básica e a taxação de fortunas?

E não se trata de um espasmo de generosidade conservadora, pois a persistência da COVID-19 em continuar grassando em países ditos periféricos dará ensejo a afetar nações mais ricas em novas ondas

Por mais bem-vindas que sejam certas previsões e propostas são excessivamente despretensiosas. É preciso bem mais. Em nível primordial, deve-se contornar a lógica da lucratividade e do crescimento econômico contínuo e cogitar quanto às condições de uma sociedade mobilizar seus recursos para permanecer funcionando em níveis satisfatórios sem geração de tantas e profundas iniquidades. Devem ser prioridades a atenção à saúde, ecologia global, produção e distribuição de alimentos, fornecimento de água e eletricidade, serviços de internet e de telefonia.

Havendo recursos suficientes, trata-se de alocá-los diretamente, externamente à lógica do mercado.

(https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/04/mundo-ameacado-por-coronavirus-nao-se-parece-com-filmes-apocalipticos-de-hollywood-diz-zizek.shtml,consultado em 22/04/2020)

A Gaia epidemiologia

Estas desenfreadas incursões por exageros hiperbólicos de caráter escatológico servem para retornar ao tema da alegoria que representaria este planeta. Isabelle Stengers (2017) formula uma conceituação acerca da irrupção de *Gaia* uma personificação da entidade mítica que representa o nosso planeta que retorna. Seria a resultante do equívoco dos seres humanos terem considerado naturalmente a posse do planeta como uma copiosa e inesgotável fonte de recursos naturais que poderiam ser extraídos indefinidamente.

Para a pensadora belga em um texto originalmente escrito em 2009, ainda durante a crise econômica norte americana iniciada em 2008, o que acontece ao nomear dessa forma a Gaia (Gea) é caracterizar como intrusão os desastres que se anunciam (e ocorrem conforme a pandemia dependeriam, importa assinalá-lo aqui, de uma operação pragmática. Nomear não é dizer o verdadeiro. Mas conferir ao que é nomeado o poder de nos fazer sentir e pensar no modo em que tal nome evoca (este é o papel dos ensaios...). Neste caso, se trata de resistir à tentação de reduzir a um simples "problema" o que é o acontecimento como o Covid-19 que agora nos coloca em xeque.

Neste ensaio, pois, Gaia não é nem a Terra "concreta" nem mesmo aquela que é nomeada e invocada quando se trata de afirmar e fazer sentir nossa conexão com esta Terra. Capaz de suscitar um sentido de pertinência ali onde predominou a separação e extrair dessa pertença recursos de vida, de luta e de pensamento. O que se trata de pensar aqui é a intrusão, não a pertinência.

Se nomear é operar e não definir – vale dizer, apropriar-se – o nome, sem dúvida, não pode ser arbitrário. Esse nome no século XX teve pontos de contato em primeiro lugar com uma proposição de origem científico. Quer dizer, transmitir a necessidade de resistir à tentação de uma oposição brutal entre as ciências e os saberes considerados "não-científicos". Tal acoplamento será necessário se devemos aprender como dar resposta às versões épicas da história humana. Quando o Homem, erguido sobre suas duas patas e aprendendo a decifrar cientificamente as "leis da natureza", assumiu que era dono de seu destino, livre de toda transcendência.

Um dos sinais deste retorno, a grosso modo, foi a relação eventualmente abusiva dos seres humanos com o planeta que habita. E agora, parece alegoricamente que este lugar denominado a partir da entidade designada por Gaia se manifesta cada vez mais. Mesmo que haja gente com insígnias acadêmicas e políticos argumentando que essas variações seriam "normais" se encaradas numa escala temporal ampliada. Nada além disto.

Ainda assim, no último meio bilhão de anos, a vida na Terra foi quase dizimada cinco vezes — por coisas como mudanças climáticas, uma intensa era glacial, vulcões e aquela rocha espacial que se chocou no Golfo do México há 65 milhões de anos, obliterando os dinossauros e um monte de outras espécies. Esses eventos são conhecidos como as grandes extinções em massa, e todos os sinais sugerem que estamos agora no precipício de um sexto.

Exceto que desta vez, não temos ninguém além de nós mesmos para culpar. A taxa de extinção atual pode ser mais de 100 vezes maior do que o normal — e isso está levando em conta apenas os tipos de animais que conhecemos. Os oceanos e florestas da Terra abrigam um número incontável de espécies, muitas das quais provavelmente desaparecerão antes mesmo de conhecê-las.

Há mais de uma década, um grupo de pesquisadores assinalava algo que já era, de certa forma, um truísmo: considerar o fato de que populações e espécies de outros organismos fazem parte dos sistemas de suporte de vida humana. Populações multitudinárias são responsáveis pelo fornecimento e manutenção de elementos ecossistêmicos vitais, desde o controle de enchentes, sequestro de carbono e reciclagem de nutrientes até a geração de solos, polinização das culturas e controle de pragas agrícolas. A sexta onda de extinção não só ameaçaria nossos sentidos estéticos e morais, mas a própria sobrevivência da civilização. Parece certo que a perturbação climática aumentará muito a taxa de extinção populacional e de espécies (Ceballos, G., García, A., Ehrlich, P.R. 2010).

Este é o foco de Elizabeth Kolbert (2014) no seu livro sobre a sexta extinção. O que esses novos resultados podem revelar para o futuro da vida neste planeta? Há alguma chance de colocarmos os freios nessa enorme perda de vidas? Os humanos estão destinados a se tornar vítimas de nossa própria imprudência ambiental? O estudo que gerou tantas conversas estima que até três quartos das espécies animais poderiam ser extintas em várias vidas humanas, o que soa incrivelmente alarmante.

Há estudos examinando grupos de animais vertebrados — como mamíferos e aves e répteis e anfíbios. E eles documentam de forma bastante convincente que as taxas de extinção já estavam extremamente elevadas no ano 1500, e estão ficando cada vez piores. São números muito altos, e as pessoas estão se dando conta.

É claro e indiscutível que estamos vivendo em uma época de taxas de extinção muito elevadas, na ordem de uma extinção em massa, embora uma extinção em massa possa levar muitos milhares de anos para acontecer. Existem habitats ou espécies ou grupos de animais que são especialmente vulneráveis às mudanças que estão acontecendo.

Não há qualquer disputa de que somos responsáveis pelas altas taxas de extinção que vemos agora. Há muito poucas, se houver, extinções que conhecemos nos últimos 100 anos que teriam ocorrido sem atividade humana. Há uma miríade de artigos científicos que foram escritos sobre isso. Estamos mudando o clima, muito, muito rapidamente, pelos padrões geológicos. Estamos mudando a química de todos os oceanos. Estamos mudando a superfície do planeta. Cortamos florestas, plantamos monoculturas, estamos pescando demais. E por aí vai.

Dê às espécies de vertebrados (e nós somos outra espécie vertebrada) uma vida média de um milhão de anos. E você diz que os humanos estão 200.000 anos em seus milhões de anos. Se você precipitar uma extinção em massa — mesmo deixando de lado a questão de se os humanos serão vítimas de sua própria extinção em massa, você não pode esperar que essa mesma espécie esteja por perto quando o planeta se recuperar.

Serão os humanos as vítimas da extinção em massa provocada por eles mesmos? Não se pode dizer que não possamos sobreviver à perda de muitas espécies. Já provamos que realmente podemos, pois somos muito adaptáveis. Mas acho que o importante é que não gostaríamos de descobrir isso. Há duas questões que surgem: Uma é, certo, só porque sobrevivemos à perda de x número de espécies, podemos continuar indo pela mesma trajetória, ou eventualmente empobrecemos os sistemas que mantêm as pessoas vivas? Essa é uma pergunta crucial. E há outra pergunta. Mesmo que possamos sobreviver, é o mundo em que você quer viver? É nesse mundo que você quer que todas as gerações futuras de humanos vivam?

(https://www.nationalgeographic.com/news/2015/06/150623-sixth-extinction-kolbert-animals-conservation-science-world/, consultado em 18/04/2020)

Ou seja, não há razão para frear determinadas formas de exploração de recursos naturais, nem de eliminação de resíduos ambientais. Estes irão se colocar criticamente assegurando a manutenção do rumo atual e a crença do destino do homem e de sua capacidade para triunfar em todos os “desafios”. O que significa o dever de crer incondicionalmente na ciência, esse cérebro da Humanidade, e na técnica, a serviço do progresso. E, a suposição de que o investimento incondicional em ambos irá nos redimir.

Numa perspectiva crítica equivalente, vale apresentar uma síntese de ideias da canadense Naomi Klein sobre a crise ambiental contidas no seu livro *This changes everything*, publicado em 2015. Aí se analisa duas grandes questões: o capitalismo de desastres e as mudanças climáticas. Ela considera que a maioria das pessoas pense que a mudança climática é uma ameaça pois não foram feitas as ações necessárias para reduzir as emissões. Mas, não se pode deixar de ressaltar que estas ações essencialmente entram em conflito com a noção de capitalismo desregulamentado vigente.

Então, a pergunta deve ser: este é o rumo certo, no sentido de eleição de coisas corretas para nós mesmos (este é um ponto crítico: nós quem, cara pálida?), para o nosso futuro, e mais: isso é o melhor que é possível fazer? Claro que sua perspectiva é de justiça social e ambiental: o fundamento do problema não é consertar o planeta como solução para o aquecimento global, mas corrigir as correspondentes ações humanas equivocadas que colaboram para isto.

Klein analisa os problemas do extrativismo de combustíveis fósseis, as desigualdades sócio-econômicas, os negacionistas das mudanças climáticas e seus fortes vínculos conservadores e reacionários, o comércio antiético e os fluxos de capital. Como encaminhamentos, a autora sinaliza que pode se ter perspectivas de

esperança no sentido de pessoas poderem atuar de forma distinta aos padrões daninhos.

Há sugestões de soluções sociais como a propriedade pública dos principais serviços prestados pelos setores de energia, transporte e água. Klein admite não apresentar argumentos detalhados de caráter técnico sobre as ciências climáticas, mas sua abordagem se dirige à dimensão política do “poder humano” no enfrentamento com os imperativos do capitalismo de livre mercado que postula sem pudores: “crescer ou morrer”. E este é o foco: a sinalização que o capitalismo sob o sistema atual não está funcionando.

As críticas de Klein em relação às estratégias atuais de mitigação não são recentes, mesmo na ocasião de publicação da obra. Ainda assim, estão bem apresentadas. É o caso da descrição do "comércio de poluição", cobrindo o sistema econômico de capitalização e comércio que a Europa usa atualmente para regular as emissões do setor elétrico. Há vários exemplos de formas inovadoras de descrever problemas antigos: por exemplo, o uso de "extrativismo" e "energia extrema" para descrever a mentalidade predadora com os recursos naturais do planeta são tratados.

Ainda há uma abordagem relevante sobre o obscurantismo da “guerra contra a ciência" – que, inclusive se intensificou na atualidade. No caso, identifica o cinismo das alegações da indústria de petróleo e gás de serem a única opção científica realista, enquanto essa mesma indústria ataca o estudo científico dos impactos das mudanças climáticas e da poluição ambiental.

O livro também cerra fileiras com os críticos das mudanças climáticas, pobreza e desenvolvimento. Argumentos de justiça socioambiental são apresentados na segunda parte da obra. E questões controversas de transferências de riqueza e mecanismos de financiamento climático redistributivo são discutidos. Klein indica as insuficiências do surrado argumento da falsa escolha entre emprego e crescimento econômico. O que de fato importa é a busca por formas positivas de reinvestir em negócios socialmente equitativos. São tratados os problemas populacionais e as demandas de superconsumo são mencionados. Importante é a ênfase na descrença de propostas que não tratem as origens reais da pobreza.

Klein chega a uma conclusão através de uma discussão sobre a conexão entre consumo e mudanças climáticas; destacando justamente o aumento das emissões da China devido à sua produção de bens consumidos pelo mundo ocidental. Sua argumentação menciona a possibilidade de um "descrescimento seletivo" e critica o "consumo desperdiçado". Já em 2014, há um diagnóstico de um *status quo* distópico de mudança climática sustentada pelo capitalismo de desastres e que já estaríamos na “zona de sacrifício”. Ainda assim, para não se apresentar de forma pessimista, aponta que os movimentos de justiça climática e mobilização social ainda possam oferecer um futuro alternativo.

(https://blogs.lse.ac.uk/lsereviewofbooks/2014/11/17/book-review-this-changes-everything-capitalism-vs-the-climate-by-naomi-klein/, consultado em 19/04/2020)

Numa matéria disponibilizada na internet sobre a pandemia, ela comenta que estamos vislumbrando o mundo que o Vale do Silício gostaria de nos entregar e esta

não é a maneira que queremos viver. Não queremos que nossas vidas pessoais sejam pesquisadas. Este é o futuro que o Vale do Silício tem reservado para nós. Acho que devemos, de certa forma, ver isso como uma oportunidade para recusar esse futuro da maneira como saímos desta crise. As pessoas estão usando as mídias sociais, mas não podemos confiar neles para as maneiras pelas quais organizaremos a verdadeira resistência, porque os ataques virão e temos que estar prontos para isso.

Podemos ver as grotescas divisões econômicas se ampliando ainda mais. Estamos tentando lidar com os impactos dessa pandemia dentro das consequências, dentro dos escombros das políticas de austeridade da crise de hipotecas, e da dizimação dos padrões trabalhistas que cresceram a partir da última crise.

Muitas pessoas falaram sobre o que aconteceu em Porto Rico como uma revelação do que já estava lá, da crise existente. Temos que lembrar que o normal era uma crise. É normal que a Austrália estivesse em chamas? Califórnia? É normal que a eletricidade deles tenha sido cortada? Normal é mortal. Não precisamos estimular a economia. Precisamos construir uma economia baseada na proteção da vida. Agora, as pessoas que foram cegas para isso estão ligando a TV assistindo Fox News dizendo "talvez devêssemos sacrificar seus avós", e eles estão dizendo, "o quê?"

O que precisamos é de resgate agora. O que precisamos imediatamente é: "você não paga o aluguel este mês." Precisamos de recuperação para os trabalhadores. Estes são os princípios fundamentais de uma recuperação justa para os trabalhadores, não para as corporações. Eu realmente vejo isso acontecendo em um monte de iniciativas realmente emocionantes lá fora. O trabalho de cuidado é tão denegrido, desvalorizado e destruído. Não queremos admitir que somos interdependentes, nunca queremos admitir que nosso sucesso não é apenas nosso. Nossa interdependência está sendo visível para melhor ou pior. É preciso que haja um fundamento do que vem a seguir e a valorização do trabalho de cuidado.

https://inthesetimes.com/article/22416/coronavirus-crisis-disaster-capitalism-naomi-klein-covid-19, consultado em 19/04/2020

Então, nomear a Gaia como “a que faz a intrusão” é também caracterizá-la como cega, à maneira de tudo quanto faz intrusão, aos destroços que ocasiona. Por isso, a resposta que se deve criar não é uma “resposta à Gaia”, mas uma resposta tanto ao que provocou a intrusão como às consequências de tal intrusão.

O Carro de Jagannath

O pensador britânico Anthony Giddens[8] (1990) em seu livro “*Consequências da Modernidade*” traz outra alegoria pertinente. Refere-se “ao carro de Jagrená” (*Juggernaut* em inglês). Trata-se de uma entidade baseada na divindade Vishnu que conduz um veículo numa trajetória “desgovernada” sob cujas rodas devotos se atiram para ser atropelados em cultos místicos. O termo provém do indiano '*Jagannath*' que significa “senhor do mundo”', que por sua vez deriva do sânscrito *'jagati*' no sentido

[8] Ele teria entrado em certo ostracismo acadêmico após colaborar com o governo de Tony Blair, primeiro ministro trabalhista inglês de 1997 a 2007.

de “ele vai” e '*natha*', “mestre”. (http://www.macmillandictionaryblog.com/juggernaut, consultado em 26/03/2020)

Giddens a relaciona ao tema descontrole/*hybris* enfocando nos efeitos do modo de funcionamento errático da chamada de “modernidade”. Pois, estaríamos a mercê dos azares e sortilégios dos riscos diante da perda do domínio sobre nossos rumos, afetando o meio ambiente e as condições de vida. “*Juggernaut*”[9] significa: grande e poderosa força ou organização que não pode ser parada; rolo compressor e grande e pesado caminhão. (ttps://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/juggernaut, consultado em 24/03/2020)

Mas, se navegar é preciso e viver é impreciso, temos de adaptar o conhecido aforisma “aqui se faz, aqui se paga” para considerar o quanto nossos recursos científicos e tecnológicos construídos sob o primado da precisão são capazes de lidar com situações de se viver diante dessa irrupção de Gaia a qual não se consegue precisar seu desenrolar em termos catastróficos. É necessário, portanto, retornar à questão da esperança concreta baumaniana abordada no capítulo sobre Pandora. E ela incide justamente na necessidade imperiosa de repensar nossas existências no interior de nossas formas de viver em termos societários.

Tendo em vista esta problemática, o coletivo chinês Chuang - traduzido com bastante liberdade como ‘libertar-se; atacar, fazer carga; romper as linhas inimigas; agir impetuosamente’ – consiste num grupo de chineses comunistas que criticam tanto o ‘capitalismo de Estado’ do Partido Comunista Chinês quanto a visão neoliberal e preconceituosa em termos étnicos dos movimentos de ‘libertação’ de Hong Kong. Para o Chuang, a pandemia traz duas vias de reflexão: a) é uma situação que apresenta uma dimensão didática para pensar aspectos cruciais referentes às formas como a produção capitalista interage com o mundo não humano em caráter decisivo: como este mundo, incluindo sua escala microbiológica não pode ser compreendida sem se fazer referência aos modos como a sociedade ordena suas atividades produtivas. Até porque tal separação é artificiosa).

Diante da presença extensiva da COVID-19 e de seus danos, é possível refletir também – b) sobre o estado atual da sociedade chinesa. Há duas dimensões a analisar - como a acumulação capitalista produz tais pragas, mas também como o momento da pandemia é um caso paradoxal de crise política, mostrando para as pessoas as potenciais dependências invisíveis do mundo que servem também como desculpa para a extensão dos sistemas de controle ainda mais intensos na vida cotidiana.

Importante enfatizar que o vírus SARS-CoV-2 foi, como o 2003 SARS-CoV, o da gripe aviária e o da gripe suína antes dele, foram gerados no conhecido nexo entre a

[9] No tomo 1 do Capital de Marx, temos: (...) no sistema capitalista, todos os métodos para elevar a produtividade social do trabalho são trazidos ao custo do trabalhador individual; todos os meios para o desenvolvimento da produção se transformam em meios de dominação e exploração dos produtores; eles mutilam o trabalhador em um fragmento de um homem, degradam-no ao nível de um apêndice de uma máquina, destroem cada remanescente de encanto em sua obra e transformam-na em uma labuta odiada; afastam dele as potencialidades intelectuais do processo de trabalho na mesma proporção que a ciência é incorporada nele como um poder independente; distorcem as condições sob as quais ele trabalha, submetem-no durante o processo de trabalho a um despotismo quanto mais odioso por sua mesquinharia; eles transformam seu tempo de vida em tempo de trabalho, e arrastam sua esposa e filho sob as rodas do **Juggernaut** do capital.(https://www.goodreads.com/quotes/1153100-within-the-capitalist-system-all-methods-for-raising-the-social, consultado em 24/03/2020)

economia e a epidemiologia. Ora, como em outras conhecidas configurações epidemiológicas, o avanço do vírus de uma espécie para o ser humano é condicionado pela proximidade e regularidade deste contato de tal forma que se constrói o cenário em que a doença encontra formas de saltos extra espécies.

Quando essa interface entre humanos e animais muda, também mudam as condições pelas quais essas doenças evoluem. É crucial o papel desse ambiente evolutivo criado pela agricultura e urbanização capitalistas. Cria-se um meio ótimo para que pragas devastadoras se desloquem de uma espécie para outra e acabem se transformando em vetores agressivos para a população humana.

É preciso incluir processos igualmente intensivos que sucedem nas bordas econômicas, onde cepas "silvestres" entram em contato com indivíduos obrigados a fazerem incursões agroeconômicas próximas a ecossistemas ainda inexplorados. O modo como a origem selvagem e os efeitos de disseminação iniciais do SARS-COV-2 no centro de um núcleo bastante urbanizado e industrializado da economia global como Wuhan representa as duas dimensões desta era de pestes político-econômicas[10].

Não há muita novidade em considerar o fato da "globalização" possibilitar a disseminação de tais doenças mais rapidamente. Mas, há que se acrescentar como esse processo de circulação também estimula o vírus a sofrer mutações mais rapidamente. A questão crucial, porém, se localiza antes da circulação, aumentando a virulência de tais doenças.

A referida racionalidade lógica essencial do capital enseja a dispor cepas virais previamente isoladas ou inofensivas e colocá-las em ambientes favoráveis aos elementos geradores de disseminações epidêmicas, como ciclos rápidos de vida viral, a capacidade de saltos zoonóticos entre espécies transportadoras e a possibilidade de evoluir rapidamente para novos vetores de transmissão.

[10] Em meio à pandemia de COVID-19, é razoável imaginar as razões de suas origens. A compreensão detalhada de como um vírus animal saltou dos limites das espécies para infectar humanos de forma tão efetiva deverá ajudar na prevenção de futuros eventos zoonóticos. Então, se o SARS-CoV-2 foi pré-adaptado em outra espécie animal, então há o risco de retorno futuro de eventos similares. Por sua vez, se o processo adaptativo ocorreu em humanos, mesmo que ocorram repetidas transferências zoonóticas, é improvável que eles saltem sem a mesma sequência de mutações. Além disso, identificar os parentes virais mais próximos do SARS-CoV-2 circulando em animais ajudará muito os estudos da função viral. De fato, a disponibilidade da seqüência de morcegos RaTG13 ajudou a revelar as principais mutações, entre outros aspectos. As características genômicas descritas aqui podem explicar em parte a infecciosidade e transmissibilidade do SARS-CoV-2 em humanos. Além disso, identificar os parentes virais mais próximos do SARS-CoV-2 circulando em animais ajudará muito os estudos da função viral. As características genômicas descritas aqui podem explicar em parte a infecciosidade e transmissibilidade do SARS-CoV-2 em humanos. Embora as evidências mostrem que o SARS-CoV-2 não é um vírus propositalmente manipulado, atualmente é impossível provar ou refutar as outras teorias de sua origem descritas aqui. No entanto, uma vez que observamos todas as características notáveis do SARS-CoV-2 em coronavírus relacionados na natureza, não acreditamos que qualquer tipo de cenário baseado em laboratório seja plausível. Mais dados científicos poderiam balancear o equilíbrio de evidências para favorecer uma hipótese sobre outra. A obtenção de seqüências virais relacionadas a partir de fontes animais seria a forma mais definitiva de revelar origens virais. Também seria útil obter mais dados genéticos e funcionais sobre o SARS-CoV-2, incluindo estudos em animais. A identificação de um potencial hospedeiro intermediário do SARS-CoV-2, bem como o sequenciamento do vírus de casos muito precoces, seria igualmente altamente informativa. Independentemente dos mecanismos exatos pelos quais o SARS-CoV-2 se originou através da seleção natural, a vigilância contínua da pneumonia em humanos e outros animais é claramente de extrema importância. Andersen, K. G., Rambaut, A., Lipkin, W. I., Holmes , E. C., Garry, R. F. The proximal origin of SARS-CoV-2. In: https://www.nature.com/articles/s41591-020-0820-9, consultado em 09/04/2020

Tais cepas tendem a se destacar precisamente por causa de sua virulência juntamente com sua alta transmissibilidade. Em certos ambientes, esta lógica faz sentido: quando um vírus tem acesso a muitos hospedeiros da mesma espécie em proximidade. Isto tornaria a alta virulência uma "vantagem evolutiva" uma vez que esses hospedeiros passam a ter ciclos de vida mais curtos.

É extremamente relevante, ainda encarar as condições de desinvestimento massivo dos setores públicos de saúde para serem substituídos por sistemas privados de serviços. Assim, não é de surpreender que o COVID-19 tenha se espalhado tão facilmente. Deve-se agregar ainda o fato de que uma doença transmissível surge na China a cada 1-2 anos. E sabemos que as condições parecem estar dispostas para que essas epidemias não cessem. Como no caso da gripe espanhola, as condições geralmente ruins de saúde pública entre a população proletária ajudaram o vírus a ganhar corpo e, a partir daí, espalhar-se rapidamente. (http://afita.com.br/outras-fitas-contagio-social-coronavirus-china-capitalismo-tardio-e-o-mundo-natural/, consultado em 29/03/2020)

Vamos agora acompanhar Žižek em seu texto "Bem-vindo ao deserto do viral! Coronavírus e a reinvenção do comunismo" (https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/12/zizek-bem-vindo-ao-deserto-do-viral-coronavirus-e-a-reinvencao-do-comunismo/, consultado em 20/03/2020), para tratar ainda que alegoricamente se é possível pensar num vírus ideológico benigno: aquele que capaz de fazer as pessoas cogitarem em outras possibilidades de configuração da sociedade, para além do Estado-nação, e que se caracterizam por novas formas dignas de cooperação e solidariedade em termos globais. Como se não houvesse possibilidade de se prosseguir em um modelo produtor de tanta fealdade, chegando à conclusão de que se não há como continuar da mesma forma, torna-se imperiosa uma mudança radical.

Vale a pena explorar mais este tópico: quando for superada esta pandemia, seja como e quando for, não temos como saber quais poderão ser as consequências em várias dimensões relacionais de um retorno à alguma cotidianidade. Claro que marcas ficarão. Outras pandemias podem sobrevir. Então, haverá alguma ampliação intensiva de atividades digitais desde os domicílios para aqueles privilegiados que teriam acesso a elas mantendo algo do modelo de quarentena?

Por outro lado, há possibilidades de se estabelecer distintos vínculos cooperativos não apenas intrafamiliares, mas interpessoais? Com menos tensões identitárias? Será possível desarmar paulatinamente os mecanismos de financeirização capitalista e a precarização gerada pelo ultraneoliberalismo? Haverá enfraquecimento ou fortalecimento de vetores a favor de vias políticas regressivas e autoritárias de extrema direita. Indagações especulativas não faltam.

Žižek ainda se refere à retórica dos tropos ao que ele chama de "retorno triunfal do animismo capitalista", mas podemos também falar de antropomorfismo: "entes" como as bolsas de valores, os mercados/capital financeiro como entidades biológicas que são capazes de ficarem "nervosas". Ora, faz parecer que o foco do problema é o fato do coronavírus estar comprometendo a "fisiologia" do mercado mundial.

Como é de costume, governantes ou coisas parecidas possuem uma grande inclinação retórica para abusar de figuras de linguagem que se prestam a reforçar seus desígnios políticos. No caso do governo brasileiro já são conhecidas as terríveis metáforas do Ministro da Economia, Paulo Guedes para vender seus peixes de qualidade duvidosa. [11]

Não poderia faltar um expressivo emprego da ideia de guerra ao COVID-19. Logicamente, ter uma grave pandemia presente nas nossas vidas significa encetar uma guerra? Até certo ponto crítico, há similaridades. Pois, justifica-se a instalação de um regime de proteção que altera em grande escala o cotidiano das pessoas, de modo geral. Como se fossem aquelas contingências que ocorrem em condições de conflitos bélicos que ameaçam a integridade dos indivíduos que devem se proteger adequadamente. E há, também, geração de reações comuns a indivíduos que sentem medo, pânico e congêneres. Quem pode ser afetado pela COVID-19 tem medo.

Mas, não se pode descartar que esta é uma questão capaz de envolver a escolha de tropos convenientemente ambíguos. Talvez haja algo similar que permite estabelecer leituras de "realidade" que sustentam determinadas posições políticas em detrimento de outras através de distintos formatos "hermenêuticos".

Determinadas manobras políticas de força (usualmente militar) com ruptura do regime constitucional devem ser literalmente denominadas pelo termo "golpe". Ou, diante de circunstâncias, digamos maquiavélicas, sem ruptura da estrutura regida juridicamente pela Constituição como se fosse "golpe". Neste caso, há uma expressão de língua inglesa "*lawfare*" que procura designar um uso abusivo de leis jurídicas que serve a desígnios políticos. E há leis que se instauram sob a tutela de assembleias com representantes que defendem interesses particulares. Assim como supremos magistrados que desenvolvem interpretações de leis que podem se orientar da mesma forma. Até porque foram indicados por governantes não isentos.

No caso de "guerra às drogas", "guerra à pobreza", "guerra ao terrorismo", "guerra às entidades diabólicas", "guerra à AIDS" entre outras "frentes de batalha", é bastante provável que os usos metaforizados pretendam propor encaminhamentos que favoreçam a interesses camuflados ou mesmo, preconceitos. E, neste sentido, entre outras dimensões manipulativas, as vias consideradas democráticas eventualmente são distorcidas e passam a sofrer "desvios de funções" com governantes populistas especialmente daninhos.

[11] Desde quando assumiu o posto, o ministro Paulo Guedes (Economia) faz um uso constante de expressões metafóricas exageradas. Por exemplo: "O Brasil é uma baleia ferida que foi arpoada várias vezes, foi sangrando e parou de se mover. Precisamos retirar os arpões". Depois da divulgação de indicadores positivos de atividade econômica e do emprego, Guedes passou a afirmar que, agora, a baleia começa a se mover. Em outra fala, faz referência a pessoas que, ao longo dos anos, tomaram posse do Estado, se beneficiaram com recursos públicos, incentivos tributários ou distorções em fundos públicos. "Piratas privados, burocratas corruptos e criaturas do pântano político se associaram contra o povo brasileiro". Ao defender a reforma da Previdência, ilustrava o esgotamento do sistema de aposentadorias do país assim: "Seu filho entra no mesmo voo condenado, indo para alto-mar sem combustível. O seu paraquedas você segura, e ele vai para o inferno. É isso o que essa geração quer fazer?""Nossos filhos e netos, por falta de coragem nossa, estão condenados a continuar nesse mesmo avião, que vai cair por falta de combustível." Ainda sobre a Previdência, dizia que o sistema tinha "bombas-relógio", como a demografia, já que o número de idosos no país é cada vez maior e eles precisam ser bancados pelos jovens em idade ativa, que não acompanham esse crescimento na mesma proporção. Os encargos trabalhistas, em sua opinião, são "armas de destruição em massa de empregos". Sem comentários. (https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/12/metaforas-de-guedes-criaram-novo-dicionario-economico.shtml, consultado em 08/04/2020)

Mas, há aspectos que devem ser levados em consideração, como acentua Guimarães ((https://www1.folha.uol.com.br/colunas/lucia-guimaraes/2020/04/metafora-da-guerra-nao-faz-bem-a-saude-publica-ou-a-democracia.shtml, consultado em 08/04/2020). Não se trata realmente de enfrentamentos entre grupos humanos ou de nações, mas de algo que também, bem ou mal, emprega um tropo: luta pela sobrevivência.

(https://www1.folha.uol.com.br/colunas/lucia-guimaraes/2020/04/metafora-da-guerra-nao-faz-bem-a-saude-publica-ou-a-democracia.shtml**,** consultado em 08/04/2020)

Na verdade, este é um sintoma flagrante da questão da necessidade de remodelar a economia globalizada, de tal forma que não fique aos caprichos dos mecanismos instáveis de mercado. Uma forma de organização global com capacidade de tanto regular a economia, assim como limitar as relações perigosas e espúrias entre transnacionais "analógicas" [índice DJIA - *Dow Jones Industrial Average* - Média Industrial do Dow Jones (https://capital.com/pt/indice-dow-30-dow-30--definicao, consultado em 20/03/2020)] e tecnológicas eletrônicas "digitais" [(*Nasdaq* - *National Association of Securities Dealers Automated Quotations* – Associação Nacional de Corretores de Títulos de Cotações Automáticas)] e os ditos Estados-nação, em caso de necessidade de proteger suas populações.

Em outro texto, aparentemente posterior à citação acima, Žižek (https://tradutoresproletarios.wordpress.com/2020/03/17/zizek-monitorar-e-punir-sim-por-favor/;consultado em 29/03/2020) aborda um determinado aspecto do SARS-COVID-2 com uma dose de alta sintonia com trechos apresentados na introdução. Refere-se ao fato de que o coronavírus se constitui num filamento de RNA, somente parecem vivos por compulsiva pulsão reprodutiva, fora isto não estaria vivo. Ou seja, seriam algo da ordem dos *mortos-vivos*. Quiçá como tera-hordas de nano-zumbis portadores de veneno, ávidos por seres humanos. Mas, não podem ser considerados como forma primária de vida. São essencialmente parasitas. Quando nos infectam somos apenas parte de seu ciclo de morte-vida.

Uma compilação de matérias de Žižek publicadas na imprensa como novo livro, há uma argumentação que contraria a visão de que a humanidade está sendo castigada pela pandemia por explorar o mundo natural. Žižek acha que tais argumentos têm uma função reconfortante, uma vez que eles assumem que os humanos "importam de alguma forma profunda"; a coisa realmente difícil de aceitar é que esse "mecanismo estúpido de auto-replicação", como ele descreve o vírus, "não esconde nenhum significado mais profundo". Ele está no seu mais poderoso – útil, inclusive – quando simplesmente aponta que a tarefa moral durante essa pandemia é aliviar o sofrimento, não "economizar". Há algo profundamente radical na forma como os Estados aderiram a essa lógica anti-economista, bloqueando-se, e a tentação de voltar ao "normal" às custas dos doentes deve ser resistida.

(https://www.theguardian.com/books/2020/apr/23/pandemic-by-slavoj-zizek-review-the-philosopher-provides-his-solution)

Em uma perspectiva mais ampla, essas virulentas epidemias trazem as questões relativas aos mistérios relativos à falta de sentido da existência humana.

Independente de quantas construções espirituais sejam feitas ou teorias que pretendam refutar essa perspectiva escatológica, catástrofes ambientais, vírus, grandes objetos celestes ou mesmo severas alterações terrestres/atmosféricas cumulativas feitas pela humanidade são capazes de acabar com a vida humana como ela. Na ficção cinematográfica, foi o que fez o asteroide "Melancolia" (2011) na película de Lars von Trier e no filme "Cavalo de Turim" (2011) de Béla Tarr.

Já o filósofo coreano Byung-Chul Han tem dúvidas a respeito da pandemia viral servir para promover alguma revolução, pois "*(...) o vírus nos isola e individualiza. Não gera nenhum sentimento coletivo forte. De alguma maneira, cada um se preocupa somente por sua própria sobrevivência. A solidariedade que consiste em guardar distâncias mútuas não é uma solidariedade que permite sonhar com uma sociedade diferente, mais pacífica, mais justa*". (https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html, consultado em 26/03/2020).

O Estado de exceção que faz a regra imunológica

O psicanalista e pensador Contardo Calligaris, em sua coluna na Folha de São Paulo traz o filósofo Giorgio Agamben que escreveu textos breves sobre aspectos das medidas de confinamento em relação à pandemia. A ideia era mostrar determinados aspectos agambemianos quanto a qualquer poder sempre se inclinar em busca de um controle cada vez mais intenso e específico - como vimos no capítulo 6.

E traz uma questão (que é retomada na segunda conclusão) que lida com supostos paradoxos: a medicina (mais especificamente, seria mais correto se referir às ciências e disciplinas do campo da saúde e de sua promoção) teria se tornado a representante do que deveria ser o valor supremo para o ser humano: o fato de se arvorar a prolongar a vida ao máximo possível. Inclusive de acordo com ó afã de se produzir cada vez mais avanços de conhecimentos científicos e tecnológicos neste sentido.

Desta forma, o poder está legitimado a exigir que as pessoas – que teriam condições para encetar esta missão, claro – devem aceitar preceitos que estabelecem exigências morais capazes de limitar a liberdade para a adoção incondicional de práticas (eventualmente até abusivas) de saudabilismo com vistas à "eternidade" mais longa possível.

No caso da pandemia, inegavelmente, as ameaças são reais e as medidas de distanciamento são procedentes. Ainda assim, para Agamben, segundo Calligaris, poderiam servir como motivos para a redução da liberdade. Ora, está incomensuravelmente afastada a possibilidade de Bolsonaro ter trocado Olavo por Giorgio ao tentar exercer um contrapoder diante das prescrições epidemiológicas no sentido de afrouxar as determinações de supressão da liberdade da população...

Quarentena tende a ser coisa séria diante deste retorno de recalcado pestilencial. Mas, não há sentido em polemizar este ponto. O foco de Agamben é o "estado de exceção". E nestas circunstâncias, temos já a decretação de um estado de calamidade, que, conforme o desenrolar da pandemia no Brasil pode evoluir até para

estado de sítio, caso haja “desordens” indesejáveis – algo passível de até produzir o fechamento do Congresso.

Na comunidade filosófica, ocorreram debates e proposições de abrandamento da posição agambemiana. Mas, o ponto trazido por Calligaris é sua explicitação de dois tipos de liberdade: - a de se fazer algo e a de se ver livre de algo indesejável. Simplificando: nunca se deve abrir mão da liberdade que desejamos para viver considerando que só cederíamos porque isto nos protegeria do medo e das necessidades. Em suma: quarentena é aceitável diante das características epidemiológicas da pandemia. Não há como confiar num governo que faz a apologia de seu afrouxamento quando explicitamente manifesta seus nefandos pendores totalitários.

De qualquer forma, é importante conceber, em suma, o episódio Covid-19 – que dá o vigoroso ar de seu grassar - no momento em que este texto é escrito - através do diagnóstico feito por Van Loon (2002) há quase duas décadas: vivemos em um ambiente apocalíptico no qual o medo, a insegurança e a suspeita se manifestam simultaneamente com as soluções racionais para enfrentar as grandes contradições com que lidamos.

Tais paradoxos são tratados racionalmente como se não fossem paradoxos – com propostas de educação, treinamento, disciplina, vigilância e controle, que trazem embutidas as insuficiências não assumidas de suas iniciativas. Temos com esta pandemia e seus dilemas, o paradigma imunitário se instituindo como reação, não como ação. Trata-se de uma contraforça que tenta, debalde, ser jagrenática para evitar que outra força entre em ação.

O dispositivo imunitário atua na suposição da existência do mal a enfrentar. E não apenas no sentido de que sua necessidade de manifestação provém deste mal – como o risco da doença justifica a ação preventiva e uma epidemia transforma o contato com outro como potencialmente arriscado. Mas, também, no sentido de que sua ‘existência’ se autojustifica pelo próprio uso. E, desta forma, acaba reproduzindo em escala controlada o próprio mal que tenta evitar.

A noção de risco pode prevenir a manifestação da patologia, mas não a presença reiterada da doença como em caso de pandemia. É, ainda, importante explicitar que para todas as civilizações se apresentou a necessidade de sua própria imunização, mas apenas a civilização atual se constituiu estruturalmente por tal necessidade, até porque teria condições de controlá-la. Conforme determinadas especificações de contextos regionais. De qualquer forma, uma pandemia ratifica a necessidade do paradigma imunitário. (Esposito, 2005).

Cabe agora, percorrer brevemente o trajeto etimológico iniciado por Esposito (2005), ao referir que *munus* significava obrigação, tributo, imposto que se paga para fazer parte da comunidade, e verificar o sentido de algumas palavras formadas com este elemento mórfico. Aparece em ‘imune’, do latim *immunis* – “livre (de encargos), isento (de impostos), dispensado etc.” – em ‘comum’, do latim *communis* (cum + munus) – “que pertence a muitos ou a todos, público, comum; acessível; ordinário” (de)”.

Ademais, tem pertinência mencionar o vocábulo 'comunicar', do latim *communicare* – "pôr em comum; partilhar; ter relações com, conversar, comunicar; misturar" (Houaiss, 2001: 1.980). Mas é 'imunidade' o que mais nos interessa: como termo jurídico – "conjunto de privilégios, vantagens ou isenções de ônus ou encargos concedidos a certas pessoas em função de cargo ou função exercida"; "privilégio, regalia outorgada a alguém em virtude do cargo ou função que exerce". Em sentido figurado – "capacidade de ficar afastado, livre, protegido de influência, circunstância etc.". Na rubrica imunologia – "conjunto dos mecanismos de defesa de um organismo contra os elementos que lhe são estranhos, esp. os agentes patogênicos (vírus, bactérias ou parasitas" (Houaiss, 2001).

Imune é aquele que está livre de obrigações, encargos, isento, em suma, é um privilegiado. A imunidade é sempre própria de alguém fora do comum. Importante ressaltar que a imunidade não significa tão somente isenção de impostos ou dispensa de obrigações, mas algo que oblitera as relações do sistema de vínculos em função dos pagamentos compartilhados da comunidade (Esposito, 2005).

Baseado em Exposito, Preciado (https://dialektika.org/wp-content/plugins/algori-pdf-viewer/dist/web/viewer.html?file=https%3A%2F%2Fdialektika.org%2Fwp-content%2Fuploads%2F2020%2F04%2FSopa-de-Wuhan-ASPO.pdf, consultado em 04/04/2020) elabora um esboço da gestão política do Covid-19 como forma de gestão da vida e da morte que desenha os contornos de uma nova subjetividade imunitária. Nesta perspectiva, o que a crise pode ter instituído teria sido tanto uma nova utopia imunológica da comunidade como uma nova forma de configuração do corpo.

Neste caso, o que foi gerado pelo Covid-19 é destituído de epiderme, não deve ser tocado, assim como não dispõe de mãos; não intercambia diretamente objetos físicos, não mais põe a mão em dinheiro, uma vez que as trocas e negócios não empregam o vil metal nem o contagioso papel das cédulas. Seu orifício bucal é destituído de lábios e língua. Não fala pessoalmente, dita mensagens de voz. Não tem face, e sim uma imagem retocada de perfil. Agora, seu corpo está camuflado para existir mediante aplicações e mediações semiotécnicas que produzem imagens que servem como personas que atuam sobretudo com entes consumidores.

David Harvey, geógrafo americano conhecido por suas posições marxistas, toca na pergunta que não quer calar: por quanto tempo essa situação pandêmica deve permanecer? Ele aventa a possibilidade de ser por mais de um ano. Assim sendo, os níveis de desemprego certamente subirão a níveis equivalentes aos da década de 1930, na ausência de intervenções estatais maciças que terão de ir contra o espírito neoliberal. Serão diversos os desdobramentos imediatos para a economia, bem como para o cotidiano social.

Mas nem todas são necessariamente ruins, na medida em que o consumismo contemporâneo estava se tornando excessivo que tem desempenhado um papel importante na degradação ambiental. Por exemplo, o cancelamento de voos aéreos e a redução radical do transporte e do movimento tiveram consequências positivas em relação às emissões de gases de efeito estufa. Na medida em que o gosto pelo

excesso de consumo imprudente e sem sentido é restringido, pode haver alguns benefícios a longo prazo.

E, por mais criticável que seja entrar na questão relativa ao viés demográfico do vírus, isto pode acabar afetando pirâmides etárias com efeitos de longo prazo sobre os encargos previdenciários e o futuro da "indústria do cuidado". A vida cotidiana deve desacelerar e para algumas pessoas isso será bem-vindo. Além disso, as normas imunitárias de distanciamento social são capazes de levar a mudanças culturais, sendo difícil, caso ocorram, dimensionar seus efeitos.

(https://davidharvey.org/2020/03/anti-capitalist-politics-in-the-time-of-covid-19/, consultado em 12/04/2020)

Em termos gerais, o destino pós-covídico nos impõe um ambiente apocalíptico no qual o medo, a insegurança e a suspeita se manifestam simultaneamente com as soluções racionais para enfrentar as grandes contradições com que lidamos. Tais paradoxos são tratados racionalmente como se não fossem paradoxos – com propostas de educação, treinamento, disciplina, vigilância e controle, que trazem embutidas as insuficiências não assumidas de suas iniciativas (Van Loon, 2002).

Em outras palavras, paradoxais são as estratégias de resolução dos complexos problemas decorrentes dos processos acelerados de modernização industrializada da economia globalizada. Via de regra, se temos avanços tecnocientíficos, por um lado, ao mesmo tempo, cresce a multidão de pessoas desvalidas com potencial zumbiforme. O Sarscovid-2 é um participante indesejável das voragens deste mundo, mas, também, é um ente que também representa o espírito desta época e de suas disfuncionalidades.

Via de regra, diante de impasses e sérios problemas surgidos, predominam rápidos e sucessivos ajustes provisórios, mas que se tornam definitivos por causa da necessidade constante de novos ajustes. As metas pretendidas se apresentam como cenários cada vez mais desmesurados, não assumidos como tal. Diminuem as possibilidades de se atingirem soluções satisfatórias. Há um antagonismo visceral à contenção, um afã desafiador para a superação indiscriminada de limites, uma postura abusiva que não reconhece fronteiras.

Não há como evitar, pairando na atmosfera, uma expectativa de que sempre será possível gestionar algo que, mesmo catastrófico, nunca será considerado como impossível de ser gestionado. E parece que é vital que seja assim. Só que a partir do caso covídico, algo muito grave pode ter se instituído.

Numa entrevista à Folha de São Paulo, o escritor Ignacio de Loyola Brandão comenta sobre o aspecto premonitório de seu livro “Desta Terra Nada Vai Sobrar a Não Ser o Vento que Sopra Sobre Ela”, trabalhado por 4 anos e publicado em 2018. (https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/a-reacao-ja-comecou-com-a-desobediencia-civil-diz-ignacio-de-loyola-brandao-autor-de-distopia-politica.shtml, consultado em 11/04/2020).

A este respeito, segundo ele, a origem do tema teria surgido quando leu no jornal a possibilidade de, no futuro, a ciência produzir um homem sem cérebro, sem emoção, sem sentimentos, sem nada. Então, comenta que hoje, temos algo assim

como presidente da República, assinalando que seria um caso equivalente ao personagem do livro.

Admitamos, desde logo, que se trata de licença alegórica do autor, perfeitamente aceitável. Mas, isto traz desdobramentos pertinentes. Apesar da balbúrdia, é difícil sustentar que o nosso Messias, por mais selvagem que seja, não possua cérebro. Por mais conceitos neurocientíficos que sejam produzidos, em sã consciência, cérebros humanos ainda são órgãos consideravelmente misteriosos.

No caso do Presidente da República, chegou-se a discutir numa certa ocasião se havia um modo de funcionamento que denotava alguma disfunção psiquiátrica comprometedora. Em caso afirmativo, se isso seria motivo para interdição e pedido de *impeachment.* (https://jornalggn.com.br/noticia/confira-ha-elementos-para-pedir-a-interdicao-de-bolsonaro-por-insanidade/, consultado em 11/04/2020). Não houve evolução política desta questão até o momento (04/2020). E, possivelmente salvo acontecimentos inesperados, não deve ocorrer.

Os gabinetes de calúnias

No decorrer dos efeitos da pandemia no Brasil, em meio aos argumentos de prejuízos à economia, surgiu mais um produto odiento das linhas de montagem de celeumas, agora relativa ao uso de cloroquina. Há fortes indícios que se trata de mais um dos muitos argumentos encobridores que configuram as desastrosas elaborações retóricas presidenciais. Aparentemente esta opção farmacológica está vinculada à uma ideia simplista de possibilidade de cura. E, claro, a saída das pessoas do estado de distanciamento social, com probabilidade de ampliação de incidência e mortalidade da COVID-19. Voltaremos a isso.

A Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) cumprindo seu papel de agência reguladora da vigilância sanitária sinalizou a necessidade de que não estava estabelecida a segurança do emprego do medicamento em função de seus efeitos importantes adversos[12]

[12] Nota Técnica sobre Cloroquina e Hidroxicloroquina: Um estudo in vitro desenvolvido por pesquisadores chineses avaliou o efeito antiviral da hidroxicloroquina contra o SARS-CoV-2 em comparação com a Cloroquina. Os pesquisadores afirmam que a Hidroxicloroquina inibiu efetivamente a etapa de entrada do vírus na célula assim como estágios celulares posteriores relacionados à infecção pelo SARS-CoV-2. Esse efeito também foi observado com a Cloroquina. Os pesquisadores também observaram que a Cloroquina e a Hidroxicloquina bloqueiam o transporte do SARS-CoV-2 entre organelas das células (endossomos e endolisossomos) o que parece ser a etapa determinante para a liberação do genoma viral nas células no caso do SARS-CoV-2 (1). Gautret et al. conduziram um estudo clínico aberto não randomizado. Apesar de seu pequeno tamanho amostral (foram 20 pacientes tratados), os autores afirmam que essa pesquisa mostra que o tratamento com Hidroxicloroquina é significativamente associado. Um estudo in vitro desenvolvido por pesquisadores chineses avaliou o efeito antiviral da hidroxicloroquina contra o SARS-CoV-2 em comparação com a Cloroquina. Os pesquisadores afirmam que a Hidroxicloroquina inibiu efetivamente a etapa de entrada do vírus na célula assim como estágios celulares posteriores relacionados à infecção pelo SARS-CoV-2. Esse efeito também foi observado com a Cloroquina. Os pesquisadores também observaram que a Cloroquina e a Hidroxicloquina bloqueiam o transporte do SARS-CoV-2 entre organelas das células (endossomos e endolisossomos) o que parece ser a etapa determinante para a liberação do genoma viral nas células no caso do SARS-CoV-2 (1). Gautret et al. conduziram um estudo clínico aberto não randomizado. Apesar de seu pequeno tamanho amostral (foram 20 pacientes tratados), os autores afirmam que essa pesquisa mostra que o tratamento com Hidroxicloroquina é significativamente associado à redução / desaparecimento da carga viral em pacientes com COVID-19 e seu efeito é reforçado pela Azitromicina (2). De acordo com revisão sistemática, há evidência pré-clínica da eficácia e evidência de segurança do uso clínico de longa data para outras indicações, o que justifica a pesquisa clínica com a Cloroquina em pacientes com COVID-19. A conclusão dessa revisão foi que dados de segurança e dados de ensaios clínicos de maior qualidade são urgentemente necessários (3). A Anvisa reforça que, para a inclusão de indicações terapêuticas novas em

(http://portal.anvisa.gov.br/documents/219201/4340788/Nota+Te%C3%82%C2%B4cnica+sobre+Cloroquina+e+Hidroxicloroquina.pdf/659d0105-60cf-4cab-b80a-fa0e29e2e799, consultado em 11/04/2020).

Além disso, o *British Medical Journal* publicou um artigo sinalizando que hidroxicloroquina e cloroquina inibem o SARS-CoV-2 in vitro (https://www.bmj.com/content/369/bmj.m1432, consultado em 11/04/2020). E uma comunicação breve chinesa mencionando 15 ensaios relatou que, até o momento, os resultados de mais de 100 pacientes demonstraram que o fosfato de cloroquina é superior ao tratamento de controle na inibição da exacerbação da pneumonia, sem dar mais detalhes.

Um relato preliminar de um desses ensaios, um estudo randomizado controlado por placebo de duas doses diferentes de hidroxicloroquina em 62 pacientes com achados radiológicos de pneumonia, mas sem hipóxia grave, relatou pequenas melhorias na temperatura corporal e tosse no grupo de tratamento de doses mais altas. No entanto, os pontos finais especificados no protocolo publicado diferem dos relatados, os resultados no grupo de baixa ose não foram descritos e a avaliação parece ter sido interrompida prematuramente.

Um estudo aberto e não randomizado de hidroxicloroquina, publicado em pré-impressão, teria sustentado a eficácia em 20 pacientes. Mas o desenho do ensaio foi ruim e os resultados não são confiáveis: seis pacientes abandonaram uma das partes do grupo de tratamento (dois por causa da internação em uma unidade de terapia intensiva e um porque morreu). E a medida de eficácia foi a carga viral, não um ponto final clínico; e avaliações foram feitas no sexto dia após o início do tratamento

Defensores, incluindo Donald Trump (e, claro, um de seus adeptos mais fervorosos do lado debaixo do Equador) têm argumentado que a hidroxicloroquina é amplamente usada e segura. Seu uso agora é permitido pela *Food and Drug Administration* dos EUA e defendido pelo Conselho Indiano de Pesquisa Médica.Mas nenhuma droga é garantida como segura, e o uso amplo de hidroxicloroquina exporá alguns pacientes a danos eventuais, mas potencialmente fatais, incluindo reações adversas cutâneas graves, insuficiência hepática fulminante, e arritmias ventriculares (especialmente quando prescrito com azitromicina); a overdose é perigosa e difícil de tratar). Trump em sua ingenuidade malévola ainda sugeriu o uso injetável de desinfetantes usados em limpeza doméstica, com alguns casos de danos a seguidores da ideia funesta.

Uso daninho de respiradores?

Além disso, há questões que envolvem a efetividade do uso dos respiradores para casos graves. É muito mencionada a necessidade de não haver colapso do sistema de saúde, sobretudo em termos de leitos e da disponibilidade de respiradores

medicamentos, é necessário conduzir estudos clínicos em uma amostra representativa de seres humanos, demonstrando a segurança e a eficácia para o uso pretendido" ().

durante a pandemia. No entanto, especialistas do campo médico começam a manifestar dúvidas quanto a haver excessos para tratar pacientes de Covid-19 diante de resultados abaixo do esperado em casos graves da doença.

Segundo estudos realizados nos E.U.A., China e Europa há dados que mostram que a maioria das pessoas intubadas acaba morrendo. E, ainda, as sobreviventes podem sofrer lesões respiratórias em função da forte pressão feita sobre os pulmões, que já sofre processos altamente inflamatórios em função da destruição celular que ocorre. Como foco desta questão estão tanto longo tempo que o paciente pode ficar no respirador e a dificuldade de encontrar uma alternativa terapêutica menos lesiva anterior ao uso das máquinas

Ainda faltam protocolos de tratamento para a Covid-19 que assegurem de fato as demandas próprias a cada caso. Porém, a afirmação categórica da necessidade de respiradores para elevar a chance de sobrevivência começou a ser debatida. É preciso se reavaliar o correspondente uso das máquinas tendo em vista alternativas menos invasivas.

De todas as formas, é preciso considerar que as estatísticas que indicam altas taxas de morte dos pacientes que usam respiradores estão, na verdade sinalizando desfechos de casos mais graves. Ainda assim, o desempenho das máquinas não tem sido tão satisfatório quanto se esperava.

Uma das hipóteses quanto a possível fracasso do uso do respirador se refere à taxa de saturação (níveis sanguíneos de oxigênio) que são muito baixos nos pacientes. Eles podem estar acelerando o processo de intubação antes que outra decisão seja cogitada.

Quando estes valores estão abaixo de 93% há muito tempo, os médicos consideram os riscos de danos aos órgãos —o esperado é de 95% a 100%— e tendem a indicar a respiração através de dispositivos não invasivos e mais disponíveis, como as máscaras para apneia do sono.

Casos graves podem chegar a taxas de saturação de 70% ou 60%, o que leva muitas equipes médicas a empregar o respirador. Para isto, é necessária sedação para a introdução do tubo de plástico na traqueia. Há uma vertente que postula que as pessoas sejam colocadas mais cedo no respirador, antes de o pulmão estar muito lesado. Mas não há consenso neste sentido.

Há estatísticas com números bem reduzidos no estado de Washington que mostra uma percentagem de 50% de sucesso no uso das máquinas em pacientes graves. Por sua vez, o Centro Nacional de Pesquisa e Auditoria em Cuidados Intensivos de Londres revelou com números próximos a uma centena que somente 33% se salvaram. Em Wuhan, de um total de 22 casos, menos de 15% se salvou

Claramente, não é possível desconsiderar a necessidade dos respiradores como um recurso importante para os sistemas de saúde. Mas ainda é preciso que haja mais elementos para estabelecer critérios mais sensíveis de emprego com melhores resultados.

(https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/medicos-questionam-possivel-uso-excessivo-de-respiradores-na-covid-19.shtml, consultado em 20/04/2020)

Sem dúvidas, precisamos muito de um tratamento eficaz para o Covid-19. Mas a prevenção por uma vacina ou tratamento com medicamentos que visam estruturas específicas do vírus são mais propensas a ter sucesso do que drogas antigas que podem funcionar em laboratório, mas faltam dados que sejam tratamento de escolha para o uso clínico em grande escala. Nenhuma intervenção deve ser ainda considerada eficaz.

A vacinação que vai tardar

Há especialistas que afirmam que, na realidade, a grande aposta deve ser feita em relação às vacinas, ainda que venham a tardar possivelmente até mais de 18 meses para serem aplicadas em massa. É o caso de Derek Lowe, que numa entrevista à Folha de São Paulo publicada em 20/04/2020, descartou a efetividade da Cloroquina e Hidroxicloroquina por, inclusive, nem serem fármacos antivirais. Há pesquisas inconclusivas sobre a ciclesonida. A questão reside no fato dos vírus serem estruturas bioquímicas mais rudimentares em comparação com uma célula viva. Assim sendo apresentam menos setores suscetíveis como alvos à ação de drogas e possuem alta velocidade de replicação capaz de desenvolver prontamente mecanismos de resistência. (https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/nenhum-remedio-sera-cura-para-covid-19-esperanca-e-a-vacina-diz-cientista.shtml, consultado em 20/04/2020)

Mesmo as drogas inicialmente apoiadas por evidências de eficácia podem mais tarde provar ser mais prejudiciais do que benéficas. Muitos medicamentos foram retirados por causa de reações adversas após se mostrarem como promessas clínicas. São necessários ensaios clínicos randomizados de cloroquina ou hidroxicloroquina melhor articulados e desenvolvidos. Por enquanto, com exceção de medidas de apoio, a infecção pelo SARS-CoV-2 é essencialmente intratável[13].

Demetrio Magnoli faz uma crítica contundente necessária para desmontar mais uma emanação pestilencial do contumaz gabinete do ódio messiânico:

"(...)*A guerra da cloroquina foi declarada pelos mesmos líderes políticos que, há pouco, qualificavam a Covid-19 como "gripezinha". Agora, desmascarados, eles se reagrupam numa trincheira de comprimidos de cloroquina e armam catapultas para*

[13] Não existem terapias comprovadas e eficazes para este vírus atualmente. O conhecimento em rápida expansão sobre a virologia SARS-CoV-2 fornece um número significativo de potenciais alvos de drogas. A terapia mais promissora é o remdesivir que tem uma potente atividade in vitro contra o SARS-CoV-2, mas não é aprovada pela Food and Drug Administration dos EUA e atualmente está sendo testada em ensaios randomizados em andamento. Oseltamivir não mostrou ter eficácia, e corticosteroides não são atualmente recomendados. As evidências clínicas atuais não sustentam a eficácia de inibidores de enzimas conversoras de angiotensina ou bloqueadores de receptores de angiotensina em pacientes com COVID-19.
Esta revisão tem várias limitações. Em primeiro lugar, o volume tremendo e o ritmo acelerado da literatura publicada sobre o tratamento do COVID-19 fazem com que os achados e recomendações da pesquisa estão em constante evolução à medida que novas evidências surgem. Em segundo lugar, os dados de tratamento publicados até o momento derivam exclusivamente de dados observacionais ou pequenos ensaios clínicos (nenhum com mais de 250 pacientes), introduzindo maiores riscos de viés ou imprecisão quanto à magnitude do tamanho do efeito do tratamento. Em terceiro lugar, nossa revisão se concentrou apenas em pacientes adultos e os dados podem não ser aplicáveis às populações pediátricas. Em quarto lugar, os artigos limitavam-se a publicações ou traduções em inglês para que não faltassem dados internacionais relevantes.
(Sanders, J.M., Monogue, M.L., Jodlowski, T.Z., Cutrell, J.B. Pharmacologic Treatments for Coronavirus Disease 2019 (COVID-19). A Review. *JAMA*. Published online April 13, 2020. doi:10.1001/jama.2020.6019)

assediar o castelo das democracias. Há pesquisadores sérios convencidos da eficácia da substância no tratamento da doença. Suas reputações serão mais bem servidas se contribuírem com ensaios clínicos randomizados da droga, recusando o papel de porta-vozes científicos da "guerra cultural" alheia. Chefes do tráfico não cheiram pó, curandeiros confiam sua própria saúde aos médicos, astrólogos profissionais não planejam suas vidas a partir de mapas astrais. (https://www1.folha.uol.com.br/colunas/demetriomagnoli/2020/04/fanaticos-tolos-enxergam-a-cloroquina-como-pote-de-ouro-no-fim-do-arco-iris.shtml, consultado em 11/04/2020)

O jornal *The Washington Post* de 14/04/2020 fez uma matéria considerando quem seriam os piores governantes globais em lidar com a pandemia em seus países, uma vez que a gravidade do surto em muitas nações dependeu de quão bem - ou mal - os governantes responderam a ela. Foram considerados graves os casos de Nicarágua, Turcomenistão e Bielorússia.

Mas, de longe, o caso mais grave de má conduta é o do nosso inefável presidente. Quando as infecções começaram a se espalhar no país. Como sabemos, Bolsonaro descartou o coronavírus como "gripezinha" e instou os brasileiros a "enfrentar o vírus como um homem, droga, não um menino". Pior, o presidente tentou repetidamente minar as medidas tomadas pelos 27 governadores estaduais do país para conter o surto. Bolsonaro editou pela primeira vez um decreto retirando estados do poder de restringir o movimento. Por sorte, sua iniciativa foi bloqueada pelo Supremo Tribunal Federal.

Em seguida, ele procurou isentar igrejas e lotéricas de restrições a reuniões. Felizmente, em ambos os casos, foi rejeitado pelos tribunais. Mas o presidente continuou a fazer campanha contra o distanciamento social; outra ordem judicial foi necessária para interromper uma campanha publicitária que ele lançou sob o slogan "O Brasil não pode parar".

(https://www.washingtonpost.com/opinions/global-opinions/jair-bolsonaro-risks-lives-by-minimizing-the-coronavirus-pandemic/2020/04/13/6356a9be-7da6-11ea-9040-68981f488eed_story.html, consultado em 16/04/2020)

Neste momento, o Ministro da Saúde foi demitido e outro assumiu – alinhado às famigeradas teses bolsonarianas. Cabe indagar: como ter em vista uma esperança concreta de que dias mais dignos virão? Quiçá arriscando uma questão que deve ser considerada ainda que talvez precária como ponto de partida. Seguindo a Safatle (2015), que por sua vez, parte de Freud, trazemos à cena duas questões que seres humanos desgostosos com os rumos da roda viva, eventualmente poderiam quiçá cogitar.

Em primeiro lugar, concordar que haveria a imposição de uma configuração subjetiva securitária emergencial que traz medo e anomia como reação à cultura dos riscos iminentes de se abaterem sobre nós. Vive-se assim sem considerar que haveria aspectos próprios ao ser humano, como o desamparo e seus efeitos de estranhamento. Não se trata de adotar aqui nenhum desenvolvimento psicanalítico. Para consumo leigo, vamos trazer o desamparo como uma condição afetiva inicial de

impotência que deveria ser superada no decorrer do processo de maturação individual. Mas, nada garante que venha a ser.

A priori, teríamos como compreender a abordagem freudiana do desamparo para tratar do estranhamento como 'condição sem amparo', como fragilidade diante da potência dos outros. Isto irá se constituir como sendo inerente ao funcionamento psíquico. Freud vai associar o desamparo à incapacidade de mensurar a força disponível que se dispõe para lidar com situações de perigo ou excitação, o que acarreta um efeito traumático. Há aspectos de impotência, tanto por parte do sujeito em sua agência, como da ordem simbólica que o sustenta, em sua capacidade de disposição afirmativa em busca de autodeterminação.

Vale especificar a diferença entre dos tipos de desamparo: insegurança civil (como despossuído de garantias como cidadão) e insegurança ontológica (como ser). Freud indica que nossa modernidade continua vinculada à uma certa visão religiosa do mundo caracterizada essencialmente por desativar a insegurança absoluta através da constituição de figuras de autoridade caracterizadas por promessas de providência (de caráter religioso) que sustentam um padrão infantil. Isto reproduziria a relação entre a criança e seus pais. E, também uma forma religiosa de funcionamento do poder que se institui na generalização social de expectativas ligadas à representação de uma autoridade paterna.

Tal promessa de amparo mobiliza os riscos produzidos pelo desamparo de maneira ambivalente ao nos fazer pensar na perdição e na redenção, na fraqueza e na força, no cuidado paterno e no inimigo que ameaça. Um poder de formato pastoral é convocado como prevenção à insegurança e como proposta religiosa de proteção (e, também, diante das evocações da insegurança ontológica constituída pela finitude) é convocado para lidar com ambas inseguranças.

Cabe ainda abordar a antinomia freudiana entre a visão religiosa do mundo e aquela veiculada pelo advento da ciência e suas consequências supostamente aparentemente liberadoras. O discurso científico em sua versão freudiana rompe com a ilusão da providência por não veicular perspectivas finalistas, e assim, gera desamparo ao não proporcionar a apreensão de totalidades com funcionamentos estáveis e trazer a inevitabilidade das contingências.

Freud ainda assinala como a crítica não atua através da tentativa de construir princípios completamente novos, mas através da exploração das ambiguidades do que parecia, até então, familiar. A crítica é a construção do estranhamento no interior do que era, antes, familiar e aparentemente bem conhecido. Esta é a posição assumida por estes escritos.

No contexto ocidental capitalista, há uma tendência do corpo ser encarado como um projeto que deve ser investido como parte essencial de uma identidade em contínua construção e manutenção em termos imagéticos e imaginários.

Como se fosse um 'empreendimento de si' levado a cabo por 'empreendedores' que objetivam o acesso desse corpo ao desfrute de uma gigantesca lista de desejos possíveis de experiências prazerosas como parte das metas de um projeto individual conscientemente elaborado. Ainda que haja o ônus obrigatório em função de sofrimento diante dos imperativos de desempenho e da

instabilidade nas apostas no Mercado e sua lógica empresarial de investimentos e rentabilizações.

Estamos diante do individualismo exacerbado de corpos flexíveis e transitórios capazes de causar estranhamentos que resultam em efeitos subjetivos e corporais. Neste sentido há tentativas de recalcamento em meio às demandas de reconfiguração incessante de identidade em função das demandas de performatividade.

Neste panorama, é preciso lidar com a inexorável insatisfação diante das dificuldades colocadas por tais objetivos. É um dos impostos pelo fato de se viver em tempos instáveis de flexibilidade e indeterminação em que há, ao mesmo tempo, a enunciação cínica da norma e sua transgressão e suas vicissitudes.

Para se tentar superar isso, o caminho parece ser, em geral, o de procurar incorporar *personas* poderosas capazes de se achar capazes de enfrentar tantos riscos. Mesmo com uma "leitura"' intencionalmente equivocada (ou não) dos elementos passíveis de alguma interpretação razoável dos acontecimentos políticos/econômicos/sociais. De qualquer forma, há uma tendência de riscos de várias ordens poderem se manifestar e nos pegar de surpresa, como os sarscovídios.

Essa sensação é a que, salvo em aparentes casos de afirmação egóica incondicional como pode ocorrer com algumas figuras políticas, é possível trazer as duas dimensões referidas que atuariam na constituição deste mistério que é ser humano.

Segundo Bruno Latour (http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/P-202-AOC-03-20-PORTUGAIS_2.pdf, consultado em 04/04/2020) (que joga no time de Stengers), uma vez terminada esta pandemia - malgrado não sabermos neste instante quando isto virá a ocorrer - temos uma oportunidade para quando se puder retomar a economia, não se traga de volta o mesmo modo predatório de se tratar o meio ambiente. A irrupção de Gaia, como foi enunciada, já representa uma transformação ecológica impossível de ser revertida. De fato, aí está incluída a catástrofe epidemiológica covidiana, ainda capaz de exigir ações de "distanciamento social" alternada com abertura por talvez mais dois anos (https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/por-ate-dois-teremos-de-alternar-periodos-de-abertura-e-novas-quarentenas-diz-atila-iamarino.shtml, consultado em 04/04/2020). Mas, não apenas: é essencial reconsiderar os modos como a vida humana deve funcionar daqui em diante como algo que faz parte de um quadro problemático. Caso seja possível sair da crise pandêmica, não se pode dizer o mesmo da crise ambiental. Cada uma delas apresenta escalas distintas, mas não se pode deixar de relacioná-las.

Não há como deixar de assumir que uma das lições coronavirais é também a mais surpreendente. De fato, mostrou-se que é viável, em questão de semanas, suspender, em todo o mundo quase simultaneamente, um sistema econômico globalizado considerado impossível de ser desacelerado ou redirecionado. É justamente esta configuração globalizada que faz com que sejam tão débeis os processos de crescimento e desenvolvimento econômico. Ora, conclui-se agora que pode ser freado e parado, apesar das vozes queixosas a este respeito.

Foi preciso surgir outro vírus coroado que demonstrou ao negativo sua capacidade de vincular a espécie humana numa globalização pandêmica que se impôs inapelavelmente à sua dimensão econômica. Todavia, os militantes neoliberais estão afeitos a encararem esta situação. Por mais traumáticas que sejam as vicissitudes dos atuais "riscos" como "oportunidades". Até para se se livrarem do que sobra do Estado social com seus sistemas de segurança dos desvalidos, do que sobra de regulamentação contra as contaminações poluentes. E, despudoramente, exterminarem as populações excedentes deste mundo de Deus me livre.

O que faz com que o quadro produzido por este RNA vírus[14] seja crucial não são somente as tenebrosas mortes que não cessam de ocorrer e que podem continuar por um tempo indefinível. Mas a interrupção total de um sistema econômico que traz um momento de possível cristalização crítica de um modo desumano de funcionamento. Se o cotidiano dos índices econômicos perde o sentido de orientar as coisas da vida, cada dia do presente de rituais preventivos que se passa sem sintomas tem grande valor. Ainda assim, deve-se vislumbrar que não se deve fazer tudo o que fizemos para não sermos os mantenedores destas formas de co-vida ancorada em movimentos dos mercadores de investimentos e manutenção de um crescimento econômico pleno de efeitos adversos.

Sim, nossas vidas podem ser cada vez mais descritas como co-vidas a partir da existência do último coronavírus. Decerto, a possível alusão a idiomas de origem ibérica, onde "co" atua como abreviação de "com" e "vid(a)" antepositivo vinculado a "viv' (viver, estar em vida) (Houaiss, 2001) é mera coincidência. De toda a forma, já se coloca aí a questão da condição vital do novo coronavírus. Pelo fato de ser uma molécula de RNA, a única propriedade de reprodução parasitária no interior da célula humana não fosse suficiente para o requisito de ser vivo[15]. Curiosamente, uma das acepções de *parasita* é "conviva"- aquele ser capaz de, conforme as circunstâncias, vir a ser considerado como alguém que acha que existem almoços grátis... Algo abominado por aqueles que acham que o Deus-Mercado teria algo que se confunde com "sabedoria" para ser o ente regulador da co-vida humana, mas que não pode ser desresponsabilizado pelo estado pandemoníaco das coisas.

[14] De um modo geral, sabe-se que quem concebeu a designação COVID-19 ("Co" de corona, "vi" vírus, e "d" de disease, coincidência com a mesma inicial de "doença". O número 19 de 2019 - o ano de sua aparição) estão na Organização Mundial da Saúde. O argumento é que o novo nome foi escolhido por ser fácil de pronunciar e não ter referência estigmatizante a um país ou a uma população em particular (como no caso de MERS (MIddle East Respiratory Syndrome) que- sintomaticamente enfatiza a origem do mal no Oriente Médio. Não se sabe se houve alguma tentativa de denominar esta pandemia de CHIRS.

[15] Há uma corrente que afirma que os vírus são entes que não devem ser considerados seres vivos. Para sustentar essa ideia, os principais argumentos feitos: os vírus não possuem células vista como unidade estrutural e funcional dos seres vivos. Teoricamente, todos os seres vivos seriam formados por células. Assim sendo, por não possuírem células, muitos afirmam que vírus não são seres vivos; Os vírus não apresentam potencial bioquímico que possibilita a produção de energia metabólica. Assim sendo, os vírus não são capazes de respirar e alimentar-se, os vírus só são capazes de se reproduzir no interior de outra célula. Por essa razão, eles são considerados parasitas intracelulares. Por outro lado, alguns pesquisadores afirmam que os vírus são seres vivos. Os vírus realizam algumas atividades consideravelmente complexas. Eles são capazes, por exemplo, de "ludibriar" nosso sistema imunológico e causar doenças, atividade complexa para um ser sem vida. Há uma outra corrente que afirma que os vírus devem ser considerados seres vivos. Para isso, haveriamc aracterísticas desses seres no sentido de sustentar essa posição: pesença de material genético: RNA e/ou DNA, que indica que são capazes de transmitir suas características a seus descendentes, os vírus apresentam capacidade de evolução, ou seja, sofrem alterações/mutações ao longo do tempo. Isto seria uma característica importante, se admitimos que seres vivos se adaptam ao meio. (https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/biologia/os-virus-sao-seres-vivos.htm, consultado em 24/04/2020)

Pode-se até considerar que o novo coronavírus possui uma “co-vida” quando utiliza a maquinaria de reprodução da célula humana. E, também, conforme os contextos onde e como vivem, os seres humanos foram orientados a adotar práticas imunitárias de co-vida juntos com os referidos micro-organismos. Mas, que nem sempre são possíveis para um grande contingente de pessoas já afetadas pelos precarizantes fluxos neoliberais e que epidemiologicamente não tem como escapar de serem as grandes vítimas deste evento calamitoso.

De fato, é difícil desviar o olhar para a possibilidade que a pandemia venha a estar desempenhando uma dupla função sob o regime ditatorial do capital. Por um lado, é a motivação perfeita para se pôr em ação aceleradamente um conjunto de medidas que não só salvam os processos globais de valorização de preços e acumulação capitalista, mas até mesmo os maximizam para o futuro, como aconteceria em uma situação de guerra. Demissões, reduções salariais, economias financeiras ou medidas de austeridade começam a ser implementadas em alguns países, com um retorno cínico de discursos em favor do estado de bem-estar social. Imagine em um país onde se instalou a bolsonárie e são enunciadas as pérfidas alegorias guedésicas. (https://lavoragine.net/amalgama-de-miradas-apocaelipticas/, consultado em 14/04/2020)

Oxalá, se ampliem as indagações sobre a real insustentabilidade das práticas econômicas tais como ocorrem para se tentar manter a suspensão desta forma de funcionamento econômico pletórico. A partir de uma postura assumida de insurgência contra cada componente de um modo de produção insano e gerador de sofrimentos como a única forma de visão de mundo que incessantemente produz paradoxos que atentam contra sua própria existência como a conhecemos. Deve ficar mais claro para um número cada vez maior de pessoas que o distanciamento social deve ser aplicado também contra as formulações cínicas do modelo econômico dominante e seus efeitos distorcidos.

Parece que estamos vivendo um momento em que se deve postular de fato um outro modo de funcionamento de produção e consumo menos dissipativo, capaz de pôr em xeque suas premissas e efeitos de forma a combater efetivamente as terríveis Injustiças estruturais do “jogo” dominante. E, que diante de certos aspectos cínicos de suas manifestações, não tenhamos que ouvir que “é do jogo”...

Será que o mundo pós-pandemia será diferente? Certamente, deverá ser. Mas de que modo? Difícil especular em sã consciência. De todas as maneiras, não é de surpreender que existam especulações futuristas que não deixam de sustentar premissas neoliberais. Os exercícios de futurologia são sempre sujeitos a instabilidades. Mesmo assim, não dá para evitar considerar que nada será como antes, amanhã.

Segundo o doutor em microbiologia pela Universidade de São Paulo e pós-doutor pela Universidade Yale e divulgador da ciência Átila Iamarino, o mundo pré-coronaviral não existe mais. Nossas vidas vão mudar muito daqui para a frente. Havia uma visão entre especialistas de que faltava um símbolo para o fim do século 20. Esse marco seria a pandemia, segundo a historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz, professora da Universidade de São Paulo e de Princeton, nos EUA.

Vários futurologistas dizem que o coronavírus funcionaria como um acelerador de porvires – mas, o enfoque não se dirige ao precariado. A pandemia estaria antecipando mudanças que já estariam em curso, como o trabalho remoto, a educação à distância, a busca por sustentabilidade e a cobrança para que as empresas sejam realmente mais responsáveis do ponto de vista social.

Outras mudanças seriam desejáveis, mas nada garante que ocorram, como o fortalecimento de valores como solidariedade e empatia, assim como o questionamento do modelo de sociedade baseado no consumismo e no lucro a qualquer custo. As transformações passariam pela política, economia, modelos de negócios, relações sociais, cultura, psicologia social e a relação com a cidade e o espaço público, entre outras coisas.

Temos de considerar como pressuposto que os efeitos da pandemia podem durar mais que um ano, uma vez que seria necessário mais que um ano para haver uma vacina contra o novo coronavírus. Isso significa que os países deverão alternar períodos de abertura e isolamento durante esse período.

Então, supostas tendências para o mundo de consumidores pós-pandemia seriam: 1. revisão de crenças e valores: crises deste porte podem fazer com que comunidades a se unam e trabalhem mais como equipes, seja nos bairros, entre funcionários de empresas, E isso pode afetar os valores daqueles que vivem nesse período —assim como ocorre com as gerações que viveram guerras.

2. menos é mais: a crise financeira decorrente da pandemia por si só será um motivo para que as pessoas economizem mais e revejam seus hábitos de consumo. Neste mesmo sentido, é esperado um questionamento maior do modelo de capitalismo financeiro. O coronavírus teria trazido para o contexto dos negócios e para o contexto pessoal a necessidade de revisitar prioridades. O que antes em uma organização gerava resultados financeiros, persuadindo, incentivando o consumo, aumentando a produção e as vendas, hoje não funcionaria mais.

3. reconfiguração dos espaços do comércio: haverá uma elevação da ideia de riscos e perigos que deverá acentuar o medo e a ansiedade e pressionar por novos hábitos. Assim, os cuidados com a saúde devem se estender aos locais públicos, especialmente os fechados, pois o receio com aglomeração deve permanecer. E, também, para espaços privados: bares, restaurantes, cafeterias, academias e coworkings, que devem redesenhar seus espaços para reduzir a aglomeração e facilitar o acesso a produtos de higiene, como álcool em gel.

4. Novos modelos de negócios para estabelecimentos que funcionam só com delivery. Como a possibilidade de novas ondas da pandemia num futuro próximo, o setor de restaurantes deve ficar atento a mudanças no seu modelo de negócios, e o serviço de entrega vai continuar em alta e pode se tornar a principal fonte de receita em muitos casos.

5. Experiências culturais imersivas: Como resposta ao isolamento social, os artistas e produtores culturais passam a apostar em shows e espetáculos online, assim como os tours virtuais a museus ganham mais destaque. Esse comportamento deve evoluir para o que se pode chamar de experiências culturais imersivas, que tentam conectar o real com o virtual a partir do uso de tecnologias que já estão por

aí, mas que devem se disseminar, como a realidade aumentada e virtual, assistentes virtuais e máquinas inteligentes.

6. Trabalho remoto: O home office já era uma realidade para muita gente, de freelancers e profissionais liberais a funcionários de companhias que já adotavam o modelo. Mas essa modalidade vai crescer ainda mais. Com a pandemia, mais empresas —de diferentes portes— passaram a se organizar para trabalhar com esse modelo. Além disso, o trabalho remoto evita a necessidade de estar em espaços com grande aglomeração, como ônibus e metrôs, especialmente em horários de pico.

7. Morar perto do trabalho: Essa já era uma tendência, e morar no centro de São Paulo se tornou um objeto de desejo para muitas pessoas justamente por conta disso, entre outros motivos. Mas, com o receio de novas ondas de contágio, morar perto do trabalho, a ponto de ir a pé e não usar transporte público, deve se tornar um ativo ainda mais valorizado.

8. *Shopstreaming*: Com o isolamento social, as lives explodiram, principalmente no Instagram. As vendas pela Internet também, passando a ser uma opção também para lojas que até então se valiam apenas do local físico. Pois pense na junção das coisas: o shopstreaming é isso

9. Busca por novos conhecimentos: Atualizar seus conhecimentos é questão de sobrevivência no mercado. Mas a era de incertezas aberta pela pandemia aguçou esse sentimento nas pessoas, que passam, nesse primeiro momento, a ter mais contato com cursos online. Afinal, muitos empregos estão sendo fechados, algumas atividades perdem espaço enquanto outros serviços ganham mercado.

10. Educação à distância: A expansão da educação a distância vai se acelerar. Neste contexto, uma nova figura deve entrar em cena: os mentores virtuais. A Trend Watching aposta que devem surgir novas plataformas ou serviços que conectam mentores e professores a pessoas que querem aprender sobre diferentes assuntos.

(https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-04-13/como-o-coronavirus-vai-mudar-nossas-vidas-dez-tendencias-para-o-mundo-pos-pandemia.html?rel=lom?ssm=IG_BR_CM, consultado em 18/04/2020)

Por sua vez, segundo a Trend Watching, abaixo seguem as tendências emergentes de consumo, cada uma ilustrada com um exemplo recente de inovação. Elas pretendem oferecer sinais iniciais poderosos do que as pessoas vão valorizar e suas prioridades em um mundo pós-coronavírus e que esta empresa teria a oferecer como consultoria:

- A ECONOMIA BASEADA EM EXPERIÊNCIA VIRTUAL - novas tecnologias imersivas significam que as pessoas podem cada vez mais obter suas mudanças de status baseadas em experiências a partir de experiências virtuais, também. As mídias sociais e os esportes são as manifestações óbvias de como os consumidores acumulam status no reino virtual. Outras experiências virtuais menos competitivas – "viagens", varejo, encontros e muito mais – assumirão novos níveis de significado

- SOLUÇÕES OPEN SOURCE - denominamos essa tendência como uma "nova fronteira ousada para a sustentabilidade": o ato de compartilhar e até mesmo dar soluções inovadoras para nossos problemas compartilhados mais difíceis. Ora, o coronavírus é o problema transnacional e transdemográfico mais urgente da história

recente, e lembrará as pessoas que as melhores organizações colaboram generosamente com outras.

- BEM-ESTAR AMBIENTE - O uso de álcool em gel nas mãos é necessário à medida que as pessoas precisam se mover nos seus cotidianos. Mas, quando este momento começar a passar, não haverá tanta necessidade, embora o desejo de permanecer seguro e bem deverá permanecer. Isso deverá criar oportunidades para os provedores de espaços físicos incorporarem medidas de higiene nos espaços por onde seus clientes passam.

- COMPANHEIROS VIRTUAIS - À medida em que os consumidores se acostumam com assistentes digitais e *chatbots*, suas expectativas evoluirão e algumas pessoas poderão começar a buscar personalidades virtuais que tenham o poder de entreter, educar, fazer amizade e curar. A crise verá as pessoas se voltando para esses companheiros virtuais.

- A-COMMERCE - Em 2017/18, o aumento do poder e da adoção da IA foi o principal motor dessa tendência. Agora, o aumento repentino da demanda por interações sem contato convergindo com avanços na robótica que está permitindo uma nova geração de comércio automatizado.

- O BURNOUT - O coronavírus não é a única coisa que causa angústia às pessoas. Mesmo antes de desencadear uma crise global de saúde pública e um aumento dos temores de uma profunda crise econômica, as pessoas enfrentavam desigualdades desenfreadas, sempre em disputa social, a ameaça existencial iminente da crise climática e muito mais. Não é surpreendente, portanto, que qualquer organização que possa ajudar a melhorar o bem-estar mental das pessoas será recebida de braços abertos.

- DESENVOLVIMENTO ASSISTIDO - Muitos serão solicitados, ou forçados, a aprender algumas habilidades de vida doméstica, como cozinhar para si mesmos. Os observadores de tendências adoram marcar as coisas como "millennials", mas o crescimento recente da economia sob demanda pode obrigar a alguns destes a resolver questões deste tipo quando a crise acabar

- SÍMBOLOS DE STATUS VIRTUAL Os bens físicos há muito tempo têm um monopólio sobre a exibição de status: eles podem ser naturalmente escassos ou caros. Consumidores mais jovens e *videogamers* há muito adotam bens virtuais; agora espera-se que com o coronavírus, novas tecnologias e o crescente desejo de consumo sustentável venham a convergir e empurrar o reconhecimento de que bens virtuais podem ser símbolos de status genuínos em função de outros contextos.

(https://info.trendwatching.com/hubfs/Trends%20for%20a%20post-corona%20world.pdf, consultado em 18/04/2020)

O jornal El País também esboça uma tentativa oracular – que faz parte do espírito contemporâneo de dimensionar possíveis mudanças econômicas pós-pandêmicas. Em síntese, cada choque econômico deixa uma herança de recordações e feridas. Também de mudanças. É impossível pensar que essa inimaginável experiência de máscaras, distanciamento social, perdas humanas e cancelamento da vida não trará consequências após o final da pandemia. É cedo para saber exatamente quais. Os analistas podem demorar anos e até décadas para explicar todas as

implicações do que se vive nesses dias. O paradoxal é que esse vírus explora as características da vida que nós mesmos nos demos. Superpopulação, turismo maciço, cidades imensas, viagens aéreas constantes, redes de fornecimento a milhares de quilômetros e uma extrema desigualdade na divisão da riqueza e nos sistemas de saúde públicos.

Inapelavelmente, tudo isso deixa exposta a fragilidade humana. O que virá quando passar? Se a epidemia traz uma alegoria de tempos de guerra, trata-se de uma mentalidade que, até certo ponto, tende a vincular todo o planeta de um mesmo lado. Evidentemente, a crise atual não é tão catastrófica como uma guerra mundial, mas seus efeitos econômicos serão enormes. Não há precedentes ocorridos em tempos de paz. O acontecimento mais parecido com o qual podemos compará-la seria com o *crash* financeiro de 2008 que produziu alterações intensas na economia do planeta. E o mundo nunca mais voltou a ser igual ao que havia sido antes desse ano. Há indícios que o coronavírus provocará uma recessão muito superior à de 2008.

As empresas perceberam o perigo que significa somar dependência e distância. Mas é certo que as redes de produção nacionais também se paralisam no caso de uma pandemia. Nada indica que a globalização se reverterá. Mas haverá rupturas. Com o capitalismo também? É de se considerar porque sua essência é o movimento constante de pessoas e mercadorias. Mesmas características, mutatis mutandis, da pandemia. E como responderá uma geração, especialmente jovem, cuja única vivência do capitalismo é uma crise? Sairá às ruas?

Ainda é cedo para saber. Os limites e fronteiras do mundo, entretanto, aparentemente formarão uma trama mais fina e menos resistente. A conjunção do Brexit, a epidemia e a guerra comercial entre a China e os Estados Unidos vaticinam anos complicados pela frente.

Além disso, nessas semanas pandêmicas proliferam inúmeros intérpretes e oráculos da tragédia. Esse é um legado do vírus, entre outros. Mais trabalho em casa, auge dos pagamentos eletrônicos, maiores controles nas fronteiras, seguros caros e complexos, educação e medicina à distância, e menos viagens transoceânicas e convenções. Mas, sobretudo, precisamos pensar como tornar mais eficiente o sistema de saúde, porque ao fazê-lo se torna mais econômico, viável e universal. É o caso de considerar a inclusão resolutiva de telemedicina (com protocolos específicos, sem balanços de custos e benefícios empobrecedores da relação entre médicos e pacientes), monitoramento dos pacientes em casa após uma cirurgia e medicamentos acessíveis. Nada tão revolucionário, tudo muito urgente. Uma novidade parece ser o fato da higiene crescer como prioridade nas agendas de empresas e Governos.

Acertar o futuro da economia é complexo e intrincado. Ninguém sabe qual será seu custo humano e econômico final. Ainda que sempre existam otimistas. Ainda que nesse período, talvez, algumas percepções deverão ter mudado para sempre. Talvez o novo tempo proponha a lição de que professores e enfermeiras são muito mais valiosos do que os banqueiros de investimento e os gestores de fundos especulativos. Há os que defendem —claro— o brilho do capital. Vão achar que devem se aproveitar de enormes oportunidades no mercado. Mas, a economia terá que responder a novas exigências sociais. Políticas fiscais mais expansivas, maior pressão por redistribuir a

riqueza e será preciso projetar divisões de gastos extraordinárias diante de novas epidemias e a crise climática.

Porque nesse escurecer terrestre, somente a emergência climática e a natureza pareceram se beneficiar. O alívio que foi dado ao ambiente é uma evidência colateral que cai sobre uma dantesca pandemia. Fomos obrigados a alterar nosso cotidiano em um instante. Será que é possível manter, numa certa medida, o modo como habitamos o planeta? As escolhas que os bancos centrais, os governos e as instituições financeiras fizerem hoje moldarão nossas sociedades nos próximos anos. É tempo de mobilizar recursos para colocar a saúde e o trabalhos das pessoas em primeiro lugar. Por isso, as administrações devem investir em afastar nossas economias da dependência dos combustíveis fósseis, assim como o crescimento infinito que continua alimentando o desastre.

Kenneth Rogoff, economista e professor em Harvard, acha que o vigor da saída da crise depende da resposta sanitária. E o impacto potencial na política econômica é profundo. Mas pode ir em diferentes direções. Parece que nos dirigimos a uma profunda recessão global, com um tamanho nunca visto desde a Grande Depressão. A rapidez da saída depende de como a coronavirose se desenvolva e a resposta do sistema de saúde. Mas, até mesmo no melhor dos casos, a situação é terrível para os mercados emergentes. Antes da crise já tinham uma dívida externa altíssima e um crescimento em queda. Isso provocará o colapso de muitas nações. Talvez seja necessária uma moratória do pagamento aos países mais afetados.

A pandemia deverá passar e será preciso pensar por quais ruas e cidade caminharemos. Porque a Terra corre o risco de cair em uma espécie de depressão social causada por esse tempo de distanciamento. Provavelmente constataremos, enfim, que existem muitos trabalhos que podem ser feitos em casa, economizando combustível em deslocamentos. Sem dúvida, a imensa urgência do presente nos impede de avaliar qual horizonte o futuro deixará.

As novas tecnologias são uma excelente ferramenta para prevenir e evitar os contágios e organizar nossas vidas (compras '*online'*) e a atividade econômica (teletrabalho). Mas é preciso encontrar um equilíbrio entre privacidade e segurança, e evitar cair em um controle que manipule as pessoas e coloque suas liberdades individuais em perigo. Há perdas, há ganhos. Mas o ar e a vida devem retornar à algum padrão de normalidade. Oxalá consigamos não conspirar contra ele.

(https://brasil.elpais.com/economia/2020-04-13/como-sera-a-economia-apos-o-coronavirus.html, consultado em19/04/2020)

Pois, numa aproximação mais *dark*, pode-se estar testemunhando o que seriam manifestações da sexta extinção da vida terrestre. Esta crise viral, indiscutivelmente bem mais grave do que outras que ameaçaram eclodir nas últimas décadas, seria apenas um dos vetores apocalípticos – aqueles em que os em que sucedem contatos nas fronteiras entre uma espécie invasiva que entra em conflito com outras e suas mutações.

Por sua vez, Mario Vargas Llosa, um autor devidamente mal visto pelas esquerdas com razão, mas com considerável talento literário, traz sua visão pessoal que, logicamente é conservadora, mas, ao mesmo tempo, toca em um aspecto crucial

da natureza humana. Por esta razão, vale a referência - com certos ajustes. Em síntese, para ele, como ocorreu com a AIDS e com o Ebola, o COVID-19 deverá ser uma pandemia passageira. Ao fim e ao cabo, os cientistas de países mais avançados logo encontrarão uma vacina para nos proteger.

Mas, deverá permanecer o medo da morte representado nestas circunstâncias pelo temor em relação às pestes, como na Idade Média. Impossível se ver livre desse medo que aumenta às vezes e pode se transformar em pavor da morte. Ainda que certos saberes acenem com formas de eternidade ou de sobrevivência, ao mesmo tempo que há ceticismo de outros. A pandemia nos joga numa ruptura do cotidiano que atualiza nossa fragilidade. É penoso aceitar que tudo de fascinante na aventura da existência decorra de sua brevidade. A finitude é capaz de dar sentido aos desejos, aos vínculos amorosos, às fantasias, às artes, às ciências, à cultura. Ou seja, aqueles fugazes intervalos em que certas coisas nos impregnam com sensações sublimes de transcendência.

(https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-03-18/retorno-a-idade-media.html?prm=ep-ob, consultado em 21/04/2020)

Para fazer um necessário contraponto ideológico a Vargas Llosa, cabe convocar a preciosa participação de um conhecido autor - merecedor de uma longa citação - que, do alto de seus 99 anos, militante da resistência francesa, sociólogo e filósofo, cuja mãe foi afetada pela pandemia de gripe espanhola e sobreviveu: Edgar Morin.

"*Qual será o futuro da globalização? O neoliberalismo abalado vai reassumir o comando? As nações gigantes vão se opor mais que no passado? Os conflitos armados, mais ou menos atenuados pela crise, vão se intensificar? Haverá um impulso internacional salvador de cooperação? Assistiremos a algum progresso político, econômico, social, como ocorreu depois da Segunda Guerra Mundial? Será que vai se prolongar e se intensificar o despertar de solidariedade provocado durante o confinamento, não só em relação aos médicos e enfermeiras, mas também com os que estão no fim da linha, lixeiros, trabalhadores manuais, entregadores, caixas, sem os quais não teríamos sobrevivido (...). As inúmeras práticas solidárias dispersas antes da epidemia acaso serão ampliadas? Os desconfinados vão retomar o ciclo cronometrado, acelerado, egoísta, consumista? Ou haverá um novo impulso da vida de convivência e amorosidade em direção a uma civilização em que haja lugar para a poesia da vida, na qual o "eu" desabroche num "nós"?*

Não temos como saber se, depois do confinamento, as condutas e ideias inovadoras terão um impulso, ou mesmo revolucionarão a política e a economia, ou se a ordem abalada vai se restabelecer. Temos fortes motivos para temer a regressão generalizada que já se verificava nos vinte primeiros anos deste século (crise da democracia, corrupção e demagogia triunfantes, regimes neoautoritários, surtos nacionalistas, xenófobos, racistas). Todos esses retrocessos (e na melhor das hipóteses estagnações) são prováveis enquanto não surgir a nova via política-ecológica-econômica-social guiada por um humanismo regenerado. Essa via multiplicaria verdadeiras reformas, que não são reduções orçamentárias, mas reformas de civilização, de sociedade, ligadas às reformas de vida. Ela combinaria (...) termos contraditórios: "globalização" (para tudo que seja cooperação) e

"desglobalização" (para estabelecer uma autonomia sanitária de abastecimento de víveres e salvar os territórios da desertificação); "crescimento" (da economia das necessidades essenciais, do durável, da agricultura de fazenda ou orgânica) e (da economia do frívolo, do ilusório, do descartável); "desenvolvimento" (de tudo que produza bem-estar, saúde, liberdade) e "envolvimento" (nas solidariedades comunitárias)."

Referências Bibliográficas

Referências digitais

https://ateliedehumanidades.com/2020/04/12/fios-do-tempo-precisamos-agir-com-o-saber-explicito-de-nosso-nao-saber-entrevista-com-jurgen-habermas/, consultado em 15/04/2020

https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/20/judith-butler-sobre-o-covid-19-o-capitalismo-tem-seus-limites/, consultado em 21/03/2020

https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-03-17/a-crise-que-definira-nossa-geracao.html?ssm=IG_BR_CM, consultado em 26/03/2020

https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-04-13/como-o-coronavirus-vai-mudar-nossas-vidas-dez-tendencias-para-o-mundo-pos-pandemia.html?rel=lom?ssm=IG_BR_CM, consultado em 18/04/2020

https://brasil.elpais.com/economia/2020-04-13/como-sera-a-economia-apos-o-coronavirus.html, consultado em19/04/2020

https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-03-18/retorno-a-idade-media.html?prm=ep-ob, consultado em 21/04/2020

https://braziljournal.com/coronavirus-medicos-defendem-abordagem-cirurgica-em-vez-de-lockdown-indefinido, consultado em 23/03/2019

https://info.trendwatching.com/hubfs/Trends%20for%20a%20post-corona%20world.pdf, consultado em 18/04/2020

https://lavoragine.net/amalgama-de-miradas-apocaelipticas/, consultado em 14/04/2020

https://lavoragine.net/covid19-virus-era-neoliberal/, consultado em 15/04/20-20

https://lejournal.cnrs.fr/articles/edgar-morin-nous-devons-vivre-avec-lincertitude, consultado em 23/04/2020

https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/biologia/os-virus-sao-seres-vivos.htm, consultado em 24/04/2020

https://observador.pt/especiais/quem-vive-e-quem-morre-dilemas-eticos-no-surto-da-covid-19/, consultado em 05/04/2020

https://oxfordre.com/classics/view/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-5145, consultado em 25/04/2020

http://portal.anvisa.gov.br/documents/219201/4340788/Nota+Te%C3%82%C2%B4cnica+sobre+Cloroquina+e+Hidroxicloroquina.pdf/659d0105-60cf-4cab-b80a-fa0e29e2e799, consultado em 11/04/2020

https://sistemas.cfm.org.br/normas/visualizar/resolucoes/BR/2016/2156, consultada em 05/04/2020

https://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2020-03-20/por-que-o-novo-coronavirus-e-tao-mortal-na-italia.html, consultado em 02/04/2020

https://vermelho.org.br/2020/03/17/china-travou-guerra-hibrida-com-os-estados-unidos/, consultado em 20/03/2020

http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/P-202-AOC-03-20-PORTUGAIS_2.pdf, consultado em 04/04/2020

https://www.coimma.com.br/blog/post/confinamento-o-que-e-vantagens-e-desvantagens, consultado em 30/03/2020

https://www.facebook.com/TheInterceptBr/posts/2633505566937475, consultado em 19/03/2020

https://www.lexico.pt/confinar/, consultado em 30/03/2020

https://www.nature.com/articles/d41586-020-01098-x, consultada em 25/04/2020

https://www.nytimes.com/2020/03/24/upshot/coronavirus-rationing-decisions-ethicists.html, consultado em 21/04/2020

https://www.psychologytoday.com/us/blog/ethics-everyone/201506/whats-wrong-utilitarianism, consultado em 20/04/2020

https://www.technologyreview.com/s/615375/what-is-herd-immunity-and-can-it-stop-the-coronavirus/, consultado em 30/03/2020

https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(14)60491-8/fulltext, consultado em 06/04/2020

https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19--13-april-2020, consultado em 16/04/2020

https://www.wired.com/story/what-is-a-coronavirus/, consultado em 20/03/2020

https://www1.folha.uol.com.br/colunas/bruno-boghossian/2020/04/bolsonaro-e-profetas-da-negacao-ignoram-as-vitimas-do-coronavirus.shtml?utm_source#, consultado em 10/04/2020

https://www1.folha.uol.com.br/colunas/demetriomagnoli/2020/04/fanaticos-tolos-enxergam-a-cloroquina-como-pote-de-ouro-no-fim-do-arco-iris.shtml, consultado em 11/04/2020

https://www1.folha.uol.com.br/colunas/demetriomagnoli/2020/03/pandemia-leva-a-guerra-estupida-entre-arautos-da-vida-e-campeoes-da-economia.shtml, consultado em 11/04/2020

https://www1.folha.uol.com.br/colunas/demetriomagnoli/2020/03/nos-esclarecidos-precisamos-pensar-fora-da-bolha-da-alta-classe-media.shtml?origin=folha, consultado em 21/03/2020

https://www1.folha.uol.com.br/colunas/helio-beltrao/2020/04/o-calculo-politico-do-governador.shtml, consultado em 24/04/2020

https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/04/como-na-italia-falta-de-uti-nos-fara-escolher-entre-quem-vive-e-quem-morre.shtml/consultada em 05/04/2020

https://www1.folha.uol.com.br/colunas/lucia-guimaraes/2020/04/metafora-da-guerra-nao-faz-bem-a-saude-publica-ou-a-democracia.shtml, consultado em 08/04/2020

https://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2020/04/a-afirmacao-de-que-vidas-fazem-a-economia-e-nao-o-contrario-e-conversa-para-disneylandia.shtml, consultado em 21/04/2020

https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/em-estudo-brasileiro-inteligencia-artificial-acerta-maioria-dos-diagnosticos-de-coronavirus.shtml, consultado em 12/04/2020

ttps://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/epidemiologistas-divergem-sobre-eficacia-de-medidas-drasticas-contra-o-virus.shtml, consultado em 22/03/2020

https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/medicos-questionam-possivel-uso-excessivo-de-respiradores-na-covid-19.shtml, consultado em 20/04/2020

https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/nenhum-remedio-sera-cura-para-covid-19-esperanca-e-a-vacina-diz-cientista.shtml, consultado em 20/04/2020

https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/numero-de-casos-de-covid-19-e-sete-vezes-maior-estima-primeiro-grande-estudo-no-brasil.shtml, consultado em 16/04/2020

https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/por-ate-dois-teremos-de-alternar-periodos-de-abertura-e-novas-quarentenas-diz-atila-iamarino.shtml, consultado em 04/04/2020

.(https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/suspender-confinamento-antes-da-hora-pode-inviabilizar-programa-de-testes-diz-ocde.shtml

https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/verdadeira-taxa-de-letalidade-do-novo-coronavirus-e-misterio.shtml, consultado em 31/03/2020

https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/04/com-coronavirus-mundo-vive-em-nevoeiro-diz-guilherme-wisnik.shtml, consultado em 13/04/2020

https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/04/como-na-italia-falta-de-uti-nos-fara-escolher-entre-quem-vive-e-quem-morre.shtml/consultada em 05/04/2020

https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/04/mundo-ameacado-por-coronavirus-nao-se-parece-com-filmes-apocalipticos-de-hollywood-diz-zizek.shtml,consultado em 22/04/2020

https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/03/isolamento-social-durante-pandemia-pode-levar-a-recuperacao-economica-mais-rapida-diz-estudo.shtml, consultado em 30/04/2020

https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/12/metaforas-de-guedes-criaram-novo-dicionario-economico.shtml, consultado em 08/04/2020

https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/04/extrema-pobreza-aumenta-e-pode-piorar-com-coronavirus.shtml, consultada em 31/04/2020

https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/04/suecia-ameaca-fechar-bares-e-restaurantes-que-nao-reduzirem-lotacao.shtml, consultado em 25/04/2020

https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/04/o-risco-da-subnotificacao.shtml, consultado em 03/04/2020

Referências de livros e artigos

Ceballos, G. García, A. Ehrlich, P. R. The Sixth Extinction Crisis Loss of Animal Populations and Species. Journal of Cosmology, Vol 8, 1821-1831, 2010.

Ferrater-Mora, J. Diccionario de Filosofía. Madrid: Alianza Editorial, 1986Houaiss, A. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Objetiva, 2001

Stengers, I. Pignarre, P. *La Sorcellerie capitaliste. Pratiques de désenvoûtement*. Paris. Ed. La Découverte, 2005.

PÓS-ESCRITO
A covida imita a ficção científica

Alguns anos depois, bem de mansinho, os primeiros indícios se manifestaram de modo pouco perceptível. Era algo incrível, fantástico, extraordinário. Não havia mais nenhum sinal de caso novo da COVID-19 em várias regiões do planeta. Difícil explicar. As autoridades da saúde, em geral, e os virologistas e infectologistas, em particular, estavam pasmos e não sabiam explicar as razões desta inesperada e benvinda situação. Até porque ainda não havia sido possível ter garantias da efetividade e segurança da vacinação anticovídica.

Mas, não demorou muito para que outra ocorrência fosse notada, sem que ainda fossem feitos quaisquer nexos entre uma coisa e outra. Em certas regiões de clima tropical, começou a se notar em áreas de mato, um aumento de uma erva-daninha conhecida por aderir em animais - inclusive racionais, que, inadvertidamente se encostavam em suas extremidades.

Por uma impressionante coincidência justamente algo sido escrito pelo mesmo escriba deste livro, olha só, que coisa!.

"*De acordo com Van Loon (2002), um marco nas obras de ficção científica foi o livro de Michael Crichton (1969), "Enigma de Andrômeda", que também se tornou filme em 1971, dirigido por Robert Wise. O enredo se refere à entrada de um agente microbiano alienígena no retorno de um satélite artificial à Terra. Isto gera mortandade na população de uma cidade do interior dos Estados Unidos (com exceção de um bebê e um idoso). A trama evolui ao descrever as tentativas do grupo de cientistas em um laboratório para debelar a crise. Mas, o que se vê é a limitação e a ineficiência de suas ações e como o acaso fortuito leva a um final bem-sucedido, decorrente de uma mutação benigna do microrganismo. Na história, era crucial a plausibilidade científica da narrativa, rompendo com um padrão fantasioso da ficção científica. O argumento se centrava na efetiva e assustadora possibilidade de os 'fatos' descritos acontecerem e de os intentos realizados para conter a situação não serem suficientes para reverter a ameaça. Nada do que ocorre é absurdo ou fantasioso.*

Estas obras refletem um ponto de vista que, de alguma maneira, se tornou vigente na atualidade – a necessidade de se confiar nas instâncias institucionais contemporâneas, que não primam por uma imagem de confiabilidade. Isto permite a geração de uma atmosfera apocalíptica como efeito das disfuncionalidades colaterais da tecnociência. Cria-se um ambiente no qual as doenças infecciosas emergentes se manifestam como se tivessem se transformado nas pragas bíblicas agora presentes em nossa realidade". (Castiel, L.D., Sanz-Valero, F. J, Vasconcellos-Silva, P.R., 2011).

Os botânicos declararam que se parecia com uma variante do gênero *Acanthospermum* pertencente à família *Asteraceae* - uma planta daninha que possui sementes avantajadas com espinhos capazes de aderir em vestimentas e nos pelos de animais. Isto proporciona que tais sementes sejam transportadas para outros locais e aí germinem. Isto ocorre em maior profundidade quando comparada com outras plantas daninhas. Sua presença indica baixa qualidade do solo erodido por processos de degradação.

(https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/carrapicho/35645/, consultado em 05/04/2020)

Na verdade, as diminutas estruturas de RNA do SARS-COV-2 só "existiriam" como "semi seres vivos" no ato da reprodução no escurinho das células de seus incautos hospedeiros. Mas, ao caírem em solo degradado, por esses acasos misteriosos que escapam à razão humana, sofrem uma impressionante mutação.

Ocorre um descomunal crescimento e também, uma forma de mimetismo ao adotar a aparência de uma estrutura vegetal pré-existente. Por sorte replicando o funcionamento de um comportamento bem mais benigno que o SARS-COVID-2. Mas, que mesmo assim, não deixa de indicar ainda um aspecto de disfuncionalidade fundamental. Deve haver uma mudança radical nas ações humanas que levam à deterioração de seu meio-ambiente. Pois, estas são bem mais daninhas do que as ervas assim chamadas. E não sabemos se estão numa forma dormentes para retornar à sua forma nano malévola quando as pessoas derem alguma bobeira como em certos finais de filmes de terror.

Não percam.

Carrapichovid-20

Fonte: (https://brasildelonge.files.wordpress.com/2015/04/velcro-2.jpg, consultado em 05/04/2020)

Castiel, L.D., Sanz-Valero, J., Vasconcellos-Silva, P.R. Das Loucuras da Razão ao Sexo dos Anjos Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2011

The Daily Planet

27 APR 2020

The metamorphosis of a deadly virus

By DEDALUS CIVILISTA

At first, very softly, the first indications manifested themselves. It was something incredible, fantastic, extraordinary. There was no further sign of a new CASE of COVID-19 in various regions of the planet. Hard to explain. Health authorities in general and virologists and infectologists in particular were astonished and could not explain the reasons for this unexpected and welcome situation. Also because it had not yet been possible to have guarantees of the effectiveness and safety of anti-child vaccination. But it didn't take long for another occurrence to be noticed, without any connection between one thing and another. In certain regions of tropical climate, it began to be noticed in areas of bush, an increase of a weed known to adhere in animals - including rational, which inadvertently leaned against their extremities. Botanists declared that it looked like a variant of the genus Acanthospermum belonging to the family Asteraceae - a weed that has large seeds with thorns capable of adhering in clothing and animal hair. This allows such seeds to be transported to other places and to germinalse there. This occurs in greater depth when compared to other weeds. Its presence indicates low soil quality eroded by degradation processes. In fact, the tiny RNA structures of SARS-COV-2 would only "exist" as "semi-living beings" in the act of reproduction in the darkness of the cells of their unwary hosts. But as they fall into degraded soil, by these mysterious chances that escape human reason, undergo an impressive mutation. There is an unusual growth and also, a form of mimicry when adopting the appearance of a pre-existing plant structure. Luckily replicating the operation of a behavior much more benign than SARS-COVID-2. But, even so, it still indicates an aspect of fundamental dysfunction. There must be a radical change in human actions that lead to the deterioration of their environment. yes, these are a lot more weeds than so-called herbs. And we don't know if they're in a dormant way to return to their malevolent nano form when people give something silly like in certain horror movie endings.

Reuters

International Moose Count Underway

By BOB O'BOBSTON

The UN-sponsored International Moose Census got off to a flying start today with hopes for an increase in the worldwide moose population compared to last year's disapointing figures. Among the traditional early reporters were Egypt, returning figures of six moose, a twenty percent increase on 2011's figures of five, and Uruguay whose moose population remains stable at eleven.

According to Robbie McRobson, head of the UN Moose Preservation Council, worldwide moose numbers are expected to grow markedly on last year due to the traditional moose strongholds of Canada and the United States, with the larger developing moose ecologies also poised to make gains. The largest percentagge increase in moose will likely come from China", says McRobson, 'The Chinese government has invested heavily in moose infrastructure over the past decade, and their committment to macrofauna is beginning to pay dividends". Since 2004 China has expanded moose pasture from 1.5% of arable land to nearly 3.648% and moose numbers are expected to rise to 60,000 making China a net moose exporter for the first time. This is good news for neighbouring Mongolia, a barren moose-wasteland whose inhabitents nonetheless have an insatiable desire for the creatures. The increase in Beijing-Ulanbataar trade is anticipated to relieve pressure on the relatively strained Russian suppliers, but increase Mongolia's imbalance of trade with its larger neighbour.

Historically the only competitor to China in the far eastern moose markets has been Singapore but the tiny island nation is set to report a net loss, expecting a decrease of more than five percent on last year's 50,000 moose counted. The head of Singapore's Agency for Agriculture, Jing-Feng Lau, explained to an incredulous Singaporean parliament yesterday that bad weather had contributed to this season's poor showing, most notably when a cargo of 150 moose were swept out into the Indian ocean in a monsoon.

Yet again the global demand for moose will be met largely by the US and Canada. The recession-hit States is taking comfort in its moose growth figures with gross production expected to break 700,000 and net exports to grow by 2%. The worldwide dominance of Canada shows no signs of abating though with this year's moose population expected to match last year's record figures of one hundred million billion.

Europe's rise as an international moose power will slow slightly this year as a response to the European Union's move towards standardising the European moose. Stringent quality controls are holding back the development of the eastern european

(subvertendo René Magritte)

ISTO NÃO É FAKE NEWS